

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

Jardel Modenesi Fiorio

DRIBLANDO EM TERRAS CAPIXABAS:
etnografia em uma escolinha de futebol de uma cidade do interior do Espírito Santo

Niterói

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

Jardel Modenesi Fiorio

DRIBLANDO EM TERRAS CAPIXABAS:

etnografia em uma escolinha de futebol de uma cidade do interior do Espírito Santo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Simoni Lahud Guedes

Linha de Pesquisa da orientadora: Antropologia do Corpo e do Esporte

Projeto da orientadora: Os espaços da emoção

Niterói

2014

Banca Examinadora

Profª. Orientadora – Drª Simoni Lahud Guedes
Universidade Federal Fluminense (PPGA/UFF)

Prof. Dr. Édison Luís Gastaldo
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGCS/UFRRJ)

Prof. Dr. Martin Curi
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ)

Prof. Dr. Antonio Jorge Gonçalves Soares
Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGE/UFRJ)
Professor suplente (externo)

Prof. Dr. Luiz Fernando Rojo
Universidade Federal Fluminense (PPGA/UFF)
Professor suplente (interno)

RESUMO

A pesquisa realizada pretendeu analisar o processo de ensino/aprendizagem do futebol em Linhares, uma cidade média do norte do Espírito Santo. Para tanto, o recorte empírico é a escolinha de futebol do Linhares Futebol Clube, que é o time representante da cidade nas competições estaduais, buscando problematizar os fatores relacionados à formação do jogador, as competências físicas, técnicas-táticas e comportamentais exigidas em cada categoria etária, bem como as estratégias de decisões dos atores, principalmente dos agentes de ensino/treinadores. Para isso, foi feito um trabalho de campo focado na observação participante e no cotidiano da escolinha e demais espaços ligados a ela, por exemplo, os locais de jogo, além de conversas formais e informais com atores envolvidos e outras pessoas ligadas a esse meio futebolístico. Tal estudo possibilita, por um lado, a apreensão de uma parte da sociabilidade dos jovens em um contexto urbano local, e, por outro, compreender a peculiaridade desse processo futebolístico em um espaço caracterizado por estar fora dos grandes centros do futebol brasileiro.

Palavras-chave: Esporte. Futebol Capixaba. Linhares. Escolinhas de Futebol. Ensino/aprendizagem.

ABSTRACT

This research had purposed to analyze the process of teaching/learning football in Linhares, an average city in the north of Espírito Santo. Thus, the empirical cut is the football school of Linhares Futebol Clube, that's the representative team of the city in states competitions, seeking to problematize the factors related to the formation of young players, physical, techniques-tactics and behavioral skills required in each category age, as well as strategies actor's decision, especially the teaching agents/coaches. To that was done a fieldwork focused on participant observation and in school day by day and other spaces connected to it, for example, the place of the games, formal and informal conversations with actors involved and others persons related with this football world. This study make possible, on one hand, the apprehension of part youth sociability in a local urban context, and, on the other hand, to understand the peculiarity of this football process in a space characterized by being out of the great centers of Brazilian football.

Keywords: Sport. Capixaba Football. Linhares. Schools of Football. Teaching/learning.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos meus pais, Isaac e Lourdes, pelo carinho, pelo zelo, pelos ensinamentos, pelo apoio e conselhos em minhas decisões e por compreender minhas escolhas profissionais. À minha irmã, Nathalia, e esposo, Arles, pela torcida e apoio. À avó Martha e avô Jovino (*in memoriam*), pelos almoços de domingo e por acompanharem desde quando entrei no mestrado, sempre na curiosidade em saber o que fazia e quando terminaria.

À minha orientadora Simoni Lahud Guedes, que me recebeu aos “45 minutos do segundo tempo” e acolheu meu projeto. A ela sou grato pela orientação, pelos conselhos, pela dedicação, pela confiança e pela generosidade.

Aos professores Martin Curi, pela disponibilidade e conselhos na defesa do projeto e aceitar fazer parte da defesa da dissertação, Luiz Rojo, também pela disponibilidade e conselhos na defesa do projeto, e Édison Gastaldo, por aceitar participar da banca da dissertação.

Ao PPGA, pela possibilidade de promover o enriquecimento do conhecimento acadêmico. Aos professores que ministraram as aulas. À equipe administrativa do programa, pelos auxílios prestados. Ao CNPq, pelo provimento da bolsa de pesquisa.

Aos companheiros de mestrado, por compartilhar a vida de mestrando, pelos momentos alegres e conversas antropológicas. Aos amigos cariocas, pelo acolhimento e receptividade. Aos amigos “não-cariocas” que encontrei quando morei em Niterói, compartilhando o mesmo sentimento de estar em “terras estrangeiras”.

Ao amigo Renan Marques Birro, pela amizade desde os tempos de graduação, que também se fez presente em seu período de mestrado em História, na UFF, e um grande apoiador do tema deste trabalho. Aos amigos de longa data, cuja amizade permanece, apesar da distância e do passar dos anos.

Por fim, e não menos importante, ao pessoal da escolinha e do Linhares F.C, em especial Delei, Adauto, Tiago e todos os alunos, por possibilitarem a realização deste trabalho. A eles desejo todo o sucesso e realizações de sonhos.

SUMÁRIO

⊕ INTRODUÇÃO	9
⊕ Preleção: sobre o tema e a escolha	11
A escolha do tema	11
O tema	11
⊕ Aquecimento: contextualização	13
⊕ PRIMEIRO TEMPO	24
1. ESPORTE x JOGO	24
2. A FORMAÇÃO DO JOGADOR E O FENÔMENO DAS ESCOLINHAS	36
⊕ 2.1. A formação do jogador brasileiro	36
⊕ 2.2. As escolinhas de futebol	45
3. A CIDADE E O TIME	52
⊕ 3.1. A cidade de Linhares-ES	52
⊕ 3.2. O time da cidade: Linhares F.C.	56
⊕ SEGUNDO TEMPO	58
Sobre o trabalho de campo	58
4. A ESCOLINHA DO LINHARES F.C.	61
5. AS CATEGORIAS ETÁRIAS E AS COMPETÊNCIAS	72
⊕ 5.1. Pré-mirim ou Sub-11	72
⊕ 5.2. Mirim ou Sub-13	77
⊕ 5.3. Infantil ou Sub-15	82
⊕ 5.4. Apontamentos sobre as competências	88
5.4.1. Força	89
5.4.2. Maturidade	91
5.4.3. Humildade	91

5.4.4. Seriedade.....	92
5.4.5. Vontade.....	93
5.4.6. Capacidade de antecipar jogadas/pensar rápido/visão de jogo	94
5.4.7. Qualidades específicas e posicionamento e campo	95
6. ENSINO/APRENDIZAGEM DO FUTEBOL NA ESCOLINHA	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	112
ANEXOS	117

INTRODUÇÃO

Mais uma tarde de sol na cidade. O calor escaldante no norte do Espírito Santo castiga o “tapete verde” e os participantes dos rotineiros treinos futebolísticos do Centro de Treinamento do Linhares Futebol Clube. Aos poucos, surgem os barulhos das bicicletas e dos carros, anunciando a chegada dos garotos. Eles se reúnem, se cumprimentam, conversam, brincam, enquanto se preparam para mais um dia do sonho de ser jogador de futebol. Os mais apressados rapidamente se aprontam e aguardam, com os pés irrequietos para entrar no gramado, o chamado do treinador, que ajeita os preparativos para iniciar os trabalhos. Para agilizar, conta com a ajuda do assistente: “Jaime¹, quantos ‘talentos’² tem aí?”, “Jaime, traz aquelas bolas, os cones”. Tudo para não perder tempo e planejar a sequência dos treinos.

Assim, inicia-se a primeira turma de garotos, os mais velhos. Enquanto estes jogam, o treinador e seu assistente pensam e organizam a próxima turma, cujos meninos aguardam ansiosos: alguns observam os mais velhos jogando; uns conversam e brincam entre si; outros tentam pegar uma bola para fazer aquecimento, mas costumam ser repreendidos pelo treinador, para não atrapalhar e não cansar.

Após uma hora de treino, termina a primeira turma, os meninos deixam o campo, reclamam alguns lances, uns zombam outros por causa de alguma jogada. Os mais “fominhas”³ pegam uma bola sobrando e jogam em um lugar separado. O treino segue com a segunda turma, a do meio, muitas vezes já pré-preparados pelo assistente, para aproveitar mais o tempo. Enquanto estes treinam, os meninos da turma seguinte que chegaram mais cedo também esperam ansiosos, conversando, brincando. Pouco antes de terminar a segunda turma, o auxiliar faz um rápido aquecimento com a terceira turma, no intuito de agilizar o treino, assim como na turma anterior.

Após mais uma hora de treino, é finalizada a terceira e última turma do dia. Com a ajuda de alguns garotos, os materiais são recolhidos para serem guardados. Demonstrando

¹ Os nomes utilizados no trabalho serão preservados. Dessa forma, optei por utilizar codinomes aos envolvidos na pesquisa.

² Uma forma carinhosa que o treinador usa como referência aos alunos.

³ Expressão usada para caracterizar um jogador individualista, que não toca a bola. É usada também para denominar aqueles que sempre jogam bola, que continuam depois do treino, que não perdem uma oportunidade de jogar bola, independente do que aconteça.

preocupação com os alunos, o treinador pede para eles agilizarem a ida para casa, antes que o tempo escureça. Enquanto os alunos deixam o local, os materiais são guardados na “secretaria”⁴. Tudo é feito de modo apressado. É justamente desse jeito que é encerrado mais um dia de treino, sempre muito corrido e sem perder tempo. Como disse o diretor do clube certo dia: “Futebol é correria”. No entanto, para muitos alunos, a “partida” do dia ainda não terminou, pois ainda encontram tempo e disposição para jogar nas ruas, nas quadras e “peladas” espalhadas pela cidade.

O relato acima nada mais é do que um típico dia de treino na escolinha de futebol do Linhares F.C, quiçá parecido com o que ocorre em muitas outras escolinhas em outros cantos do Brasil. Digo típico em uma perspectiva geral do funcionamento dos treinos, mas nunca estático, pois sempre há algo novo, diferente, acontecimentos inusitados, um programa de treino diferenciado – tanto de uma categoria para outra quanto de um dia para o outro. Dessa maneira, basicamente isso foi o trabalho de campo que desenvolvi, buscando apreender as relações entre atores sociais e suas escolhas, a rotina de treino, os jogos amistosos e torneios, as atitudes e as decisões em um contexto, em uma determinada ação. Com isso, de um lado, como aspecto mais geral, a intenção do presente trabalho foi compreender a formação do jogador de futebol em uma cidade média do Espírito Santo, fora do grande palco futebolístico nacional. De outro lado, como aspecto mais específico, o intuito foi analisar o evento das escolinhas de futebol, por meio de uma etnografia, buscando entender a questão das classificações etárias (as categorias), as opções dos treinadores, as características, as competências e qualidades e os dispositivos empregados naquele espaço e em determinada situação.

Dito isso, o trabalho é importante na tentativa de contribuir para a Antropologia do Futebol e para a compreensão de uma sociabilidade da juventude masculina, agregando novos conhecimentos e visões ao mundo do futebol, baseando-se em uma realidade futebolística que, diretamente, está fora dos grandes centros do futebol de espetáculo, mas ao mesmo tempo inserido nele, indiretamente, reproduzindo representações provenientes desses centros, “consumindo” esse futebol de espetáculo, disponibilizando jogadores.

⁴ Na verdade, é mais uma despensa, um quarto para guardar o material esportivo.

⚽ ⚽ ⚽ **Preleção: sobre o tema e a escolha** ⚽ ⚽ ⚽

A escolha do tema

O futebol sempre fez parte de minha vida: jogava bola na rua, nas aulas de educação física da escola, nas escolinhas de futebol, sempre fui aos jogos do time da minha cidade, participei de campeonatos, acompanhando as notícias futebolísticas, torcendo para o meu time. No entanto, só conheci o futebol como objeto de estudo há pouco tempo, quando me chamou a atenção a temática sobre a formação do jogador de futebol. Então, como treinei na escolinha Companhia de Craque, que deu origem ao Linhares F.C., despertou-me o interesse em pesquisar o tema aí.

Assim, a ideia inicial era o time de juniores como objeto, pois o seu treinador era um amigo meu, o que julguei uma possibilidade de obtenção de informação maior por conta disso. Além disso, o responsável pela escolinha do Linhares F.C fora meu treinador na época em que treinava. Após o primeiro contato com o campo, para saber a viabilidade da pesquisa, descobri que tal amigo não estava mais no clube, e o time dos juniores dava sinais de certas dificuldades de manutenção, de estabilidade ao longo do ano. Na defesa do projeto, foi-me sugerida a possibilidade de trabalhar com a escolinha. Diante disso tudo, foi justamente a minha opção, e decidi fazer uma etnografia na escolinha do Linhares F.C.

Desse modo, dediquei-me a acompanhar a rotina de treino da escolinha, durante a semana, e os jogos aos finais de semana. Isso será detalhado mais para frente. Antes disso, julgo ser importante fazer uma contextualização da formação do jogador de futebol no Brasil e o fenômeno das escolinhas.

O tema

Conhecido como a “pátria de chuteiras” – alcunha de Nelson Rodrigues⁵ –, acredito não haver dúvidas que o Brasil tem o futebol como seu esporte mais popular, pois é responsável por despertar sentimentos, criar representações, símbolos, identidades, além de expectativa de carreira profissional para muitos jovens, ou seja, sua importância transcende

⁵ Sobre Nelson Rodrigues e a relação entre futebol, pátria e povo, Pimenta resume em uma nota de rodapé: “Nelson Rodrigues foi quem melhor identificou o caráter nacional do ludopédio. O complexo de inferioridade brutal alimentado pelo brasileiro, diante da nossa condição de povo subdesenvolvido, comparada aos padrões europeus, é extraído, segundo Nelson Rodrigues, de nossa alma coletiva, na medida em que o Brasil conquista, por intermédio da arte de jogar bola, os títulos mundiais” (PIMENTA, 1997, nota 17, p. 60).

o âmbito esportivo. Como disse Pimenta acerca do futebol brasileiro: “Enraizado em nossa cultura, não se pode negar a sua influência na formação da mentalidade e comportamento do homem brasileiro” (PIMENTA, 1997, p. 39).

É esse aspecto que faz com que a ideia do futebol como “ópio do povo”⁶ – visão de caráter utilitarista, concordada por muitos autores marxistas e pessoas do senso comum –, alheio às questões sociais, seja errônea. Um exemplo muito recente que desmistifica esse pensamento, e corrobora a interação entre futebol e sociedade, foi o que aconteceu em 2013, durante a realização da Copa das Confederações, quando se espalharam os protestos por todo o país, ou seja, ativando o caráter contestador da população. Há muitos outros exemplos que servem de análise para o entendimento dessa relação, mas explicitá-los aqui fugiria ao tema. O importante é compreender que o esporte, aqui no caso o futebol, é produto e produtor da sociedade brasileira e seus diversos contextos. Nas palavras de DaMatta,

O esporte faz parte da sociedade, tanto quanto a sociedade também faz parte do esporte. Impossível compreender-se uma atividade (ou um plano de atividades), sem referencia à totalidade na qual está inserida. Esporte e sociedade são como duas faces de uma mesma moeda e não como o telhado em relação aos alicerces de uma casa. Suas relações não são de ‘estratificação (...)’, mas relações expressivas, dramáticas, onde começo e fim se rebatem um no outro; onde as regras (...) transformam-se em atores (DAMATTA, 1982, p. 23).

Assim, trazendo à baila o foco deste trabalho, o estudo da formação do jogador de futebol no Brasil é importante para contribuir nesse entendimento da relação entre sociedade e futebol.

As transformações econômicas, políticas, sociais e culturais da sociedade brasileira refletem – e são refletidas – no futebol, interferindo na busca de uma carreira esportista por parte dos jovens, e, conseqüentemente, exigindo novos meios de alcançá-la (PIMENTA, 2006, p. 13-14). É dentro dessas mudanças que está inserido o surgimento das escolinhas de futebol como um dos mecanismos de formação do jogador de futebol.

⁶ DaMatta faz uma crítica a esse pensamento: “Dizer, pois, que o ‘futebol é o ópio do povo’, é acentuar que a relação une dois termos individualizados como se eles fossem ‘naturais’. Depois, é insistir que o laço é de oposição – pois o futebol milita de algum modo contra a sociedade brasileira e seus ‘reais interesses’. Finalmente, o futebol milita contra a sociedade brasileira de um modo especial”. (DAMATTA, 1982, p. 22).

No Brasil, há um imaginário de que o jogador brasileiro tem seu estilo proveniente da várzea, por meio da aprendizagem de técnicas corporais que lhe são peculiares, enquanto que as escolinhas estariam baseadas em um aprendizado futebolístico diferente.

O que seriam essas escolinhas? De acordo com Santos, “pode-se afirmar que se trata de possíveis arranjos na diversidade de se vivenciar a experimentação da prática do futebol no Brasil como experiência sócio-cultural” (SANTOS, 2009, p. 222). Ou seja, a escolinha, além de um local de ensino para a prática, funciona como um espaço de sociabilidade, no qual os meninos se reúnem para aprender e compartilhar as técnicas do futebol. Há diferentes tipos de garotos e diferentes motivos para estarem lá, mas uma coisa parece unânime: a escolinha como um local de aprendizagem do futebol. Logicamente, o tipo de aprendizagem, as técnicas ensinadas e o modo como é ensinado variam de acordo com os atores e as instituições. Sendo assim, é isso que buscamos analisar na pesquisa, a peculiaridade do processo de formação num espaço fora dos grandes palcos do futebol brasileiro. Nesse contexto, também será possível analisar as expectativas e projetos dos jovens envolvidos, referentes ao campo esportivo ou não, examinando suas estratégias para atingi-los.

Desse modo, por um lado, de um modo geral, o trabalho contribui para os estudos futebolísticos e entendimento do futebol nacional; e, por outro, de um modo específico, contribui para o entendimento da sociabilidade dos jovens e da sociedade capixaba (e sua relação com o futebol).

⚽ ⚽ ⚽ **Aquecimento: contextualização** ⚽ ⚽ ⚽

Antes de entrar no caráter específico, faz-se necessária uma contextualização breve acerca do futebol brasileiro e sua relação com a sociedade, estilo de jogo e a formação do jogador.

Portanto, para entender a formação do jogador, é preciso ter em mente a sua relação com a noção da construção do “estilo brasileiro” de jogar e o contexto histórico-social. Entretanto, a intenção não é detalhar toda a história do “esporte bretão” em “terras brasilis”, mas sim pontuar momentos cruciais para o entendimento do processo de formação atual – ou como ele é entendido no meio futebolístico.

Há divergências em relação à origem do futebol no Brasil, mas fico aqui com a considerada oficial: 1894, por Charles Miller⁷. Na época, as transformações sociais, econômicas e políticas da sociedade brasileira contribuíram para o surgimento do esporte no país (PIMENTA, 1997, p. 40).

Assim, difundido pela elite, *a priori*, o futebol era uma atividade exclusiva dos “(...) brancos ricos, europeus e seus filhos, e sua estrutura era essencialmente amadora e burguesa (...)” (PIMENTA, 2006, p. 44). Este fora o período considerado como “amadorismo”. Nas palavras de Toledo,

O amadorismo, regime vigente no futebol brasileiro por um período de aproximadamente trinta anos, teve o seu ocaso em 1933. Era denominado de amador pois, entre outras características fundamentais, proibia, através dos estatutos das primeiras associações e federações, que os jogadores recebessem qualquer benefício que configurasse como remuneração para jogar. Emprestava-se ao jogo um significado predominantemente educativo. Porém, frequentemente burlavam-se tais restrições, decorrendo desse fato, inclusive o aparecimento de ganhos extras, tais como as recompensas popularmente conhecidas como ‘bichos’ (TOLEDO, 2000a, p. 10).

Portanto, inicialmente, o futebol era marcado pela distinção social, pela exclusão, visto que apenas a elite tinha o privilégio da prática. Além disso, esteve ligado ao crescimento das grandes cidades e à industrialização. Exemplo dessa característica está em muitas agremiações que carregam no nome a marca de um bairro, uma cidade, um clube da elite, uma indústria, um determinado grupo social.

É importante notar que, por conter características próprias (como coletividade, competitividade), pelo traço dos elementos descritos acima e por “andar de mãos dadas” com o crescimento urbano-industrial, o futebol era a expressão simbólica e material do sentido progressista, nas décadas iniciais do século XX (TOLEDO, 1996, p. 16).

⁷ Muitos autores afirmam que o futebol já era praticado no Brasil antes de Miller, pois existem relatos da década de 1860 que informam sobre precárias partidas entre marinheiros estrangeiros, em portos brasileiros. O papel de Miller fica como o de responsável por introduzir as regras e o caráter competitivo do futebol (MAGALHÃES, 2010, p. 14). Além disso, há também a ideia de que o futebol chegou por meio das escolas, principalmente dos colégios jesuítas, também antes de Miller, como parte do currículo disciplina e de caráter pedagógico (MELO, 2000, p. 18).

Contudo, o futebol se espalhou entre as camadas populares, que se adaptou às regras e fundamentos técnicos, acrescentando-lhe significações, interpretações e ações próprias, geralmente opostas às daquelas das camadas mais ricas (TOLEDO, 2000a, p. 9).

Assim, paralelo a esse futebol “oficial”, da elite, uma nova prática surgiu, originada de

(...) um processo subterrâneo, clandestino, de paixão, de práticas futebolísticas. Driblando com engenho e arte todas as interdições, por meio da várzea, das peladas e da periferia, pretos, mulatos e brancos pobres engendraram uma posição firme e marcante historicamente: a da apropriação e invenção do código vigente, isto é, a da popularização e democratização do futebol (MURAD, 1999, p. 29).

Em suma, as camadas populares se apropriam do futebol da elite, mas o alteram para as suas particularidades, convertendo-o em uma arte criativa, plástica, imprevisível, praticada pelo povo, democrática. Características tais que marcariam, futuramente, a construção do “estilo brasileiro” de jogar. Como salienta Murad,

O futebol, que até os anos 20 era extremamente elitista, racista e excludente, passa por um processo de transformação democrática e popular, que assiste à proliferação da várzea paulistana e da pelada carioca para todo o Brasil e organiza a construção do nosso estilo de jogar futebol (MURAD, 1999, p. 34).

Uma vez difundido e popularizado o futebol, seria impossível controlar sua expansão. Dessa maneira, em finais da década de 20 e início de 30 do século XX, a sociedade modificava seus valores, devido às mudanças econômicas e sociais provocadas pelo processo urbano-industrial. Com a política industrial nacionalista, Vargas incentivou a massificação da cultura, como estratégia de construção do Estado Novo (PIMENTA, 2006, p. 44-45). Logo, a época ficou marcada pelo processo de incorporação e catalisação do futebol, visto que o mesmo havia se tornado popular. Era o começo da passagem de esporte amador para profissional. No mesmo período, especificamente anos 30, houve também a implementação das primeiras transmissões do rádio, um importante instrumento de divulgação e propagação do futebol (TOLEDO, 1996, p. 19).

Outrossim, com os rumos da profissionalização, intensificou-se a produção de manuais técnicos acerca do futebol. Anteriormente, escritos para um público específico – a

elite e seu estilo de vida – , agora estes manuais adquiriram um outro caráter, com uma concepção mais técnica do futebol e mais popular (TOLEDO, 2000a, p. 15).

Somada a esta participação torcedora, observava-se ainda a atuação mais entusiasta de alguns jornalistas da então nascente crônica esportiva especializada, engajados ao movimento e solidários às causas de muitos dos jogadores que reivindicavam e vislumbravam na profissionalização as possibilidades de legitimidade e ascensão social (TOLEDO, 2000a, p. 16).

Com isso, além do rádio, a imprensa escrita contribuiu na profissionalização do futebol, acompanhando os clubes, os jogadores, jogos, divulgando o conhecimento técnico e atraindo torcedores (PIMENTA, 2006, p. 45).

Popularizado o futebol como esporte de massa, e modificada a sua prática, a elite não via com bons olhos tudo o que acontecia, pois haviam modificado aquilo que ela praticava. Assim, “na época, com a popularização do futebol, ser jogador significava malandragem ou coisa de desocupado, vagabundo” (PIMENTA, 2006, p. 45). Então, com essa nova face do futebol, diferente daquilo que a elite concebia, “a maior parte das figuras filantrópicas e moralizadoras da elite nacional afasta-se, deixando a administração dos clubes nas mãos de negociantes e outros dignitários” (PIMENTA, 1997, p. 42). Ou seja, o jogador tinha o status de profissionalizado, mas a administração dos clubes ainda era amadora, sendo organizada por homens de negócios, do comércio, das indústrias, funcionando como uma oportunidade do atleta com habilidade no “trato da bola” trabalhar no comércio ou em fábricas e receber um bom salário, além de obter prestígio (PIMENTA, 2006, p. 45).

De acordo com Toledo (2000a, p. 10), esse período é conhecido como a primeira fase profissional do futebol brasileiro⁸,

⁸ Toledo divide a fase profissional brasileira em três momentos: o primeiro é a transição do amadorismo para o profissional; o segundo é a fase da intervenção do Estado Novo e do Regime Militar nas questões esportivas, sobretudo o futebol, marcada pela projeção mundial que o país alcança por meio das conquistas internacionais; a terceira é pós-Ditadura, a partir dos movimentos pró-democracia, por volta da primeira metade dos anos 90, e é caracterizada pela ampliação do processo de profissionalização, processos de regulamentações, por exemplo, a “Lei Pelé”, e pela participação de empresas nos patrocínios e gerenciamentos esportivos (TOLEDO, 2000a, p. 10-11). Outra divisão, porém não restrito ao caso brasileiro, mas ao caso inglês, podendo servir de base para o futebol de modo internacional, é a de Giulianotti, que divide o futebol em três momentos: tradicional, moderno e pós-moderno. O primeiro é o período amador, centrada na cultura popular operária e isolacionista. O segundo é o começo da profissionalização, a partir dos anos entre-guerras (modernidade inicial), do pós-guerra (modernidade intermediária) e, por último

(...) que teve início com o fim do amadorismo e durou até meados dos anos 40, empenhou-se em acabar com os resquícios do amadorismo às escondidas, conhecido como ‘marrom’, regulamentando os ganhos financeiros dos jogadores, sobretudo nos campeonatos mais organizados (TOLEDO, 2000a, p. 10).

A partir daí, entra o segundo momento da profissionalização do futebol brasileiro (meados de 40 até o fim do Regime Militar, para fins didáticos), formado no caldeirão de uma conjuntura marcada pela massificação do esporte, atuação da imprensa esportiva, construção dos estádios e intervenção do Estado como meio de reforçar a sua autoridade e justificativa política. Nesse período, tem-se a criação do CND (Conselho Nacional de Desportos), em 1943, por Vargas, com o intuito de centralizar as normas do esporte no país por meio da fiscalização dos clubes e federações.

Além disso, é o período em que surgem os grandes craques, oriundos da várzea, consolidada como espaço de provimento do jogador brasileiro. O Brasil começava a ganhar destaque internacional por conta do futebol, assumindo importância em termos econômicos, políticos e religiosos (PIMENTA, 2006, p. 46).

Os anos 50 marcaram o início de um significativo reconhecimento do futebol brasileiro em âmbito internacional: realização da Copa de 50 em solo nacional; conquista da Copa de 58, o primeiro título mundial. Merece destaque o papel da televisão na contribuição desse reconhecimento:

As imagens da televisão do brilho dos brasileiros na Suécia foram radiantes. O “jogo bonito” de seus cinco ilustres jogadores de frente – Didi, Garrincha, Vavá, Pelé e Zagalo – era sem igual na Europa e deixou o Reino Unido como nunca se pensara (GIULIANOTTI, 2002, p. 45).

A partir de então, impulsionado pelos cronistas da época, pela imprensa esportiva, escritores, governo, o futebol formaria um amálgama como o povo brasileiro e sua identidade, sendo utilizado como instrumento ideológico e propagandístico por parte do Estado. Desse modo, com os investimentos do Regime Militar, sobretudo a partir dos anos 70, e dos usufrutos das conquistas brasileiras internacionalmente, tem-se o ambiente de construção de uma identidade nacional.

(modernidade final), uma marcada pela ferocidade dos *hooligans*, nos tempos de Margaret Thatcher. O terceiro é marcado por uma reinvenção externa do futebol, injeções de dinheiro e marketing e participação de uma nova classe média (GIULIANOTTI, 2002, p. 48-49).

Então, o futebol foi consolidado como “mania nacional”, transformando o Brasil no “país do futebol”, na mesma medida em que o povo, até então tido como submisso e inferiorizado por conta do fracasso de 50, passou a ser concebido como privilegiado, os melhores na arte da bola. Afinal, com a vitória de 70, o Brasil era o único tricampeão mundial.

A respeito do “tri”, tal conquista causou uma euforia nacional, sendo aproveitado como propaganda pelo governo militar para melhorar a sua imagem, além de corroborar na representação da auto-estima do brasileiro e do orgulho nacional. A grande síntese disso estava na figura de Pelé, o “garoto propaganda” do Regime Militar, exaltado pelos especialistas como modelo do jogador brasileiro (negro, malandro, pobre e vencedor) e herói do tricampeonato mundial.

Nesse período, com essa postura intervencionista do Estado no futebol, e ditatorial na sociedade, alguns jogadores, assim como parte da sociedade civil, exerceram atitude de oposição ao regime, por exemplo, Afonsinho e Falcão, ambos cortados dos selecionados de 74 e 78, respectivamente (PIMENTA, 1997, p. 50).

Em fins dos anos 70, surgiram os primeiros sinais de abertura política; mas, ainda assim, futebol e Estado eram “cúmplices”. Um exemplo disso foi a Copa de 78, quando a seleção “canarina” fora comandada por Cláudio Coutinho, um técnico capitão do Exército.

Em 1979, o desgaste institucional e econômico do regime militar estava cada vez mais notório. O país iniciava uma gradual mudança. Da mesma maneira, o futebol também passaria por mudanças. Institucionalmente, tem-se a extinção da CBD e a criação da CBF (Confederação Brasileira de Futebol).

No início dos anos 80, nessa onda de clamor por mudanças e abertura política, o futebol “tabelou” com a situação vivida na época. No clima de luta pela democracia, ele também “levantou a sua bandeira”, uma experiência histórica: a Democracia Corinthiana, com os incentivos e liderança do “Doutor Sócrates”⁹. A “luta” do movimento não era

⁹ Alcunha referente ao jogador Sócrates (1954-2011), considerado um dos grandes futebolistas brasileiro e ídolo do Corinthians. Também jogou na seleção, no Botafogo de Ribeirão Preto (clube de início da carreira), no Flamengo, no Santos e na Fiorentina. O apelido de “doutor” é proveniente de sua formação em Medicina, na qual cursou sem interromper a carreira no futebol. Além disso, notabilizou-se pela sua participação política no movimento das “Diretas Já”.

apenas por mudanças no futebol, mas também na própria sociedade brasileira (MAGALHÃES, 2010, p. 72-74). Dessa maneira, o movimento foi para além do âmbito futebolístico, contagiou outros setores da sociedade contrários à ditadura, contribuindo para as “Diretas Já”, em 1983 e 1984.

Em relação ao futebol em si, mesmo com a crise vivida e as derrotas nas Copas de 82 e 86, o país parecia ter reencontrado o “jogo bonito”, principalmente nos pés de craques como Zico, Sócrates, Falcão, entre outros, após os anos marcados pela militarização da seleção de futebol (MAGALHÃES, 2010, p. 79). Mesmo com uma geração de ouro, o futebol vivia momentos ruins, por exemplo, roubo da taça Jules Rimet, de 70, e o esvaziamento dos estádios. Então, no clima de debate de mudança política, seguiu-se o debate de mudança também no futebol, da necessidade de melhorias e uma profissionalização mais generalizada.

Então, a partir da segunda metade da década de 80, com a saída dos militares do poder, o país tentava o seu restabelecimento de modo democrático, enquanto o futebol sofria graduais mudanças, marcadas pela globalização, em direção a uma reestruturação institucional. O futebol caminhava em direção ao seu terceiro momento de profissionalização¹⁰, inaugurado por volta do começo dos anos 90.

Chegava ao fim uma etapa histórica do Brasil e de seu futebol. Os anos seguintes seriam de consolidação da democracia e do modelo globalizado de esportes, cada vez mais dirigidos pelo capital internacional (MAGALHÃES, 2010, p. 80).

Vale lembrar que a mudança não era apenas local, nem específica do “mundo da bola”: o mundo vivia os fins da Guerra Fria e o advento da globalização. No final dos anos 80 e início dos 90, com a queda do Muro de Berlim e a gradual abertura da URSS, o neoliberalismo iria se impor e tornar palavra de ordem no mundo. Com isso, ganharam destaques o marketing, a publicidade e o consumo. Como foi dito que futebol e sociedade andam “abraçados”, ele sofreu reflexos dessas mudanças (MAGALHÃES, 2010, p. 119). Como não poderia deixar de ser, as mudanças que o futebol passava internacionalmente, foram refletidas aqui no país. Esse período de globalização era caracterizado pela circulação global de produtos, pessoas, trabalhos e serviços. Segundo Giulianotti, para o

¹⁰ Sobre essa periodização, ver nota 8.

cenário futebolístico internacional – denominado “pós-modernidade” – , o contexto ficou marcado pela “circulação geocultural das partes constituintes do futebol: jogadores e técnicos, torcedores e dirigentes, bens e serviços, ou informações e artefatos” (GIULIANOTTI, 2002, p. 43).

Diante desse cenário no futebol internacional, os reflexos em solo nacional não seriam impossíveis, nem tardariam a acontecer, visto que o ludopédio daqui já apresentava sinais de necessidade de mudanças. Desse modo, no pacote dessa nova profissionalização do futebol brasileiro estão presentes reestruturações institucionais, legislativas, administrativas, burocráticas, de ideias e atitudes. Essas alterações influenciaram o processo de formação do atleta, levando-o a reestruturações também. Ou seja, a preocupação por inovações não se restringiu às questões de preocupações em relação ao amadorismo dos dirigentes e administração dos clubes (PIMENTA, 2006, p.48).

Vale ressaltar algumas substanciais mudanças político-administrativas. Entre elas: criação do Clube dos 13; “Lei Zico”; “Lei Pelé”. O Clube dos 13 surgiu em 1987 como contestação ao autoritarismo da CBF, sendo composto por 13 grandes clubes brasileiros, inseridos no grande centro futebolístico: Rio de Janeiro – Flamengo, Vasco, Fluminense e Botafogo; São Paulo – Corinthians, São Paulo, Palmeiras e Santos; Minas Gerais – Cruzeiro e Atlético Mineiro; Rio Grande do Sul – Internacional e Grêmio; Bahia – Bahia. De acordo com Pimenta,

É importante acrescentar que o Clube dos 13 trouxe, além do questionamento à postura autoritária da CBF, um rompimento inicial e tímido com a estrutura paternalista sustentada pelo Regime Militar, abrindo espaço ao marketing esportivo e, principalmente, à privatização da administração dos clubes (PIMENTA, 2006, p. 52).

Conhecida como “Lei Zico”, a Lei n. 8.672/93 foi resultado de um projeto de lei pensado pelo ex-jogador Zico, também Secretário de Esportes do Governo Collor. A ideia era de promover uma radical mudança da organização do futebol, acabando com o “passe eterno” do jogador com o clube, com intervencionismo do Estado, criar o clube-empresa e modificar o sistema de voto da CBF (PIMENTA, 2000, p. 81). No entanto, ela não teve muito êxito, era mais uma lei “para inglês ver”, e bem diferente do que o Zico havia

pensado, de acordo com o jornalista Juca Kfoury em uma entrevista de Marcos Gomes e Paulo C. Carrano (CARRANO, 2000, p. 47).

Já a Lei n. 9.615/98, mais conhecida como “Lei Pelé” ou “Lei do Passe”, entrou em vigor no mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso. Iniciativa de Pelé, Ministro Extraordinário dos Esportes na época, a lei foi o resultado da retomada das discussões impulsionadas por Zico. O ponto fundamental dela foi dar liberdade de passe ao jogador, romper o vínculo que o jogador tinha com seu time, o que provocaria mudanças fundamentais no processo de formação do jogador (PIMENTA, 2006, p. 53). Vale lembrar que ela foi influenciada pelo Caso Bosman¹¹, na Europa. As duas instituíram novos regulamentos nas transações comerciais dos jogadores. A princípio, tais mudanças pareciam benéficas para os atores desse processo (SOARES; BARTHOLO; BENTO; COSTA; MELO, 2011, p. 908).

Voltando às mudanças dessa nova fase do futebol brasileiro, do ponto de vista econômico, têm-se os contratos milionários entre clube e patrocinador, jogador e patrocinador, confederação e patrocinadores, sobretudo os de material esportivo. Além disso, a transformação do clube em clube-empresa.

Há também aquelas que giram em torno da mídia, onde a televisão passou a ocupar um grande espaço no cenário futebolístico, contribuindo para o esvaziamento dos estádios e, conseqüentemente, modificando a maneira de torcer.

Uma forte característica desse período foi a ida em massa de jogadores para a Europa, principalmente, fazendo com que a seleção brasileira não fosse mais tão “nacional”

¹¹ Foi uma disputa jurídica entre o jogador belga Jean-Marc Bosman, seu clube (Liège), Federação Belga de Futebol e UEFA (Union of European Football Associations). A disputa foi iniciada com uma ação na Justiça belga, em 1990, por parte jogador contra seu clube, resultando na Lei Bosman de 1995.

“Os precedentes exatos do caso são complexos, ainda que subsequentemente tenham dado origem a uma simples ação cível em relação à liberdade de movimento de Bosman como trabalhador europeu. Bosman foi um jogador medíocre, empregado pelo time belga da primeira divisão Liège e seu contrato expirou em junho de 1990. A ele foi oferecido um novo contrato pelo preço mínimo permitido pela Federação belga, na prática reduzindo seu salário em 75%. Ele se recusou e entrou em contato com o Dunkerque, um clube francês da segunda divisão, que então concordou em fazer um empréstimo ou um acordo de transferência com Bosman e o Liège. No entanto, o Liège suspeitou da posição financeira do Dunkerque, cancelou o acordo e suspendeu o jogador. Em resposta, Bosman entrou com uma ação na Justiça, demandando mensalmente pagamentos do Liège e anulação do preço do seu passe, enquanto procurava um novo clube. Os tribunais belgas encaminharam seu caso para o Tribunal europeu, dando início ao fim do sistema de transferências europeu” (GIULIANOTTI, 2002, p. 158-159). Os impactos resultaram no crescimento da mobilidade dos jogadores, no “passe livre”.

como antes, pois muitos dos jogadores selecionados atuavam fora do país (MAGALHÃES, 2010, p. 122).

Em se tratando do aspecto dentro das linhas de campo, a pauta a ser seguida era a do futebol defensivo, objetivo, de resultado. O símbolo desse pensamento é a seleção de 94, que, desacreditada e marcada por um futebol “burocrático” e de retranca, venceu a Copa de 94 (MAGALHÃES, 2010, p. 122).

O futebol passaria a ser entendido como “megaevento” (SANTOS, T., 2000), sob os interesses do marketing, acrescentando novos significados, novos símbolos, novos ingredientes. Ou seja, essa nova “modernização” promoveu ressignificações nas relações e práticas futebolísticas, por exemplo, na forma de torcer, na relação entre jogador e torcedor, entre jogador e clube, na formação do jogador, na administração dos clubes, entre outros.

Contudo, não significa dizer que a mudança tornou o futebol homogêneo. Pelo contrário, criou-se uma gama de significados, diferentes tipos de futebol, práticas e relações futebolísticas em todo o país. Ou seja, verificam-se a existência de matrizes de futebol¹², como aponta Damo (2007). De outra forma, o futebol amador não deixou de existir por completo, em prol de um modelo de futebol profissional, isto é, um não sucumbiu com a consolidação do outro. O que se percebe é a existência de imbricações dos dois modelos, podendo coexistir diferentes tipos de práticas, seja amadora ou profissional, em um determinado contexto.

Atualmente, o futebol passa por mudanças. O campeonato nacional parece adquirir mais estabilidade, após o novo formato de pontos corridos, sem muitos casos polêmicos como outrora. Essa é uma opinião frequente na imprensa esportiva. O Brasil sediou a sua segunda Copa do Mundo, e tem causado muito burburinho por conta dos atrasos, altos custos, promessas não cumpridas na mobilidade urbana, reforma de estádios, entre outros fatores. Por conta do evento e suas modificações necessárias, fala-se muito, nos meios jornalísticos, de uma “elitização” do futebol brasileiro, sobretudo em relação ao público presente nos estádios e em uma possível mudança na forma de torcer e no perfil dos

¹² Acerca das matrizes do futebol apontadas por Damo, será um assunto tratado mais a frente. Para antecipar rapidamente, podemos dizer que, segundo o autor, para além da sua “unidade futebolística”, no futebol “(...) articulam-se diferentes maneiras de praticá-lo podendo-se agrupá-las em quatro matrizes principais que denominarei como: espetacularizada, bricolada, comunitária e escolar” (DAMO, 2007, p. 40).

torcedores. Além disso, por conta das redes sociais e dessa “proximidade” e agilidade da tecnologia dos meios de informação, percebe-se algo novo na relação entre os jogadores, entre jogador e clube, jogador e torcedor e entre torcedor e clube. Outras mudanças poderiam ser destacadas aqui, mas fugiria ao foco do trabalho. Porém, acredito ser necessário um olhar mais dedicado, debruçar-se mais no contexto atual. Ou, talvez, só mais tarde os atuais acontecimentos serão passíveis de uma análise mais elucidativa, menos “emotiva”, mais “fria”.



⊕ PRIMEIRO TEMPO ⊕

1. ESPORTE x JOGO

O debate em torno da questão esporte e jogo causa algumas inquietações, discordâncias, pontos de vista, principalmente acerca da relação entre futebol e sociedade. Toledo (2001) demonstra bem isso ao fazer a análise de alguns estudos que buscaram compreender a relação entre as dimensões lúdicas e competitivas.

Com um olhar menos atento, poderíamos simplesmente pensar o jogo como brincadeira e o esporte como sério, colocando-os em uma posição dicotômica, criando a falácia de ser uma ideia de realidade incontestável, e, assim, incitando uma desnecessidade de debate. Entretanto, se nos debruçarmos mais atenciosamente, veremos que a necessidade do debate não seria um mero capricho contestador, mas sim uma contribuição na maneira de compreender essas duas dimensões e sua relação com o futebol e outros esportes, além do futebol em si, sua relação com a sociedade. E mais, que é o mais interessante para este trabalho, que é o auxílio no entendimento dos processos de formação e ensino/aprendizagem do futebol brasileiro, mais especificamente a várzea e a escolinha de futebol. Dessa maneira, a perspectiva aqui apontada funcionará como um apoio para compreender a relação entre esses processos, que será feito adiante. Para isso, será destacada a ideia de *esporte* em Elias e Dunning (1992); em seguida, o *jogo* em Huizinga ([1938] 1993), em uma tentativa de demonstrar que as duas dimensões estão presentes no futebol, de acordo com Toledo (2001).

Para Huizinga,

O jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da “vida cotidiana” (HUIZINGA, [1938] 1993, p. 33).

Ao falar do jogo em Huizinga, Santos resume como

atividade condicionada à fruição, à informalidade, à adaptabilidade das regras que não são rígidas, ou seja, não se encontram inscritas na oficialidade, nas

convenções concretas da lei/norma. O ‘jogo’ seria a forma mais espontânea da busca pela emoção, através das atividades recreativas em que o lúdico e o prazer seriam o eixo canalizador das atividades cotidianas não-sérias (SANTOS, 2007, p. 19).

Logo, *a priori*, poder-se-ia imaginar o jogo como o oposto ao sério. Entretanto, Huizinga descarta tal hipótese, afirmando que a definição de jogo não está reduzida a essa mera oposição entre lúdico e seriedade. Ele é considerado um próprio fator cultural da vida, pois gera e integra a cultura. Esta é o próprio jogo (HUIZINGA, [1938] 1993, p. 193).

Huizinga também aproxima a competição – aspecto marcante das atividades esportivas – do jogo, dizendo haver uma “identidade” entre eles, podendo incluí-la na categoria de jogo. Ele parece incerto acerca da possibilidade de haver o elemento lúdico na sociedade industrial, apesar de colocá-la aparecendo em segundo plano e reconhecendo a sua existência, transformada em seriedade. Toledo (2001, p. 138) afirma que Huizinga oscila na tentativa de conceituar jogo entre a perspectiva de atividade não-séria e atividade séria. E ainda, a competição, em Huizinga, aparecia como um elemento de definição apenas das práticas esportivas racionalizadas das sociedades industriais.

Huizinga acredita que o “verdadeiro jogo” está ligado às sociedades antigas, arcaicas, primitivas, onde se encontra o elemento lúdico de fato. Com o advento da industrialização, a ludicidade foi ficando em segundo plano, dando espaço para os elementos sérios. Ele faz uma contextualização histórica para compreender a transição do jogo para o esporte. A sua opinião sobre esse momento de transição parece ser marcada por um pessimismo, uma descrença, um lamento dos rumos da sociedade, como se o mundo tivesse sido tomado por uma atmosfera de seriedade, superando toda a ludicidade das atividades humanas.

Parece haver pouco lugar para o jogo no século XIX. Já no século XVIII o utilitarismo, a eficiência prosaica e o ideal burguês do bem-estar social (...) haviam deixado uma forte marca na sociedade. Estas tendências foram exacerbadas pela revolução industrial e suas conquistas no domínio da tecnologia. O trabalho e a produção passam a ser o ideal da época, e logo depois o seu ídolo. Toda a Europa vestiu a roupa de trabalho. Assim, as dominantes da civilização passaram a ser a consciência social, as aspirações educacionais e o critério científico. Com o imenso desenvolvimento técnico e industrial, da

máquina a vapor à elétrica, vai ganhando terreno a ilusão de que o progresso consiste na exploração da energia solar. Em consequência, pôde aparecer e mesmo ser acreditada a lamentável concepção marxista segundo a qual o mundo é governado por forças econômicas e interesses materiais. Este grotesco exagero da importância dos fatores econômicos foi condicionado por nossa adoração do progresso tecnológico, o qual por sua vez foi fruto do racionalismo e do utilitarismo, que destruíram os mistérios e absolveram o homem da culpa e do pecado. Mas esqueceram de libertá-lo da insensatez e da miopia, e a única coisa de que ele passou a ser capaz foi de adaptar o mundo à sua própria mediocridade.

Este é o aspecto mais negativo do século XIX. (...) Jamais se tomou uma época tão a sério, e a cultura deixou de ter alguma coisa a ver com o jogo (HUIZINGA, [1938] 1993, p. 212-213).

Pode até ser que na época de Huizinga existisse uma aparente seriedade, fazendo com que as pessoas perdessem um pouco a ludicidade da vida. No entanto, o autor parece acometido por um desencanto do jogo e seu aspecto lúdico, e se tornou “cego” ao analisá-lo em seu próprio tempo – talvez seja a própria influência do pensamento da época, na qual o aspecto material estava tão presente na sociedade que funcionava como uma cortina superficial, “escondendo” os elementos mais profundos. Prova disso está no começo de sua obra, onde ele parece ter uma opinião mais flexível acerca do lúdico nas instituições modernas, mesmo que possa ser encontrado de forma cristalizada e em segundo plano (HUIZINGA, [1938] 1993, p. 54).

Além disso, chama a atenção o tom crítico às análises instrumentalistas, em especial a marxista. E, longe de ser marxista, ironicamente, Huizinga teve a sua análise servindo de apoio para os seus críticos fazerem um uso desapropriado desse pensamento de desencantamento do jogo. Nas palavras de Toledo (2001, p. 139),

Inspirados, em parte, nas reflexões de Huizinga, que analisou as competições esportivas modernas como atividades contaminadas por outras esferas da vida social, inúmeros trabalhos apontaram, com igual ênfase, para um crescente processo de desencantamento que parte dos jogos sofreram com o advento das sociedades burguesas, industrializadas e assentadas numa ética individualista competitiva.

O autor ainda prossegue dizendo que tais teóricos inspirados, como dito acima, fizeram um mau uso dessas ideias, por meio de um marxismo vulgar. O resultado disso

foram as leituras do futebol como “ópio do povo”, como um produto “alienante”, vetor de desagregação social, entre os quais Janet Lever e Pimenta (TOLEDO, 2001, p. 139).

Huizinga relaciona o jogo às grandes festas, nas civilizações arcaicas, sendo “indispensáveis para a saúde e a felicidade dos que nelas participavam”, e marcadas por um tom de ritual, de sagrado. Então, segundo o autor, o esporte teria perdido esse aspecto, tornando-se profano, “dessacralizado” e “deixou de possuir qualquer ligação orgânica com a estrutura da sociedade, sobretudo quando é de iniciativa governamental” (HUIZINGA, [1938] 1993, p. 220).

Contudo, como Huizinga não era futurólogo, não havia como prever as mudanças que a sociedade ocasionaria ao futebol e vice-versa. Um exemplo disso é a Copa do Mundo da FIFA, demonstrando o esporte ser o contrário do que ele afirmou. Na época do autor, a Copa não tinha a mesma atuação e impacto que atualmente, primeiro porque ela ainda era algo recente; segundo porque a sociedade se transformou, assim como suas práticas, pensamentos, valores. A Copa é considerada uma das maiores festas da sociedade contemporânea. De fato, ele apresenta muitos elementos que fazem parte daquilo que é entendido como dimensão esportiva, um grande evento esportivo, movimenta dinheiro, interesses político-governamentais, marketing, alta competitividade, seriedade. No entanto, ao mesmo tempo, ela pode ser entendida dentro da dimensão do jogo, sendo considerada como uma festa, promovendo alegrias, brincadeiras, interação, diversão, encontro de crenças e culturas.

Outrossim, o futebol pode ter seu lado profano, mas também possui o lado sagrado, sendo compreendido muitas vezes como um ritual. Além disso, a religião, a instituição do sagrado, está muito presente nas várias práticas e campos futebolísticos, por exemplo, ela faz parte do sistema simbólico dos jogadores, ela está presente em clubes, bandeiras, hinos, entre outros.

O que interessa para Huizinga, naquilo que ele coloca como passagem do jogo para o esporte, é a “transição do divertimento ocasional para a existência dos clubes e da competição organizada”. E, para ter acontecido tal transição, foi necessária a existência de clubes permanentes. Assim, prossegue, afirmando que a conjuntura e estrutura social da

Inglaterra foram favoráveis para a ocorrência desse processo da organização do jogo em esporte (HUIZINGA, [1938] 1993, p. 219).

Para o autor, a questão entre jogo e esporte parece estar em torno da distinção amador e profissional.

Ora esta sistematização e regulamentação cada vez maior do esporte implica a perda de uma parte das características lúdicas mais puras. Isto se manifesta nitidamente na distinção oficial entre amadores e profissionais (...), que implica uma separação entre aqueles para quem o jogo já não é jogo e os outros, os quais por sua vez são considerados superiores apesar de sua competência inferior. O espírito do profissional não é mais o espírito lúdico, pois lhe falta a espontaneidade, a despreocupação. Isto afeta também os amadores, que começam a sofrer de um complexo de inferioridade (HUIZINGA, [1938] 1993, p. 219).

Segundo nessa lógica de uma sistematização cada vez maior, Huizinga supõe um possível desaparecimento da dimensão lúdica no esporte, isto é, o amador seria superado pelo profissional.

No caso do esporte, temos uma atividade nominalmente classificada como jogo, mas levado a um grau tal de organização técnica e de complexidade científica que o verdadeiro espírito lúdico se encontra ameaçado de desaparecimento (HUIZINGA, [1938] 1993, p. 221).

Tal disposição de pensamento poderia nos levar a pensarmos na dicotomia entre o amador e profissional, como se esta estivesse mais relacionada às práticas dotadas de seriedade e “racionalização” – o que, de fato, não deixa de ser uma verdade – , enquanto o amadorismo seria uma prática mais lúdica, voltada para o divertimento, espontaneidade. Contudo, se analisarmos o caso brasileiro, tal fato não seria tão delimitado assim, visto que o processo de profissionalização do futebol brasileiro está intimamente relacionado ao surgimento e desenvolvimento da várzea, que é considerada um espaço marcado pela liberdade, espontaneidade, criatividade – logo, dispositivos atrelados ao lúdico.

Nas palavras de Toledo,

Nota-se que, em alguns contextos específicos, como no Brasil, a crescente popularização do futebol e a sua transformação em esporte de massa estiveram estreitamente vinculadas não somente à constituição de um campo profissional e midiático, o que evidentemente ocorreu, mas, concomitante, aos modos como

esta prática esportiva foi sendo apropriada nas variadas formas de praticá-lo e vivenciá-lo, como na várzea, por exemplo, futebol amador que por muito tempo guardou uma estreita relação com a prática profissional (TOLEDO, 2001, p. 139).

Não é apenas uma questão de oposição, mas de uma complementaridade também envolvida nesse processo, na qual não se trata de uma superação definitiva de um modelo em prol de outro, mas sim de permanências, transformações, ressignificações, que variam de um contexto para o outro.

É interessante pensar sobre a visão de Huizinga acerca do jogo. De fato, o seu pensamento acerca da ideia de jogo e sua dimensão lúdica é um interessante viés para compreender muitas atividades humanas, além de ter tido o mérito de conseguir uma definição plausível para tal noção. O que chama a atenção é que, em sua obra, ele parece aproximar uma diversidade de elementos – que poderiam ser entendidos como opostos à dimensão lúdica, se visto através de um olhar menos atento – à temática do jogo, por exemplo, a guerra. Esta, na época do autor, fora atingida por esses mesmos elementos sérios que interferiram no esporte, mas não deixou de ser considerada um jogo.

Então, poderíamos supor que a transição do lúdico para o sério não seria uma questão de temporalidade, pois senão seria algo comum a todas as atividades daquele período histórico, não apenas a uma ou outra. Mais interessante é que no final de sua obra ele trata o dilema do jogo e da seriedade como algo insolúvel, ao contrário do que afirma no começo, admitindo a possibilidade da compatibilidade entre essas duas esferas. Logo, poderíamos pensar porque a separação das duas dimensões parece ser mais latente no âmbito do esporte, em comparação aos demais âmbitos. Talvez seja de fato um pessimismo, um desencanto do autor perante os rumos do esporte. Talvez seja uma questão envolvendo a diferenciação entre esporte amador e esporte profissional. Isso é algo difícil de saber e delinear, e não vem ao caso, aqui, buscar compreender profundamente. O que “está em jogo” aqui é o fato que a perspectiva lúdica apontada por Huizinga, mesmo que ele discorde, pode ser tanto aproximada quanto afastada da dimensão séria do esporte.

Elias e Dunning (1992) também contribuíram para o debate dessa dicotomia esporte e jogo, com base em uma perspectiva configuracional. Estes fazem uma abordagem histórica, compreendendo a “esportificação” como um processo interdependente ao civilizador (TOLEDO, 2001, p. 140). Entretanto, mesmo sendo um fenômeno relacionado à

civilização e aos elementos da seriedade, Elias busca apontar para uma dimensão lúdica do esporte.

Dentro da relação esporte e civilização, o autor afirma

A transição dos passatempos a desportos, a ‘desportivização’, se é que posso utilizar esta expressão como abreviatura de transformação dos passatempos em desportos, ocorrida na sociedade inglesa, e a exportação de alguns em escala quase global, é outro exemplo de um avanço de civilização (ELIAS, 1992, p. 42-43).

De acordo com Toledo, Elias usa a expressão “cadeia de interdependência” para demonstrar que os esportes fazem parte desses processos globais de civilização, de maneira inter-relacionada, entrelaçado com as diversas configurações políticas, sociais, econômicas (TOLEDO, 2001, p. 140).

Logo, esporte seria a forma de confrontos regulamentados, marcados pela exigência de esforço físico e competências técnica e corporal (ELIAS, 1992, p. 46). Guedes resume:

Como demonstra Elias (1992), os esportes são formas regulamentadas e institucionalizadas de práticas corporais, algumas há muito existentes, e que, no século XIX, encontraram nas escolas inglesas seu espaço de eleição (...), erigindo-se, desde então, como uma das mais eficazes práticas pedagógicas disciplinadoras. Pode-se afirmar que a dimensão pedagógica é, de certa forma, inerente à atividade esportiva, constituindo-se a transmissão de técnicas corporais (Mauss, 1974) em importante veículo para a transmissão e reprodução de valores e significados. Constituem-se, sob este ponto de vista, como prática físico-moral (GUEDES; DAVIES; RODRIGUES; SANTOS, 2006, p. 2).

Elias prossegue, dizendo que, na atual sociedade industrializada, o esporte tem o papel complementar de exercício corporal e lazer. E mais, o fundamental, que é a função de controle da excitação, dos impulsos emocionais.

Um dos principais traços fisionômicos das sociedades altamente diferenciadas e abastadas do nosso tempo é o facto de apresentarem uma variedade de actividades de lazer superior a qualquer outra sociedade que se possa imaginar. Muitas dessas ocupações de lazer, entre as quais o desporto nas suas formas de prática ou de espetáculo, são então consideradas como meios de produzir um descontrolo de emoções agradável e controlado. Com frequência, elas oferecem (embora nem sempre) tensões miméticas agradáveis que conduzem a uma

excitação crescente e a um clímax de sentimentos de êxtase, com a ajuda dos quais a tensão pode ser resolvida com facilidade, como no caso de a sua equipa vencer uma prova desportiva. Nesta linha, as tensões miméticas das actividades de lazer e excitação com elas relacionada, isenta de perigo ou de culpa, podem servir como um antídoto das tensões provenientes do stress que, no caso da repressão global estável e harmoniosa característica das sociedades complexas, se verifica entre os indivíduos (ELIAS, 1992, p. 73).

O autor é bem taxativo ao relacionar esporte às actividades de lazer. Segue:

O desporto, tal como outras actividades de lazer, no seu quadro específico pode evocar através dos seus desígnios, um tipo especial de tensão, um excitação agradável e, assim, autorizar os sentimentos a fluírem mais livremente. Pode contribuir para perder, talvez para libertar, tensões provenientes do stress. O quadro do desporto, como o de muitas outras actividades de lazer, destina-se a movimentar, a estimular as emoções, a evocar tensões sob a forma de uma excitação controlada e bem equilibrada, sem riscos e tensões habitualmente relacionadas com o excitação de outras situações da vida, uma excitação mimética que pode ser apreciada e que pode ter um efeito libertador, catártico, mesmo se a ressonância emocional ligada ao desígnio imaginário contiver, como habitualmente acontece, elementos de ansiedade, medo – ou desespero (ELIAS, 1992, p. 73).

Assim, o que se verifica é a tentativa de uma aproximação entre esporte e jogo, e não uma dicotomia. E mais, para o autor, o esporte é justamente a solução para a oposição entre o lúdico e a seriedade, na vida cotidiana. Nas palavras de Elias e Dunning (1992, p. 288-289),

O desenvolvimento completo da maioria dos jogos-desporto, e certamente do futebol, situa-se em grande medida na solução deste problema: como manter em determinado padrão de jogo um elevado nível de tensão e de dinâmica de grupos dele resultante, enquanto, ao mesmo tempo, se procurava reduzir ao mais baixo nível possível frequentes lesões nos jogadores.

De acordo com Toledo (2001, p. 141), a perspectiva de Elias permite que esporte e jogo não sejam relacionados como dicotômicos, mas sim como um *continuum*, no qual as propriedades que definem os fenômenos jogo e esporte são pautadas pelo processo de parlamentarização da vida pública das sociedades ocidentais. E completa, afirmando que o futebol é o fenômeno esportivo que melhor exemplifica tal processo. Em suas palavras,

“Nota-se, nesse modelo, não só uma mera substituição orquestrada de uma ética do jogo por um espírito competitivo capitalista, como um processo de desencantamento verificado em perspectivas já mencionadas, mas transformações graduais que não eliminaram ou substituíram deliberadamente os jogos, apontando para configurações novas, concretizadas em fenômenos até então inexistentes, os esportes. O condicionamento coletivo e individual às regras impessoais, cada vez mais universalizadas, formaram, em suma, o apanágio das sociedades individualistas ocidentais, confirmadas também nas configurações lúdicas de nova ordem, as esportivas

A transformação da prática amadora para a profissional e, posteriormente, a incorporação cada vez maior de novos atores sociais no futebol profissional, demandas de um processo atualmente em curso nomeado de maneira valorativa pelo termo *modernização*, necessariamente não implicaram um maior acréscimo de seriedade em detrimento da fruição dos aspectos *lúdicos*, sobretudo do ponto de vista do torcedor (TOLEDO, 2001, p. 141).

Então, conclui-se que a profissionalização deu novos rumos à relação entre jogo e esporte, não podendo ser entendida como uma simples, e apenas, distinção entre amador e profissional e/ou lúdico e seriedade, como foi apontado por Huizinga.

Mesmo admitindo o mérito de Elias em romper a oposição esporte e jogo, Toledo está parcialmente de acordo com a posição de Elias, apontando para um equívoco deste, que universaliza a categoria *indivíduo*. E prossegue,

Embora não sonegue aos esportes alguns dos elementos lúdicos presentes em contextos históricos anteriores, tais como a tensão, o prazer, o divertimento, a incerteza e, a destacar, o fenômeno da violência, aliás, negligenciado em muitas das análises dos modelos dicotômicos mencionados mais acima, Elias reduz todos esses fatores ao autocontrole estabelecido pela dimensão individualista. A percepção desse autopolicimento imposto pelos constrangimentos sociais de uma ética burguesa, supostamente civilizada no que se refere ao adestramento e à pacificação dos costumes, inclusive os “esportivos”, não consistiu uma via de mão única nas sociedades ocidentais, o que pode ser verificado em contextos etnográficos específicos (TOLEDO, 2001, p. 142).

Toledo busca compreender a lógica esporte e jogo baseando-se na ideia que

a expressiva ritualidade alcançada pelo futebol em países como o Brasil somente pode ser compreendida por intermédio também de sua igualmente expressiva

rotinização e presença na vida do dia-a-dia, inclusive como linguagem metafórica articulada a outras esferas da vida social (TOLEDO, 2001, p. 146).

Para isso, ele se baseia na relação entre história e mito em Jonathan Hill, para o qual estas não seriam tipos distintos, mas sim duas formas possíveis operando universalmente. Então, ele faz uma argumentação paralela a esta, na qual o futebol adquiriu centralidade como um articulador dessas duas “formas de consciência”.

Embora o futebol se consubstancie em eventos que se sucedam através de scores, placares, títulos, campeonatos, calendários, estatísticas (aspecto caro para outros esportes tal como o basquete), apresenta-se também como um feixe de acontecimentos que se atualiza de maneira sobreposta e justaposta à memória coletiva, traindo, de certo modo, sua historicidade e as estatísticas, transfigurando fatos em sagas, eventos em acontecimentos excepcionais, nem sempre articulados numa narrativa linear, ainda que, obviamente, uma certa experiência cronológica balize as discussões em torno dele (TOLEDO, 2001, p. 146).

Dessa maneira, baseando-se na ideia de uma aproximação entre a dimensão do mito e da história, Toledo aplica essa lógica de operacionalidade entre elas ao caso da relação entre esporte e jogo. Ou seja, mesmo que os elementos profissionais e especialistas estejam marcados por processos de institucionalização, tecnicidade, profissionalização, apontando para uma historicidade linear de transformações históricas do esporte e da sociedade, nos moldes explicitados por Elias, a dimensão do jogo também está presente, marcada por uma sincronicidade como possível dimensão do mito. Este que é visto como jogo, como dimensão lúdica, por Huizinga. Dessa maneira, o autor utiliza as dimensões história e mito como um paralelo de aproximação das dimensões esporte (Elias) e jogo (Huizinga), respectivamente. Mas isso só é possível a partir de uma análise de contraste com a dimensão cotidiana, isto é, como ele é “vivido”, “jogado”, “reinventado” no cotidiano (TOLEDO, 2001, p. 146).

O intuito aqui proposto não foi fazer um aprofundamento acerca do debate sobre as definições de esporte e jogo, nem uma revisão bibliográfica sobre o tema, apesar de a discussão ter se estendido mais do que o pretendido. Além da discussão se mostrar um importante debate construtivo para os estudos do campo esportivo, e futebolístico, a intenção foi demonstrar a possibilidade de se pensar as duas dimensões não apenas como dicotômicas, mas também como complementares. Não se trata da troca de um modelo para

o outro, mas de um processo que, de acordo com o contexto, uma estará mais sobreposta à outra, ou até mesmo atuando de maneira conjunta.

Desse modo, podemos levar essa ideia para o futebol, em especial o espaço de ensino/aprendizagem do futebol. Ou seja, não pensar a formação do jogador brasileiro baseando-se apenas na distinção entre várzea e escolinha, mas como um processo histórico-social de transformação da sociedade e futebol brasileiros, marcado por permanências, novos significados, contextualizações, atualizações. O que poderíamos compreendê-lo, por meio de uma análise mais empírica e contextual, como um processo marcado por elementos que não apenas se opõem, mas também se complementam.

Assim, temos as escolinhas como um exemplo desse pensamento. Um espaço compreendido muitas vezes como sendo marcado pela disciplina, pela competitividade, pela busca da profissionalização, supervalorização da tática e métodos científicos – o que não deixa de ser verdade – e, ao mesmo tempo, um espaço que não ignora o lúdico, a diversão, a brincadeira, que estão presentes na pedagogia, no discurso dos agentes, na prática e rotina dos treinos, na sociabilidade.

É comum ouvir dos pais a afirmação de que colocaram os filhos na escolinha para aprenderem a ser disciplinados ou para se profissionalizarem. Ela aparece como um espaço de transmissão e reprodução de valores éticos e morais disciplinadores, pautados na construção da cidadania. Utiliza-se de um discurso baseado na ideia de missão civilizatória. Um discurso que está relacionado ao que os atores acreditam ser função do esporte. Além disso, há o discurso de proporcionar a profissionalização, ou seja, tornar a brincadeira algo sério, utilizando, para isso, pedagogias baseadas na competição, na racionalização das atividades, no ensino metódico. Logo, tais fatores aproximam a escolinha dessa noção de esporte relatada neste capítulo.

Todavia, ela não perde seu elemento lúdico. Ao mesmo tempo em que a pedagogia se baseia nesse caráter esportivo, ela aponta para um ensino pautado na brincadeira, na liberdade. Isso pode ser percebido ao analisar a categorização das faixas etárias, no sentido que quanto menor a categoria maior o caráter lúdico das atividades. Como será visto mais à frente, para o Sub-11, por exemplo, tem-se um ensino que visa dar liberdade aos alunos, estimulando a criatividade deles. Já no Sub-15, por exemplo, o ensino metódico, racional,

esportivo é muito maior, mas também não deixa de apresentar a ludicidade (um “treino coletivo” é muitas vezes entendido como uma diversão). Então, lúdico e esporte estão presentes não apenas nas sistematizações das categorias, mas inseridas em cada uma e de variadas formas. O assunto será mais bem dimensionado nos capítulos seguintes.

2. A FORMAÇÃO DO JOGADOR E O FENÔMENO DAS ESCOLINHAS

2.1. A formação do jogador brasileiro

Feita a contextualização do futebol brasileiro (na última parte da Introdução), ponto crucial no auxílio do entendimento das práticas de seleção do jogador, passemos para a análise da formação do futebolista brasileiro, para depois tratar do caso específico.

Como visto anteriormente, a construção do futebol brasileiro está inserida em um processo histórico-social, bem como suas relações e suas práticas, isto é, a sua relação com a identidade nacional e do povo, o estilo de jogo, o perfil do jogador brasileiro e a sua formação. Dito isso, recapitularemos brevemente as passagens históricas, mas agora focando no aspecto da formação e perfil do jogador.

Então, em um primeiro momento, tem-se uma prática amadora, na qual os jogadores eram provenientes da elite, e o futebol era conhecido como um “jogo de cavalheiros”. O futebol era um instrumento educativo, de transmissão dos valores burgueses e aristocráticos. Os jogadores não eram remunerados, contando apenas com um ganho extra, o “bicho” (prática comum até hoje, principalmente em times menores, menos “profissionais”, fora da grande cena do futebol espetáculo, como um incentivo um salário extra).

O futebol se espalhou pelas camadas populares, atuando de modo “subterrâneo”, praticado nos campos de várzea, readaptando-se às suas realidades e garantindo novos significados para a prática futebolística.

Da década de 30 à década de 60 a estrutura do futebol permaneceu envolvida no processo de profissionalização do jogador. Na época, com a popularização do futebol, ser jogador significava malandragem ou coisa de desocupado, vagabundo. Na periferia, nos terrenos baldios, nas cidades interioranas, nas classes populares surge uma infinidade de “craques” (PIMENTA, 2006, p. 45).

Ao contrário dos jogadores, a administração do clube era ainda amadora e estava nas mãos de homens de negócios, industriais, que aproveitavam para “recrutar” os jogadores em suas fábricas. Assim, os jogadores eram em sua maioria de origem proletária, moradores da periferia, e tinham no futebol um meio de obter prestígio. Além disso, eram provenientes dos campos de várzea.

Paralelamente a essa expansão do futebol, ocorreu o processo de urbanização, contribuindo para o surgimento de terrenos vazios e reorganização do espaço urbano. Nesse processo, vale destacar o papel da várzea, exemplo dessa relação entre futebol e urbanização/industrialização. A partir de então, ela seria uma das marcas daquilo que ficaria conhecido como “estilo brasileiro”, o local de origem dos jogadores brasileiros, o “celeiro de craques”.

Nos anos 50, 60 e 70, com as conquistas internacionais, o jogador brasileiro passou por um processo de consolidação da sua imagem de melhor do mundo e a várzea como o “berço” dos craques. É nesse período que se consolidou a noção do estilo à brasileira, da “essência” do futebol e jogador brasileiro: uma visão romântica acerca do futebol brasileiro e até hoje lembrada e exaltada por jornalistas, torcedores, jogadores, diretores e treinadores, ou seja, o meio futebolístico. Nas palavras de Toledo,

O futebol brasileiro, sobretudo aquele praticado nas décadas gloriosas de 50 e 60, culminando com o tricampeonato mundial de 1970, foi e tem sido com frequência associado a um romantismo, à suposta espontaneidade inata do brasileiro, ao sangue da raça; época em que surgiram os grandes craques como Garrincha, Pelé e tantos outros (TOLEDO, 1996, p. 22-23).

Na tentativa de entender a relação entre futebol e povo brasileiro, Guedes toma como ponto inicial as ideias de Gilberto Freyre (“Foot-ball Mulato, 1938), “(...) uma das primeiras e mais influentes construções do que viria a ser conhecido como ‘futebol-arte’ brasileiro (...)”, e que esta categoria relaciona-se e contém “(...) as representações do ‘povo brasileiro’, suas glórias e mazelas”. Além disso, essa representação está relacionada a representações de contrastes, tais como o “futebol-força” (GUEDES, 2014, p. 154).

Dessa maneira, está formado o perfil do “estilo brasileiro”, a idealização romântica do futebol e jogador brasileiros. Segundo Guedes, baseando-se em Toledo, essa construção está pautada na noção de forma-representação,

(...) incorporando, sob tal perspectiva, o pressuposto fundamental de que representações e práticas sociais são partes do mesmo fenômeno social em permanente negociação.

É, justamente, essa negociação permanente que produz, reproduz e reinventa os “estilos de jogo” (GUEDES, 2014, p. 158).

Ainda nos passos da autora, essa construção é focada em um processo de escolhas, na qual os raros momentos das performances dos jogadores em campo são colocados como decisivos, sendo memorizados das mais diversas formas. Assim, apontando que

Nesse sentido, categorias como futebol “à brasileira”, o “futebol-mulato” ou o “futebol-arte” não são apenas descrições de algo que estava lá e foi apreendido em uma definição mas são, antes de tudo, recorte de certos momentos do desempenho dos jogadores que são celebrados e erigidos em símbolos de algo que não estava lá. As descrições e nomeações são, assim, seleções, criações, que fundam um modo de ser e obrigam a esse modo de ser (GUEDES, 2014, p. 159).

Não basta apenas separar os momentos e construir uma “realidade”, mas, também, de se fazer representar, de construir o modo como queremos nos ver, a nossa identidade. Todavia, ao construir o “nós”, construímos o “outro” ao mesmo tempo, e, para isso, é preciso construir os contrastes. No caso do futebol, seria o nosso “futebol-arte” com o “futebol-força” europeu (GUEDES, 2014, p. 163-164).

A forma como desejamos nos ver, essa “negociação intensa e inacabada entre as formas e as representações”, como afirma Guedes (2014), pode ser reproduzida nos diversos âmbitos sociais e especificamente em uma especificidade do mundo futebolístico, por exemplo, as formas de ensino e suas concepções de jogador virtuoso. Então, poder-se-ia dizer que tem-se um modo de se representar pela “arte”, um pela “força” e um que busque combinar as duas. Esta que é o que parece ser o mais comum na atualidade e pode ser vista nas competências que os atores colocam como sendo necessárias para se tornar um jogador de futebol (parte que será analisada mais à frente). Os discursos que aparecem na representação dos agentes sociais são constituídos dessas diversas formas, em um momento opondo-se em outros atuando em conjunto.

Ao longo dos anos, essa ideia fundada por Freyre foi adotada como sendo uma “realidade”, produzindo diversos posicionamentos e interpretações que a legitimam e a reforçam. Tornou-se um discurso tão poderoso que é visto como a “essência” do que é o futebol brasileiro, interferindo nas ações dos atores do meio futebolístico. Não apenas destes, mas também nos discursos do senso comum, e até estudiosos caem nessa “armadilha”. Por exemplo, segue um texto abaixo:

Como um jogador de futebol brasileiro ou um sambista, que “tem jogo de cintura”, sabe movimentar o corpo na direção certa, provocando confusão e fascínio nos seus adversários, criando harmonias insuspeitadas. É sabido no Brasil que o futebol nativo tem “jogo de cintura”; ou seja, malícia e malandragem, elementos inexistentes no futebol estrangeiro, sobretudo europeu, um futebol fundado na força física, capacidade muscular, falta de improvisação e de controle individual de bola dos jogadores. Em contraste com o futebol brasileiro, o que exibe essa improvisação e “jogo de cintura”, o futebol da Europa surge como uma variante “quadrada” e autoritária da prática do mesmo esporte. (...). Na malandragem, como no “jogo de cintura”, estamos nos referindo a um modo de defesa autenticamente brasileiro, que consiste em deixar a força adversa passar, livrando-se dela com um simples – mas preciso – mover de corpo. Em vez de enfrentar o adversário de frente, diretamente, é sempre preferível livrar-se dele com um bom movimento de corpo, enganando-o de modo inapelável (DAMATTA, 1982, p. 28).

Então, temos uma representação tão comumente divulgada na mídia e nos meios futebolísticos, na qual o jogador brasileiro é conhecido pela sua “mágica” em campo, seu “jogo de cintura”, sua malandragem e dissimulação, além de sempre ser associado ao samba, na qual a sua oposição, o europeu, não teria a malícia, o gingado, o “futebol-arte”. Grande parte dos jogadores é vista como gostando de um “sambinha”: sempre tem um jogador fazendo uma “sambadinha” após o gol; nas viagens dos jogos, principalmente Copa do Mundo, a festa geralmente é comandada por um samba, e o pandeiro substitui a chuteira.

A repercussão da representação social do “futebol-arte” brasileiro também se dá no campo pedagógico e nos manuais de ensino do futebol, cuja crença do ensino/aprendizado do futebol brasileiro deve ter como referencial a rua, a várzea. Assim, alguns autores reforçam o saber baseado nessa representação, apontando as brincadeiras de rua como fator diferencial a favor do estilo nacional. Lovisolo e Ribeiro, ao analisar alguns desses manuais, apontam que

(...) existe um discurso na literatura do futebol de que este estilo vem das ruas e da várzea. Porém, da mesma forma, e com a mesma frequência, repete-se que este estilo é proeminente de uma mistura de raça e das condições adversas enfrentadas pelo povo brasileiro em seu cotidiano que o torna mais capaz de criar algo diante das dificuldades. Dessa maneira, transportando para os campos de futebol, esta capacidade de improvisar, de criatividade. Mas o que fica de importante nesta

questão é que em momento algum os autores conseguem determinar em caráter definitivo, as origens deste estilo, indicando assim o caminho para trabalhá-lo na formação do atleta (LOVISOLO; RIBEIRO, 2011, p. 12).

Como pode ser visto, nessa representação do estilo brasileiro também há a questão da etnicidade, marcada pela figura do “mestiço” como resultado da mistura das três raças, onde o negro tem lugar determinante. Esta que é também uma construção de Freyre. Essa característica é a significativa diferencial do estilo brasileiro em relação ao argentino, por exemplo. Como afirma Guedes, acerca dessa representação do futebol brasileiro, (GUEDES, 2006, p. 140), “o sinal diacrítico, a diferença essencial, é a incorporação simbólica do negro como responsável pela forma ‘espontânea’ de usar o corpo em ‘dribles, malandragem, jogo de cintura’, sem qualquer esforço ou aprendizagem”. No processo de construção do estilo brasileiro, essa representação, formulada com base em uma específica expressão corporal negra – a capoeira –, aparece tanto “endeusada” quanto “demonizada” (GUEDES, 2006, p. 141). Os principais exemplos correspondem aos Mundiais da FIFA: a derrota em 1950 e a vitória em 1970.

A derrota para o Uruguai, no Mundial de 1950, gerou grande desilusão e tristeza. As virtudes masculinas acima tão valorizadas e destacadas passaram a ser questionadas e colocadas em dúvida. De nada adiantava a habilidade se não se tivesse raça, força, garra. Os motivos da vitória uruguaia eram insistentes:

Ganharam por causa da sua virilidade. Tiveram fibra, garra, sangue. Mostraram uma invejável consciência de sua responsabilidade. Conquistaram a partida com o seu destemor, com a sua macheza. E, como se não bastasse, fizeram honra à sua história futebolística, demonstrando as qualidades que os tinham levado às medalhas olímpicas e à Copa do Mundo (VOGEL, 1982, p. 96).

Já as razões da derrota brasileira são inversas:

O excesso de confiança, a falta de empenho (o empate bastava) e a covardia da equipe, que se deixou intimidar pela catimba de Obdulio Varela. Pouca coragem e muita arrogância – 50 foi a derrota da máscara (VOGEL, 1982, p. 96).

Com isso, mudam-se os discursos, questionam-se os valores, os estilos. As virtudes até então exaltadas cederam lugar a outras qualidades. Assim como a questão ética passa a ser desvalorizada, os valores masculinos são pensados de forma diferente, e,

consequentemente, o estilo de futebol alegre também começa a ser questionado em favor da objetividade. Diziam que o futebol era um jogo másculo, um jogo de homens, tinha que jogar com virilidade, sem complexo de inferioridade, como os uruguaios fizeram em 50. Logo, após a derrota, tanto o estilo de jogo quanto a masculinidade do futebol brasileiro passaram da exaltação para a desvalorização. Agora passemos à conquista do Mundial de 70.

Então, no final dos anos 60, havia uma polêmica em torno da preferência de estilo, entre os defensores da arte contra os defensores da força. Tal polêmica fora marcada pela “tecnocracia” do “milagre brasileiro”. O futebol-força estava em alta por causa da vitória inglesa, no Mundial de 66, e era representado pela Inglaterra e Alemanha. Dessa maneira, o dilema era qual estilo adotar: manter a originalidade; aprender o estilo europeu; ou adaptar este à criatividade brasileira. Independente do estilo, o objetivo era um só: vencer a Copa do México (VOGEL, 1982, p. 109).

Contrariamente ao Mundial de 50, a conquista de 70 trouxe uma imensa euforia, um verdadeiro carnaval. De humilhados, transformaram-se em heróis, e, com isso, o orgulho de ser brasileiro. Em 70, o Brasil começou arrebatador e num clima de euforia, até o momento que chegou a grande vingança contra o Uruguai, e, com ela, o paroxismo. Não esqueciam a derrota de 50. Porém, dessa vez, havia um diferencial: Pelé. Ele foi a “síntese do time brasileiro”, humilde e agressivo, catimbeiro e com garra, ou seja, justamente os adjetivos que faltaram em 50 (VOGEL, 1982, p. 102).

A catimba foi o ingrediente decisivo. Ela é a (anti)ingenuidade, o oposto da ingenuidade e seus afins (burocrático, normalista, formalismo). Ela desafia o limite do permitido e do proibido, onde os que a adquirem são chamados de malandros. A catimba e o drible compõem a malandragem. “Uma finta define um malandro e o seu otário” (VOGEL, 1982, p. 107). A máscara agora era uma potencial ameaça, antes culpada, agora estava exaltada.

A vitória de 70 foi recebida com euforia e vitalidade, relacionada à potência sexual, que é um valor central da afirmação da masculinidade, por isso a sua relação com o carnaval (VOGEL, 1982, p. 114).

A parte mais importante da história, porém, é aquela onde o mascarado se revela como falso malandro. A transformação de um homem num palhaço, de um pretensioso num otário, de um suposto vitorioso num real derrota, depende sempre da compreensão correta das categorias que o suporte dramático do futebol encena e ensina (VOGEL, 1982, p. 114).

A partir dos anos 80, com as mudanças rumo à globalização e à profissionalização generalizada, o futebol se transformou em um empreendimento, no qual “(...) jogo - jogador - clube - torcedor se transforma verdadeiramente em objeto de mercado” (PIMENTA, 2000, p. 80). Com os novos rumos, e a intensificação desse processo nos anos 1990, o futebol aos poucos sofreria mudanças em relação as suas práticas e as suas estruturas. Entre elas, a criação do Clube dos 13 e as leis “Zico” e “Pelé”, como citado anteriormente, além de promover uma transformação no processo de formação/agenciamento de futuros atletas.

Então, cada vez mais agudo, tem-se o diálogo dos clubes com o marketing esportivo, maior autonomia do jogador em relação ao clube e o fim do contrato “vitalício” entre clube e jogador. Além disso, a mídia também assumiria um papel mais vigoroso no futebol, sobretudo no quesito “futuro craque”. Aos poucos, com o futebol transformado em negócios, a tendência é o crescimento em direção a uma elitização do espetáculo e seus atores.

Pimenta (2006, p. 54), sugere que essa modernização do futebol esteve inserida em um processo mais amplo, a elitização do lazer. Assim, futebol virou sinônimo de business, onde o torcedor é visto como consumidor e o jogador como mercadoria e “garoto-propaganda” de produtos e/ou empresas (SANTOS T., 2000, p. 66-67). Entram em cena, os empresários – os novos atores no mundo da bola – ; que, com a “lei passe livre”, aproveitam para se tornarem especuladores dos jovens, por meio de investimentos em escolinhas e centros de formação. Com a possibilidade de lucros e a relativa facilidade do mercado externo para jogadores, ocorre grande fluxo migratório de atletas para o exterior.

É importante ressaltar algumas consequências que essa “exportação” traz, tais como: valores de transações mascarados, camuflados, por exemplo, o “caso Neymar” (acerca de sua transferência do Santos para o Barcelona-Espanha), onde cada dia surgia um valor diferente de sua contratação pelo Barcelona; jogadores com dupla cidadania e

jogando em outras seleções, o que poderia se considerar uma reconfiguração da noção de nacionalidade¹³.

A questão tem trazido polêmica, causando divergência de opiniões. Como ficaria a nacionalidade diante disso? Alguns defendem que deve corresponder ao país de nascimento, enquanto outros alegam que a referência deve ser o país onde foi formado como jogador. Isso não é o foco deste estudo, apenas serve como uma demonstração do nível e poder que a globalização tem feito no futebol, e em outros aspectos de um modo geral.

O fenômeno de migração de jogadores aponta para um alto grau de conectividade e integração no mercado global do futebol, mas há de se destacar que esse fenômeno faz parte de um movimento mais amplo do processo migratório e econômico entre os países pobres e ricos a partir dos anos de 1980 (SOARES; BARTHOLO; BENTO; COSTA; MELO, 2011, p. 909).

Consequência desse cenário é a mudança na formação/produção do jogador, visando o mercado externo, principalmente por conta da alta competitividade e do sonho de jogar na Europa (e a mídia tem parte crucial na construção desse sonho).

Além disso, vale ressaltar que isso provocou mudanças na mentalidade dos jovens “aspirantes”. O sonho dos garotos se tornou internacional. Antes, o desejo da maioria deles era jogar em um grande clube brasileiro, um Flamengo, um Corinthians. Agora, o desejo de jogar na Europa parece ser mais comum, sonhando com um Barcelona, um Real Madrid, um Milan, entre outros. Entretanto, muitos não conseguem realizar tal desejo, e o sonho se transforma em frustração. Isso faz parte da violência implícita característica do novo processo de formação do atleta, marcado pelo “boom” das escolinhas e centros de formação espalhados pelo país, como aponta Pimenta (1997, p. 54).

Durante o trabalho de campo, nas conversas informais, era comum ouvir dos meninos o desejo de jogar em um grande clube europeu, entusiasmados pela fala do

¹³ Tal fato sempre foi comum na história do futebol, tanto nacional quanto internacional. No entanto, hoje, o fato parece ser mais comum e haver mais casos de jogadores que utilizam essa estratégia. Isso as vezes gera algumas polêmicas: jogadores chamados de mercenários, de antipatriotas; manifestos mais radicais de grupos xenófobos contrários a estrangeiros em “suas seleções”. Exemplos recentes: caso Diego Costa, que escolheu jogar pela Espanha ao invés do Brasil, causando um burburinho nacional e opiniões diversas; caso dos irmãos Boateng, onde um joga para Gana e o outro para Alemanha; e o caso da Suíça, que tem jogadores de diferentes nacionalidades em seu elenco.

dirigente ao citar exemplos de “pratas da casa” que conseguiram tal feito. Mas eles sabiam que a realidade era difícil, mesmo assim não deixavam de sonhar, ou pensar em uma alternativa, um clube brasileiro como alento.

De acordo com Damo, a formação do futebolista é um processo competitivo, com investimento de aproximadamente 5 mil horas de rotinas disciplinadas e extenuantes ao longo de 10 anos (DAMO, 2007, p. 23). Essa dura rotina não é muito apontada na mídia, que, em sua grande maioria, preocupa-se em destacar a vida de celebridade, fama e dinheiro dos jogadores mais badalados, gerando muitas expectativas nos jovens e alimentando seus sonhos em se tornarem jogadores de futebol. No entanto, esse retrato contrasta com a realidade da carreira. De acordo com os dados da CBF, em 2009, 84% dos jogadores federados recebiam salários de até 1.000 reais e 3% recebiam mais de 9.000 reais por mês (SOARES; BARTHOLO; BENTO; COSTA; MELO, 2011, p. 912). Estes são dados pouco divulgados na mídia, contrastando com a imagem que ela passa. Ainda segundo a CBF, o Brasil possui cerca de 800 clubes profissionais¹⁴. Dentro desse número, apenas 20 fazem parte da elite brasileira (série A); e outros 20 como segundo escalão (série B). Em relação à torcida, 20 clubes detêm 90% da preferência dos torcedores.

A maioria dos clubes da elite e possuidores de grande torcida está concentrada nas regiões Sul e Sudeste, especificamente Rio de Janeiro, São Paulo, Minas e Rio Grande do Sul (DAMO, 2007, p. 58-63). Isto significa que o futebol brasileiro é constituído por uma maioria de clubes sem muita representatividade nacional – porém de muita relevância local (cidade, bairro, comunidade, por exemplo) –, espalhados nos diversos cantos do país e à margem do grande palco futebolístico. E são justamente esses clubes, fora desse cenário de primeira escala, que concentram a maioria dos jogadores. Essa característica do futebol brasileiro influencia na formação e agenciamento dos jogadores. Atualmente, as escolinhas têm sido uma dessas possibilidades.

¹⁴ Reportagem de 2009. Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/futebol/numeros-da-cbf-mostram-futebol-brasileiro-com-783-clubes,61085d2bda49a310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 08 de abril de 2013.

2.2. As escolinhas de futebol

Como visto anteriormente, os processos de urbanização e industrialização provocaram mudanças na sociedade brasileira, principalmente em relação à disposição geográfica das cidades, diminuindo os espaços vazios, os terrenos baldios, muitas vezes utilizados como campos de pelada. Logo, essas transformações engendraram o futebol e a sociedade brasileira. É aí que entram em cena as escolinhas de futebol, como um desdobramento desses acontecimentos entre os anos 1960 e 1970. Elas adquiriram notoriedade nos anos 1980, 1990 e século XXI, consolidando-se cada vez mais como espaço fundamental para a prática futebolística (SANTOS, 2007, p. 18).

Então, a partir da década de 1980, com o futebol entrando em uma nova fase, mais modernizadora, e as transformações da sociedade brasileira, houve uma reconfiguração do gerenciamento do futebol em direção a uma nova profissionalização. Um exemplo disso são os Centros de Treinamentos (CT), nos quais outros valores foram propostos, como o da competitividade. Assim, os próprios treinos passaram a ter uma revalorização, tratados com mais seriedade (SANTOS, 2009, p. 222).

O que, em princípio, objetivava a manutenção dos aspectos mais essenciais dos atletas (parte física e técnica) e possibilitava encontro entre jogadores, técnicos, jornalistas e torcedores, passou a ser, paulatinamente, segregado a partir da busca por maior competitividade, cuja maximização e quantificação da preparação física, moral e psicológica dos atletas foi sendo racionalizada, tornando os treinos mais disciplinados, disciplinantes e rotineiros (SANTOS, 2007, p. 22).

Dentro do cenário de modernização, esses CT's contavam com o implemento de tecnologias, saberes e profissionais especializados, metodologia mais teórico-científica, oposta ao saber prático do futebol à brasileira.

O que deve ser ressaltado é que a partir do incremento dos CT's uma nova ordem na configuração que aloca certas qualidades valorativas a (...) situações socialmente consolidadas (...) impõe-se por significativos deslocamentos simbólicos que, sem dúvida, alteram as percepções de se vivenciar esse futebol (TOLEDO, 2002, p. 140 Apud SANTOS, 2007, p. 22).

Parte dessa nova configuração é o fenômeno das escolinhas, que, do mesmo modo que a várzea, podem ser entendidas como espaço destinado ao processo de

ensino/aprendizagem do futebol, além de possuir usos e representações diversas acerca da juventude e sua sociabilidade (SANTOS, 2007, p. 23).

Atualmente, o fenômeno tem se espalhado, distribuindo-se em diversos modelos de escolinhas: franquias de clubes; “base” de clube; projetos e programas vinculados à iniciativa privada ou pública; iniciativa privada como “empresa”, meio de vida para ex-jogadores de futebol, negócio. Pode haver também configurações mescladas dessas modalidades.

Quando acompanhava os meninos da escolinha em dia de jogo, sempre me preocupava em observar as demais escolinhas, no intuito de obter alguma comparação e em conhecer o funcionamento de outros modelos. Então, pude perceber que, na verdade, o que poderia ser colocado dentro de um modelo denominado “escolinha” era algo muito mais ampliado, envolvendo variações de “filosofia” de ensino, valores, objetivos, funcionamento, entre outros. Ou seja, o termo escolinha é carregado de uma diversidade de configurações de ensino/aprendizagem do futebol.

Uma dessas possibilidades é a escolinha como empresa. Desse modo, ela poderia funcionar como obtenção de lucro ou sustento de vida por parte do empresário, podendo ou não focar em uma real formação de atletas. Se ele optar pela formação, o ensino/aprendizado do futebol na escolinha pode adquirir um sentido diferente daquele que teria se ele não optasse. Para formar o atleta, ele procuraria obter uma rede de relações com pessoas do mundo do futebol, empresários e olheiros, por exemplo. Além disso, buscaria ensinar os elementos que representam o “estilo brasileiro”, ou conforme a necessidade do mercado, com o intuito de alcançar mais mercados e marketing. Caso não opte pela formação de atletas, ele poderá investir em meios de atrair mais alunos, sobretudo de grupos sociais mais abastados. Por exemplo, aliar a ideia de esporte à questão da saúde, do lazer, da disciplina, do auxílio aos estudos da escola formal. Assim, o foco de ensino poderia ser moldado para algo mais agradável, que não exija muito desempenho dos alunos, para não atrapalhar outras atividades, visto que não há a intenção da formação do atleta. Quando esta ocorresse, seria mais uma espécie de “prêmio” e, depois, propaganda para adquirir status local.

Há também escolinhas que funcionam como projeto social, possuindo objetivos, públicos e ensino diferentes. Elas costumam ter o lema de tirar as crianças da rua, controlar o tempo livre, os valores éticos e morais, disciplinar, ou seja, uma missão civilizatória, para evitar que o menino ocupe o tempo com atividades ilegais. Então, o ensino/aprendizagem é pautado pela noção de formação do cidadão, da pessoa, e, ao mesmo tempo, aproveitar os talentos que seriam “perdidos” para essas práticas ilegais.

Há também as escolinhas de clubes ou filiais, as quais servem de estratégia de detecção e seleção de jogadores. Nesse caso, os ensinamentos estão relacionados às ideias que o clube procura reproduzir. Assim, se um clube é representado pela garra, são justamente os valores desse conceito que nortearão as estratégias pedagógicas. Logo, as técnicas corporais ensinadas estarão pautadas pelos objetivos do clube.

Vale lembrar ainda que podem haver imbricações dessas possibilidades, variando conforme a localidade, as pessoas envolvidas, os objetivos, os ensinamentos, o público, etc. De modo sucinto, nas palavras de Santos, acerca do entendimento sobre o termo escolinha,

Pode-se afirmar que se trata de possíveis arranjos na diversidade de se vivenciar a experimentação da prática do futebol no Brasil como experiência sociocultural. Essa experiência ganhou novos contornos a partir da década de 1980, tomando direções distintas, ora como modalidade de programa educativo e de sociabilidade juvenil, sobretudo, em práticas públicas por meio de projetos sociais, ora ‘como ampliação em larga escala na produção de atletas, observadas em alguns clubes’, e iniciativas privadas, bem como em suas infundáveis parcerias (SANTOS, 2009, p. 222-223).

Marcadas pela nova fase do futebol, caracterizado pelo marketing, mercado, competição, resultado, muitas escolinhas incorporaram tais atitudes, funcionando com fins lucrativos, espaços disciplinadores e divulgadores de certos valores morais, contrários àqueles do outro espaço de prática. Com isso, criou-se uma visão da escolinha como oposição à rua, à várzea, e, assim, distanciando-se do caráter lúdico do futebol no aprendizado do menino. E mais, do próprio futebol, como se tivesse alterado a maneira do jogador brasileiro jogar, “contaminando” o futebol-arte brasileiro.

A grosso modo, seria pensar da seguinte maneira: a várzea está para a noção de jogo (Huizinga), assim como a escolinha está para a de esporte (Elias e Dunning). Tal assertiva

não deixa de ser verdade, mas também não é possibilidade única, visto que são elementos que podem se complementar. Logo, o pensamento retratado mais acima da relação entre esporte e jogo, no futebol, também pode ser entendido na relação entre várzea e escolinha, no ensino/aprendizagem da prática futebolística das escolinhas.

O caráter lúdico é algo comum no discurso de ex-jogadores, que defendem a importância que a várzea tinha na formação do jogador, por proporcionar aquilo que é considerado o diferencial do brasileiro, a criatividade, a espontaneidade. Mas, ao mesmo tempo, há um discurso disciplinador nessa pedagogia, que se aproxima da noção de esporte de Elias e Dunning (1985). Um discurso de caráter técnico, científico, teórico, baseado na coletividade, ou seja, oposto àquilo que é entendido como parte integrante do jeito brasileiro de jogar, que é o da prática, criatividade, individualidade.

Esse modelo de ensino/aprendizagem pautado por método teórico-científico é entendido como um processo racionalizado. Porém, na verdade, como afirma Santos (2007, p. 25), trata-se de uma “(...) racionalização à brasileira, ou seja, os métodos científicos acabam por serem re-significados a partir do sistema simbólico dos agentes sociais que o concretizam”.

Assim, o treinador, imbuído de suas capacidades provenientes das experiências de ex-jogador, da prática, ao mesmo tempo diplomado, provido de conhecimentos teóricos, lança mão de seus dispositivos, para solucionar a ação que encontra, conforme o contexto. Isso foi algo que pude perceber dos agentes no trabalho de campo.

Os defensores da ideia da condição natural do jogador de futebol – proveniente da várzea – costumam afirmar que a consolidação das escolinhas e suas pedagogias, compreendidas como opostas à várzea, além de serem responsáveis pelo “fim” desse espaço, também seriam responsáveis pela mudança do perfil do jogador brasileiro, sendo a principal fornecedora de pés-de-obra¹⁵. Contudo, ao observar a prática na escolinha, percebe-se que tal discurso não é de todo correto. Pode-se notar que ainda existem discursos, práticas e atividades ligadas àquilo que é considerado o estilo brasileiro de jogar, principalmente por conta dos agentes.

¹⁵ Termo utilizado por Damo (2007) em referência aos jogadores de futebol.

Além disso, vale lembrar ainda que a maioria dos meninos também joga bola na rua rotineiramente; logo, levando consigo, inconsciente ou conscientemente, aspectos dessa prática para as escolinhas. Elementos como individualidade e drible, considerados dentro da lógica varzeana, são frequentes nas escolinhas, algo que pude perceber no trabalho de campo. Muitas vezes, tal disposição era motivo de crítica por parte do treinador quando tentava aplicar uma atividade mais técnico-teórica. Quando o treinador trabalhava uma atividade cuja finalidade era dar dois toques na bola apenas, era muito comum os meninos (mais das categorias pré-mirim e mirim) não obedecerem, propositalmente ou não, o fundamento, driblando e carregando a bola com mais de dois toques. Uma atitude que fazia com que o treinador chamasse-lhes a atenção, muitas vezes referenciando a própria rua: “Pessoal, dois toques na bola só. Seriedade. Aqui não é pelada de rua”. Muitos dos meninos jogam na rua, e acham que já sabem as técnicas e regras do futebol, não necessitando, por isso, aprender como jogar, o que parece ser um objetivo pouco visado por eles. Isso mostra que práticas ligadas à várzea estão presentes nesse espaço considerado oposto.

Ainda, vale ressaltar que colocar a escolinha como principal fornecedora de jogadores pode ser um equívoco, pois ainda é muito recorrente o processo de seleção em “peneiras” e a atuação dos Centros de Formação (CF) é muito forte na busca e seleção de atletas.

Atualmente, a possibilidade de alguém ser “descoberto” em alguma das milhares de “escolinhas” existentes no país é mínima ou quase nula. O processo de produção de jogadores profissionais ocorre em outro lugar: nos chamados “centros de formação” para os quais os eleitos são recrutados cada vez mais cedo (GUEDES; DAVIES; RODRIGUES; SANTOS, 2006, p. 5-6).

Assim, acredito que o papel dela como meio de sociabilidade masculina, espaço de compartilhamento de elementos do universo futebolístico, espaço dedicado à prática do estilo de vida saudável e lazer parece ser mais latente do que seu aspecto direcionado à profissionalização e provimento de atletas – mas não significa que estes não estejam presentes.

Ela também pode ser entendida como um espaço destinado à transmissão dos valores e práticas do futebol profissional e de espetáculo, uma maneira de pré-moldagem do

jovem, caso ele chegue à profissionalização, facilitando a sua adaptação e desenvolvimento dentro do futebol profissional.

O futebol é o que liga os atores envolvidos nesse espaço, no qual, nas palavras de Guedes,

(...) estão minuciosamente referidos às regras e aos acontecimentos que cercam o futebol profissional, aos quais tem acesso através de sua ampla divulgação através dos meios de comunicação e relações pessoais que mantém com pessoas ligadas de vários modos aos clubes profissionais e federações. Colocam em operação, portanto, um saber que compartilham com outras pessoas, de outros segmentos sociais. A *escolinha* é uma das formas através das quais os jovens são introduzidos e socializados neste saber mais amplo que fornece, inclusive, as bases de uma linguagem comum e temáticas que atravessam as classes sociais (GUEDES, 1998, p. 120-121).

Vale acrescentar que esse caráter da escolinha como reprodução dos valores futebolísticos de espetáculo pode gerar um agravante. Nesse processo, não é reproduzida apenas a prática, a regra, mas também valores, códigos, símbolos, disposições voltadas para o dinheiro, poder, fama e sonho. Tudo isso é potencializado pelo meio social compartilhado e pela mídia. O resultado disso nem sempre é o esperado, muito pelo contrário, pode ser frustrante, decepcionante e uma desilusão (PIMENTA, 2006).

De acordo com Guedes, no processo de socialização dos meninos na escolinha,

(...) tornam-se visíveis, na interação entre adultos e garotos na escolinha, uma série de saberes, técnicas corporais, regras de etiqueta e preceitos éticos pelos quais os agentes pedagógicos se norteiam, explicitando-os, muitas vezes, no discurso. Mas o processo de transmissão que está em jogo é mais amplo e implica na exposição dos socializados a significados naturalizados e objetivados em comportamentos, relações sociais e obras culturais. Inclui, portanto, uma série de atos não planejados e não conscientes, que se transmitem e são internalizados através da interação cotidiana, do estar lá e partilhar o mesmo espaço cultural (GUEDES, 1998, p. 124).

A passagem resume a importância do papel socializador das escolinhas, que muitas vezes é deixado de lado ao analisá-las, unicamente, como um meio lucrativo, com objetivo apenas de profissionalização, de livrar os garotos dos “perigos” da vida, de formar cidadão.

Ela é marcada por diversas realidades, objetivos, ensinamentos, práticas, saberes, isto é, um espaço caracterizado por uma gama de possibilidades. Ao falar da representação do futebol entre os trabalhadores urbanos, Guedes coloca-o como um lugar significativo, que representa de maneira simultânea “lazer”, “exercício corporal”, “interação entre homens”, “carreira profissional”, “lôcus de produção e reprodução simbólica”, na qual os valores que orientam a sua vida são negociados nas diversas ações sociais (GUEDES, 1998, p. 119).

Apesar de se referir ao papel do futebol entre os trabalhadores, o mesmo poderia ser aplicado para demarcar as escolinhas de futebol, pois são elementos encontrados também nos espaços destinados à aprendizagem da prática do futebol das escolinhas.

De fato, o fenômeno das escolinhas passou a ocupar um espaço muito importante na sociedade, não apenas pelo aspecto futebolístico, mas também no aspecto da sociabilidade dos jovens, na configuração urbana, na questão econômica, estilo de vida saudável e políticas de lazer. Isso demonstra que ela tem ganhado notoriedade e está relacionada à sociedade e suas mudanças. Assim, como o futebol de modo geral e as representações em torno do estilo brasileiro, o fenômeno das escolinhas deve ser compreendido como um processo constituído social, cultural, econômica e historicamente. Como afirma Santos (2009, p. 277), “(...) a apreensão do fenômeno só pode se dar em termos de uma construção simbólica e material constitutiva do futebol, entendido como experiência sociocultural”, apontando as escolinhas como “(...) coparticipes desse processo convencionado de estilo à brasileira de jogar futebol”.

3. A CIDADE¹⁶ E O TIME

3.1. A cidade de Linhares-ES

A cidade de Linhares está localizada no litoral norte do Estado do Espírito Santo, sendo o maior município capixaba em extensão territorial, possuindo uma área de 3502 Km², e está a 138 Km da capital Vitória. Territorialmente marcada por uma beleza paisagística, ambiental e hidrográfica, a região possui uma vegetação de Mata Atlântica rica em biodiversidade, porém tem perdido muito espaço para o desenvolvimento de áreas voltadas para atividades rurais e empresariais. Dessa maneira, as ameaçadas fauna e flora linharenses são preservadas por quatro unidades de conservação ambiental: a Reserva Natural Vale do Rio Doce; a Floresta Nacional de Goytacazes; a Unidade Municipal de Conservação de Degredo e a Reserva Biológica de Comboios.

A riqueza hidrográfica¹⁷ está presente em suas sessenta e nove lagoas, no Rio Doce e seus afluentes e em um extenso litoral (constituído pelas praias de Pontal do Ipiranga, Regência e Povoação). Símbolo da cidade, a lagoa de grande destaque é a Juparanã, uma das maiores do Brasil em extensão e volume de água. Além dela, outro símbolo de destaque é o Rio Doce, que nasce em Minas Gerais, corta toda a cidade até desaguar no Oceano Atlântico. Não há como separar tal rio de sua importância histórica na origem e formação do município¹⁸.

¹⁶ As informações sobre a cidade foram obtidas no site da prefeitura: < <http://www.linhares.es.gov.br/>>.

¹⁷ Fato que garante à cidade um, mas não único, carinhoso apelido de “Cidade das Águas”.

¹⁸ Breve histórico da fundação da cidade e sua relação com o Rio Doce:

Durante o século XVIII, severas leis proibiam as incursões e a mineração nas terras do Rio Doce. Através destas leis, a Coroa Portuguesa fez da região uma reserva estratégica de terras, madeiras nobres e, presumivelmente, minerais. Servia também de cinturão de proteção das zonas de exploração do ouro em Minas, impedindo o tráfico para o litoral do Espírito Santo (MELLO E SOUZA, 1986).

A abertura do Rio Doce ocorreu durante a crise da mineração do ouro, no centro de Minas Gerais, e muitos aventureiros procuravam pedras preciosas e ouro de aluvião, aumentando, consideravelmente, o fluxo de viagens em direção à região das Minas. Assim, buscavam-se meios para se chegar à região e para o escoamento dos metais preciosos. O Rio Doce era uma dessas alternativas, porém suas margens eram caracterizadas por uma Mata Atlântica densa e presença de índios botocudos, que resistiam com tenacidade qualquer tentativa de povoamento. Devido a esses fatores, tornou-se necessário a construção de quartéis militares para proteger a região. Por atrair índios famintos e doentes, colonos amedrontados, serviram de entreposto de mercadorias e, às vezes, ofereceram serviços religiosos, muitos destes quartéis transformaram-se, pouco a pouco, em vilas e cidades (PARAÍSO, 1979). Um desses quartéis deu origem ao povoado de Linhares. Em 1800, com a chegada do novo Governador da Capitania do Espírito Santo, Antônio Pires da Silva Pontes, amigo de D. Rodrigo de Souza Coutinho – militar e político português, mais conhecido como conde de Linhares –, a região voltou a ser articulada, com início da povoação e a criação de quartéis às margens do Rio Doce. Então, no mesmo ano, para dar segurança e vigiar de perto o tráfico do ouro que era

A população do município, estimada em 145 mil habitantes, uma das mais populosas do Espírito Santo, é marcada pela presença majoritária de famílias italianas e portuguesas e pela presença de pessoas provenientes dos Estados de Minas Gerais e Bahia. Nos últimos anos, o desenvolvimento da cidade tem atraído uma grande quantidade de pessoas provenientes de regiões vizinhas, principalmente, em função de trabalho e/ou estudo.

Na economia, a cidade se destaca no pólo moveleiro, no setor agropecuário (destaque para o cultivo de frutas, sobretudo o mamão, o café e o cacau¹⁹) e na produção de petróleo e gás natural, estando entre as cidades do estado que mais recebe royalties. Além disso, o município tem atraído importantes empreendimentos industriais, com destaque para a multinacional Weg Motores, a Sucos Mais, a Ducoco, a indústria metalúrgica Brametal, a Imetame, entre outras. Outros setores secundários, e em desenvolvimento, são o comércio e a indústria de vestuário. Recentemente, foi inaugurado o Shopping PátioMix, o maior do Norte do Estado, com a promessa de atrair grandes investimentos para a cidade. Seguindo nessa linha de desenvolvimento, tem-se o setor do turismo e hotelaria, com a chegada de importantes redes internacionais de hotéis, e o destaque fica a cargo do turismo de negócios. Apesar disso, as belezas naturais da cidade são tidas como um potencial turístico

escoado através do rio, sobretudo nas proximidades da foz, foi criado o Quartel Coutins. Entretanto, o propósito governamental de incentivar a navegação não obteve o êxito esperado, devido às dificuldades que o rio apresentava e aos constantes ataques dos índios botocudos. Assim, em 1803, os indígenas atacaram o Quartel, deixando-o totalmente destruído.

Diante a inúmeros ataques indígenas, em 1804, com a posse do novo governador, Manoel Vieira de Albuquerque Tovar, foi ativada a perseguição aos selvagens. Até que, em 1808, com a chegada da Corte Portuguesa ao Rio, fugindo das tropas de Napoleão, Dom João VI elaborou três decretos que incentivaram e legitimaram quaisquer ataques aos povos indígenas do Rio Doce. Tais decretos orientavam para a militarização da área, a captura e a escravização de indígenas, a implantação de aldeamentos para catequese religiosa dos que não oferecessem resistência e a doação de sesmarias nas terras conquistadas. Listaram, ainda, justificativas para ações violentas contra os indígenas (SOARES, 1992). Assim, nesse mesmo ano, sobre os escombros do antigo quartel, foi fundado um novo povoado. Este recebeu o nome de Linhares, em homenagem a D. Rodrigo de Sousa Coutinho, devido ao seu estímulo e participação no projeto de povoamento da região. A partir daí, foram feitos incentivos para atrair colonizadores e povoar a região.

Em abril de 1833, o povoado foi elevado à categoria de vila através de uma Provisão de Paço Imperial. Em 22 de agosto de 1833, instalou-se a primeira Câmara Municipal, iniciando-se a vida político-administrativa do município. Essa Câmara correspondia a Câmara de Vereadores, pois não havia prefeito. No início do século XX, Linhares passou a pertencer a um de seus antigos distritos, Colatina. Até que, no ano de 1921, Linhares se emancipou de Colatina e foi elevada à condição de cidade, pela lei estadual nº 1317, de 30-12-1921.

¹⁹ O cacau é um dos símbolos da cidade, presente em seu brasão e conferindo-lhe um outro apelido: “terra do cacau”. O cacau também marca seu simbolismo no futebol, proporcionando ao time da cidade uma das alcunhas de “o time da terra do cacau”, como é chamado muitas vezes pela imprensa esportiva capixaba.

natural pouco aproveitado pelos linharenses e carente de medidas e estratégias político-administrativas com foco em atrair turistas.

No esporte, a principal atividade mesmo é o futebol, mas outras práticas podem ser encontradas, tais como atividades aquáticas, competições escolares, esportes de academia e luta. Vale ressaltar também que, nos últimos anos, a cidade criou espaços destinados às práticas esportivas e atividades físicas, por exemplo, praças, quadras, campos, pistas de caminhada ao ar livre. Ao que parece, tem-se criado uma cultura de estilo de vida esportivo voltado para a busca de vida saudável e lazer, em decorrência do crescimento da cidade e do esporte.

Como em grande parte do Brasil, o esporte de destaque é o futebol, tanto amador quanto profissional. A prática futebolística na cidade pode ser comumente observada em escolinhas, nas ruas, nos campos de pelada, nas quadras poliesportivas, nos bairros e nos campeonatos amador e profissional. Na linha amadora, pode-se destacar a construção e reforma de praças e complexos esportivos espalhados pela cidade, onde os homens se encontram para “bater uma bola”, o campeonato anual das indústrias locais e o campeonato amador da cidade. Em relação ao futebol profissional, a cidade tem um clube representante na primeira divisão do campeonato estadual, além de carregar a recordação dos áureos tempos da década de 90. O atual clube representante da cidade, o Linhares F.C., é o objeto de pesquisa; mas, antes de tratar dele, irei apontar algumas questões históricas que julgo interessantes e pertinentes ao tema de que trato.

Até os anos de 1990, o município de Linhares possuía dois times de expressão local e que se revezavam na disputa do campeonato regional: o América Futebol Clube e o Industrial Esporte Clube. Nos anos de 1990, têm-se os anos áureos do futebol linharenses.

Em 15 de março de 1991, o Linhares Esporte Clube foi fundado, a partir da tentativa de junção dos dois times da cidade. Iniciativa por parte do Industrial E.C., a fusão não obteve muito êxito e foi desfeita em 1994, pois o América F.C. recuou. Então, o Industrial passou a se chamar Linhares Esporte Clube, que mais tarde teria um clube recreativo

vinculado a ele (um parque aquático)²⁰. O estádio do time era o Guilherme Augusto de Carvalho, o “Guilhermão”²¹, que atraía muitos torcedores em dia de jogo, chegando a atrair de 5 a 10 mil pessoas. Havia duas torcidas organizadas: a Raposões da Fiel e a Mancha Azul.

Em 1993, veio o primeiro título estadual, após dois terceiros lugares consecutivos, em 1991 e 1992. No entanto, o grande e inédito feito ocorreu no ano seguinte, em 1994, quando o time disputou a Copa do Brasil²². Na ocasião, a equipe linharensense eliminou o Fluminense na Primeira Fase e conseguiu chegar até a Semifinal, contra o Ceará, quando foi eliminado após um empate sem gols fora de casa e uma derrota por 1x0 em casa²³. Esta foi a melhor campanha de um time capixaba na Copa do Brasil, sendo a última vez que um time do Espírito Santo passou da Primeira Fase. Ou seja, há vinte anos que nenhuma equipe das terras capixabas consegue passar de fase. Após o feito, o Linhares E.C. foi campeão estadual em 1995, 1997 e 1998, com um vice em 1996, além de disputar mais outras três Copas do Brasil, em 1996 (eliminado pelo Flamengo na Primeira Fase), em 1998 (eliminado pelo Grêmio na Primeira Fase) e 1999 (eliminado pelo Atlético-MG na Primeira Fase).

A partir de 2000, o Linhares E.C. começava a dar sinais de falência, devido às dívidas, má gestão, erros de planejamento e confusões de questões financeiras. Em 2002, o time caiu para a Segunda Divisão do Capixabão e o clube vendeu seu estádio para cobrir as dívidas. Em 2003, o time foi fechado e não disputou o campeonato, enquanto o parque

²⁰ Entrevista feita pelo Correio do Estado – jornal de circulação local – com o primeiro presidente do Linhares E.C., Ademilson Loureiro, publicada no dia 23 de fevereiro de 2011. Disponível em: <<http://www.po1.dominiotemporario.com/Correio/1393.pdf>>. Acesso em: 02 de abril de 2013.

²¹ Após a falência do time, o estádio foi vendido para uma rede de supermercados local, o Casagrande. Atualmente, o local deu lugar ao Hipermercado Casagrande.

²² Campeonato realizado pela CBF, envolvendo times de todas as partes do Brasil, na qual os jogos são disputados em sete fases, no sistema de “mata-mata”, em partidas de ida e volta (exceto nas primeira e segunda fases, que garante a classificação automática para a fase seguinte sem precisar realizar a segunda partida, caso o time visitante vença o primeiro jogo por dois gols ou mais de diferença). A Copa do Brasil é disputada por oitenta e seis equipes, sendo que oitenta disputam as fases iniciais e as outras seis entram nas oitavas de finais. As vagas são distribuídas por meio dos campeonatos regionais, do ranking da CBF, o campeão anterior, do Campeonato Nacional, da Copa Sul-Americana e da Copa Libertadores da América. O vencedor garante uma vaga para disputar a Copa Libertadores da América do ano seguinte, fazendo com que o campeonato seja visto como “o caminho mais curto para a Libertadores”.

²³ O jogo de volta foi disputado no Engenheiro Araripe, estádio da Desportiva Ferroviária, pois o Guilhermão não tinha estrutura para receber jogos desse porte.

aquático ainda teve uma breve reabertura, mas sem muito sucesso²⁴. Então, a cidade passou por um momento de crise em relação a ter um novo representante no futebol capixaba, tendo sido montado um time às pressas para a cidade não ficar sem um competidor²⁵. É nesse ínterim que começa a história do atual time representante da cidade, o Linhares Futebol Clube, que não tem nenhuma relação com a antiga equipe.

3.2. O time da cidade: Linhares F.C.

A história do Linhares F.C tem sua origem em uma escolinha de futebol, quando, em 1997, o ex-jogador Kleber²⁶ fundou a escolinha Companhia de Craques. Segundo o mesmo, a prioridade pela formação de jogadores é um orgulho e uma marca característica do time.

Em 2001, a escolinha foi registrada na Federação Capixaba de Futebol, na Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e na FIFA, tornando-se um clube profissional e com o direito de participar em competições oficiais estaduais, nacionais e internacionais. Assim, a escolinha trocou de nome, passando a se chamar Centro de Futebol Linhares (CFL). Na época, eu fazia parte do time infantil, e me recordo quando Kleber contou a novidade ao grupo, com muito entusiasmo e alegria, que era a realização de um sonho pessoal (ter um time profissional) e que iríamos representar o futebol linharensense no Estado, sob um novo nome (CFL). No entanto, no ano seguinte, quando subi de categoria (para o juvenil), foi o último ano em que permaneci no time. Até passava em minha cabeça a ideia da possibilidade de seguir a carreira, mas talvez achasse que não tinha futebol suficiente, talvez, inconscientemente, pensava ser muito competitivo e difícil conseguir, ou talvez não levava a ideia muito a sério. Não me recordo com exatidão, apenas lembro que sai porque decidi me dedicar aos estudos. Foi neste mesmo ano que o local de treino mudou de lugar, indo para onde é o atual Centro de Treinamento (CT). Vale lembrar que a troca de categoria é um momento muito importante para os meninos, um momento de decisão, porém isso será analisado mais à frente.

²⁴ Atualmente, o parque está inativo e há um problema na justiça, levado por alguns sócios, na tentativa de reabri-lo e resolver a situação.

²⁵ O time se chamava Atlético Linharensense F.C., com duração de apenas um ano.

²⁶ Kleber é o atual presidente do Linhares F.C. Além de ex-jogador, ele também teve uma passagem como técnico no antigo Linhares E.C.

Em 2004, o CFL disputou a Série B Capixaba como o representante de Linhares. O time era formado em sua maioria pelos jovens da categoria de base – alguns até haviam jogado comigo na época em que estive lá. No entanto, o time não teve boa campanha, marcando apenas um ponto em todo o campeonato. O primeiro grande feito aconteceu no ano seguinte, em 2005, quando o time conquistou a vaga para a Primeira Divisão Estadual. A partir daí, o time se estruturou e recebeu apoio da Prefeitura Municipal.

Em 2007, o time passou a se chamar Linhares Futebol Clube, e conquistou seu primeiro título capixaba, vencendo o time de Jaguaré (cidade vizinha, também localizada no norte capixaba) na Final, após grande recuperação de uma primeira fase ruim. O time garantiu uma vaga na Série C do Brasileiro²⁷ de 2007 (não passou da Segunda Fase) e a disputa na Copa do Brasil de 2008 (eliminado na Primeira Fase pelo Juventude, nos pênaltis, após um duplo placar de 0x0). Nos anos seguintes, o Linhares fez campanhas razoáveis, com destaque para uma Semifinal, em 2008, e um Vice, em 2011.

No ano passado (2013), o time sofria com falta de patrocínios e atraso de salários. Atualmente, a situação parece estar mais estável, conta com apoio de patrocinadores e lançou um projeto com o intuito de buscar verba para o time profissional e investir nas categorias de base. Todavia, o maior problema do time é a falta de um estádio, tendo que “mandar”²⁸ seus jogos na cidade vizinha, deixando de atrair os torcedores por conta do deslocamento. Vale ressaltar que há um bom tempo tem-se o debate da construção de um estádio municipal, mas sempre fica no campo das promessas eleitorais, nunca efetivado concretamente.

O Linhares F.C. é composto por apenas um Centro de Treinamento (CT), destinado ao time profissional e à escolinha de futebol, no bairro Três Barras, afastado aproximadamente 5 km do centro da cidade. O CT possui uma estrutura um pouco escassa, sendo constituído por três campos de tamanho oficial (um é destinado ao treino dos profissionais e os outros dois para os treinos da escolinha), um campo de areia, um vestiário semi-aberto, um quarto-depósito para guardar os materiais de treino da escolinha.

²⁷ Na época, não existia a Série D, que teve sua primeira edição em 2009. Assim, o campeão e vice do Campeonato Estadual disputavam a Série C do Campeonato Brasileiro. Atualmente, o campeão estadual disputa a Série D do Brasileiro e Copa do Brasil, no ano seguinte.

²⁸ Referente a “mando de campo”, quando o time é responsável pela organização da partida em seu estádio, ou seja, jogar em casa e diante a sua torcida.

⊕ PARTE II: SEGUNDO TEMPO ⊕

Sobre o trabalho de campo

Antes de relatar mais especificamente acerca da escolinha, faz-se necessário abordar a realização do trabalho de campo. Escolhido o tema geral, a categoria de base do Linhares F.C, era preciso focar melhor a pesquisa. Desde o começo, nas primeiras semanas precisamente, todas as possibilidades eram observadas, desde os profissionais até os garotos da escolinha. Até que, como foi dito no começo deste estudo, o foco culminou na escolha da escolinha.

Desse modo, o trabalho de campo teve início na primeira semana de fevereiro de 2013, período de preparação dos profissionais para a disputa do campeonato estadual e de retorno das férias escolares dos meninos da escolinha. De certa forma, a entrada no campo não foi dificultada, talvez pelo fato de ter sido ex-aluno da escolinha. Com uma simples conversa, a exposição do tema da pesquisa e um pedido de permissão as “portas estavam abertas”. Inicialmente, o trabalho de campo era feito de modo revezado entre time profissional, juniores e escolinha.

Então, decidido pela escolinha, não houve a necessidade de mudar o local do campo, visto que a mesma se encontra no CT do time. Passei a observar mais de perto, iniciar as primeiras impressões e aumentar a frequência de idas ao campo. Este foi o momento em que fui apresentado aos alunos. No começo, o contato era maior com os professores, depois os garotos se acostumaram a minha presença e passaram a interagir mais. O trabalho de campo durou aproximadamente um ano, terminando após o fim da Copa A Gazetinha, no final de janeiro de 2014, mesmo período das férias escolares e quando a escolinha entrou de férias.

Assim, a realização do trabalho de campo constituiu-se em acompanhar o cotidiano dos treinos e dias dos jogos. Em relação aos treinos, estes aconteciam três vezes por semana (com exceção de um período em que o Sub-15 treinava todos os dias, por conta própria e com ajuda do auxiliar, como preparação para o Campeonato Capixaba Sub-15), nas segundas, quartas e sextas, pela parte da tarde, entre 13h30min e 17h30min. Chegava um pouco antes de o treino começar, no intuito de acompanhar a movimentação pré-treino,

conversando com alguns pais, com os professores e com os garotos. Quando começava o treino, dentro do campo de futebol, acompanhava junto aos professores, buscando entender o seu funcionamento, as ideias dos agentes sociais, as suas escolhas, a função de cada atividade realizada, observando os meninos jogarem e as suas ações e reações dentro de campo, etc. Nesse ínterim, também conversava com alguns pais presentes e com algum visitante (ex-aluno, professor de educação física) e observava o comportamento dos alunos que esperavam o treino da sua categoria.

Os jogos aconteciam aos finais de semana, especificamente, aos sábados, e correspondiam aos amistosos e competições. Eles eram realizados no próprio CT, em outros campos de futebol da cidade e em outras cidades. Também os acompanhei e observei de perto, conversava com os professores, tirava fotos e observava o comportamento dos atores sociais desta e das outras escolinhas. Muitas vezes ocupei uma posição de “auxiliar”, ajudando a carregar o material, levar a súmula para os garotos assinarem, pegar a carteirinha de competição dos alunos.

Acerca das competições, acompanhei a escolinha em duas competições: Copa da Cidade (referente ao campeonato municipal das escolinhas); Copa A Gazetinha, que aconteceu na cidade de Nova Venécia-ES.

A Copa A Gazetinha é um tradicional campeonato estadual de escolinhas de futebol, criado pelo jornalista José Antônio Nunes do Couto (conhecido como JANC), em 1976. O nome deve-se ao jornal regional A Gazeta, tendo a origem da competição surgida de uma promoção deste jornal. Ela é anual e conta com duas edições: uma regional, contando com times capixabas e alguns do Rio de Janeiro; uma nacional, envolvendo não apenas times regionais, mas também outros tradicionais, por exemplo, Flamengo, Vasco, Cruzeiro, Vitória-BA. A Copa é conhecida por revelar jogadores, inclusive alguns famosos, tais como Sávio (Flamengo, Real Madrid), Maxwell (PSG), Fabiano Eller (Linharense, Flamengo, Internacional), Cícero (Fluminense, Santos), Carlos Germano, entre outros.

Nesta competição, viajei junto com a escolinha. Ela aconteceu na última quinzena de janeiro de 2014, em Nova Venécia-ES. Ficamos alojados por uma semana em uma escola local junto a outras escolinhas da competição. Foi uma experiência muito enriquecedora para o trabalho de campo, pois surgiram muitas observações e

acontecimentos que serviram de material para este trabalho. Além disso, tomei conhecimento de outros modelos de escolinhas, tive conversas com outros treinadores e registrei outras visões de futebol.

Dito sobre a realização do trabalho de campo, convém informar acerca das impressões que os atores tinham a respeito de mim. No começo, alguns alunos achavam que eu trabalhava para algum clube de futebol, mesmo eu me apresentando como pesquisador e reafirmando frequentemente a mesma coisa. Depois que passou essa primeira impressão, eles demonstraram curiosidade sobre o que eu pesquisava, perguntando se era educação física ou jornalismo, sobre o assunto e em qual faculdade. Buscava explicar que pesquisava a relação do futebol com a sociedade e a cultura brasileira, o cotidiano da escolinha e o comportamento dos jogadores e dos treinadores. Alguns mais curiosos sempre perguntavam sobre o andamento da pesquisa e até quando duraria o trabalho de campo, geralmente eram os mais velhos. Um ou outro menino vinha me questionar sobre o seu futebol, se tinha chances no “mundo da bola”, como se pedisse recomendações. Com o tempo, minha presença se tornou constante e eles estavam mais abertos. Chamavam-me pelo nome ou, respeitosamente, de “professor”.

A impressão dos professores, e demais pessoas ligadas ao clube, não era a mesma que a dos alunos. O discernimento deles parecia ser maior quando dizia sobre o que pesquisava, mostrando interesse e sendo solícitos em ajudar.

Durante a realização do trabalho de campo, lancei mão de algumas estratégias que ajudaram na observação e/ou na aproximação com os atores. Exemplos disso foram as fotos e os vídeos. Depois de um tempo, fotografava e filmava os treinos e os jogos, algo que alguns alunos passaram a fazer também. Pediam-me para tirar foto e para filmar. Acredito que esses recursos auxiliaram tanto na aproximação com os atores quanto na observação do trabalho de campo. Além disso, outra contribuição foram as “peladas” que vez ou outra jogava com os meninos nos treinos. Algo que gerou surpresa para alguns quando viram que eu “sabia” jogar futebol, inclusive alguns tentavam fazer um drible em cima de mim.

Por fim, optei por uma observação mais participante, abrindo mão de usar entrevistas estruturadas ou semi-estruturadas. Estas podem causar um desconforto ou intimidar o entrevistado. Acredito que as conversas mais informais no decorrer do trabalho

de campo seriam mais proveitosas para colher informações do que entrevistas, podendo garantir mais “liberdade” aos atores, deixando-os mais à vontade para expor as suas ideias.

Exposto o trabalho de campo, segue abaixo seu desenvolvimento, começando pela descrição da escolinha, cotidiano, treinos. Em seguida, a análise de cada categoria etária e as suas competências.



4. A ESCOLINHA DO LINHARES F.C.

Como dito no início, o trabalho desenvolvido foi baseado na escolinha de futebol do Linhares F.C., mas não foram excluídas observações breves acerca de outras escolinhas que surgiram durante o processo.

A Escolinha do Linhares localiza-se no CT do time profissional, sendo a sua categoria de base. Ela é dirigida por Sérgio, contando com a ajuda do seu auxiliar Jaime, e, no primeiro semestre de 2013, tinha também o auxílio do seu irmão Carlos (saiu para trabalhar pela prefeitura). Sérgio e Carlos são ex-jogadores e formados em Educação Física. Já o Jaime não jogou profissionalmente, é um jovem de família humilde, tem uma escolinha/projeto com crianças carentes, e foi chamado por Sérgio para ajudá-lo na escolinha do Linhares.

Formalmente, são três categorias contempladas pela escolinha, nas quais os jogadores são divididos de acordo com a faixa etária: Pré-mirim (10-11 anos); Mirim (12-13 anos); Infantil (14-15 anos). Porém, alguns garotos do Juvenil (16-17 anos) treinam com o Infantil, às vezes com os Juniores (18-20 anos), ou seja, ele são meio “nômades”; pois, na formalidade, não fazem parte nem da escolinha, nem do clube (composto pelos Juniores e Profissionais).

Estruturalmente, ela está ligada ao time do Linhares F.C. Apesar de possuir certas autonomias, economicamente e administrativamente, a prioridade é o clube de futebol, caso não dê para conciliar os dois. Por exemplo, na disputa do Campeonato Capixaba Sub-15, os melhores do Infantil foram inscritos e treinavam separadamente, sob o comando de outro

treinador, ao mesmo tempo em que a escolinha disputava um campeonato. Assim, quando ocorria coincidência das datas de jogo dos dois campeonatos, a prioridade é o menino representar o clube.

Financeiramente, a escolinha não é tão dependente do clube. Os recursos voltados para ela provem da mensalidade dos alunos, sendo a maneira de suprir os gastos. Logo, grande parte dos materiais de treino, uniforme, gastos com jogos, por exemplo, são provenientes dos alunos, no pagamento da mensalidade e em uma taxa simbólica para ajudar a pagar arbitragem e ônibus, em dias de jogo.

Administrativamente, ela também possui certa independência do clube, pois a administração, pagamento dos funcionários (atualmente apenas um auxiliar), gerenciamento financeiro e futebolístico estão nas mãos de Sérgio, também treinador. O presidente do clube se dedica mais ao clube (juniores e profissionais), mas costuma acompanhar os treinos da escolinha e observar os meninos.

A escolinha possui cerca de 90 a 100 alunos, contando os sempre presentes, os que entram no decorrer do ano, os que aparecem com menos frequência e aqueles emprestados de outras escolinhas para disputar um determinado campeonato (como é o caso da Copa A Gazetinha). Para fazer parte da escolinha, é cobrada uma mensalidade no valor de R\$ 50,00. O pagamento da mensalidade é uma constante reclamação do treinador, pois muitos não pagam, outros gastam o dinheiro que o pai deu com outra coisa. Além disso, há alguns meninos mais carentes e, por consentimento do treinador ou chamados por ele para treinar, não pagam a mensalidade. Assim, meninos de várias camadas sociais fazem parte da escolinha. Na verdade, os de classe mais alta são minoria. Estes são mais comuns na escolinha “rival”, o Center Norte, caracterizada por ser de elite, segundo os atores sociais.

Além disso, é preciso estar matriculado e ir bem na escola formal, mas não há um controle disso, não sendo preciso apresentar o boletim ou qualquer outro documento que comprove a situação do aluno na escola formal. O que pode acontecer é uma atitude particular, do pai do aluno. Por exemplo, após um mês sem comparecer nos treinos, Rodrigo, categoria mirim, voltou a treinar, e foi questionado pelo treinador o motivo do “sumiço”. Meio sem graça, tenta se desculpar com uma lesão, mas depois conta o motivo real, que era castigo por ter tirado nota baixa. Apesar de não existir um controle rígido

sobre a vida escolar, o treinador frequentemente perguntava aos meninos como estavam indo na escola.

A intervenção do treinador não está direcionada apenas à temática escolar. Ele interage com os alunos antes, durante e depois do treino com conversas sobre temas diversos, possibilitando a intervenção, sobretudo em questões disciplinares, de maneira jocosa. Tal fato passa uma impressão da escolinha como um espaço isolado da rua, apesar de ser um espaço “fora de casa”. Logo, as escolinhas seriam um local simbólico de proteção contra os problemas do dia-a-dia, constituindo-se como um espaço de transmissão de valores éticos e morais. Como afirma Santos, seguindo o pensamento de Guedes (2004),

(...) podemos afirmar que essas conversas revestem-se de forte caráter moral, sempre sublinhado pela autoridade do professor/monitor que indica as vicissitudes da vida e as melhores formas de ficar longe de “problemas” de maneira alegre e descontraída (SANTOS, 2007, p. 55).

É interessante que, ao mesmo tempo em que o treinador aponta uma atitude contrária à liberdade da rua, ele acredita que o jogador para ser bom tem que ser criado solto. “Sabe, menino tem que ser criado solto mesmo para ser jogador, tem que ser esperto, não ter frescura”, disse-me o treinador, no treino, após o menino com a bola perder a jogada por não ter tido “malandragem”. Ou seja, ao mesmo tempo em que ele tenta passar aspectos disciplinares, ele também quer atitudes espontâneas. Isso mostra o que foi dito mais acima, da escolinha ser um local marcado tanto pelas questões sérias quanto pelas lúdicas.

Durante o treino, os pedidos de seriedade, responsabilidade e disciplina por parte do professor aos alunos são constantes. Além disso, o treinador também utiliza estratégias no ensino de tais atitudes. Por exemplo, na despensa destinada a guardar os materiais de treino tem um freezer com picolé e “cremosinho” (uma espécie de iogurte congelado), cuja venda é feita aos alunos. Não há um controle de venda, o menino avisa ao treinador, pega no freezer e depois paga. Perguntei ao treinador se os meninos não davam “calote”. Ele me disse que apenas poucos não pagavam, que aquilo era mais uma “maneira de criar responsabilidade no menino”.

A falta de seriedade e disciplina aparece constantemente durante o aquecimento físico e o trabalho de fundamento, sendo que muitos meninos não levam a sério tais

atividades, fingem fazer, fazem errado. Isso é mais conhecido como “migué”, na categoria nativa, que serve para outras situações também, que seria algo como enganar, fingir. Entretanto, tal atitude não é rigidamente repreendida, é mais uma repreensão verbal. A repreensão mais rígida, o castigo, ocorre quando a autoridade dos agentes é contestada ou quando algum aluno, ou grupo, tenta tumultuar o treino, arrumar confusão entre si. Certa vez, Leonardo – juvenil treinando no infantil –, queria arrumar confusão com um companheiro de categoria. Ao perceber o que acontecia, o treinador repreendeu o mesmo: “Po, quer atrapalhar meu trabalho? Quem manda aqui sou eu. A gente dá uma moral, deixa treinar e fica arrumando confusão. Não vai treinar mais”.

No geral, castigos disciplinares não são comuns. As vezes que pude comparar com outras escolinhas, o nível de disciplina delas me pareceu ser mais forte, e os castigos mais comuns. Durante as finais gerais da Copa A Gazetinha, estive no alojamento junto às demais escolinhas. Chamou-me a atenção uma escola de Aracruz-ES, na qual o treinador e seus auxiliares comandavam os garotos com muita disciplina e castigos disciplinares. Por exemplo, ao aguardar a chegada do ônibus para o jogo, um dos seus alunos corria pelo pátio, como um castigo por indisciplina. Fatos assim eram constantes, e os meninos demonstravam ter medo de repreensão por conta de qualquer deslize. No entanto, na escolinha do Linhares, não acontecia o mesmo. Até por conta da filosofia do treinador, que dizia não adiantar tratar o menino com “mão-de-ferro”, mas saber corrigir. Ele dizia que tem que saber dar liberdade aos meninos, saber o momento de exigir e sem excesso, “jogador tem que ser criado solto, mas com responsabilidade”.

Os treinos ocorrem três vezes por semana – segundas, quartas e sextas – na parte da tarde, das 13:30 horas às 17:30 horas, desde a preparação até o apito final da última turma. Mas, nas proximidades de um campeonato importante, o Infantil resolveu treinar todos os dias, sob a supervisão do auxiliar do professor. As atividades são realizadas em um dos três campos, podendo, às vezes, utilizar um segundo campo. A duração do treino de cada categoria é de aproximadamente uma hora, podendo prolongar-se um pouco mais, principalmente nos períodos de competição. A primeira turma é o Infantil, depois o Mirim e, por último, o Pré-Mirim. Vale lembrar que os mais velhos, aqueles que “estouram” a idade, o Juvenil, treinam junto ao Infantil, geralmente em uma atividade separada. Estes são aqueles que esperam uma oportunidade e acreditam na profissionalização. Não tem uma

categoria formada, completa como as demais, e os meninos nem fazem parte do clube, com exceção de alguns que possuem o nome vinculado ao clube por meio de um contrato. Aliás, 16 anos é a idade “limite” para conseguir despontar na carreira de futebolista, de acordo com os agentes de ensino. É a idade oficial para a formalização de um contrato.

O programa de treino é diferente em cada categoria, variando conforme as especificidades de cada uma delas. No entanto, há um padrão de funcionamento comum em todas elas. Nas segundas e quartas, é feito um aquecimento/alongamento, trabalho com bola (fundamentos) e coletivo. Nas sextas, aquecimento/alongamento e coletivo. As especificidades de cada uma serão analisadas mais à frente. As conversas antes e depois de cada treino são constantes, principalmente em véspera de jogo.

O aquecimento geralmente consiste em uma leve e rápida corrida em volta do campo. Depois, é feito o alongamento. Nessas atividades são constantes os “migués”, fazendo corpo mole, inventando uma dor, mas os agentes sempre percebem e pedem seriedade.

Em seguida, são realizados os trabalhos com bola, que correspondem às atividades de fundamentos técnicos e táticos (movimentação, posicionamento, domínio, passe, cabeceamento, chute a gol, jogadas de defesa e ataque). Elas funcionam como simulações de situações de jogo, no intuito do aluno familiarizar-se com as jogadas. Além disso, elas são constituídas por uma variedade de exercícios e com finalidades específicas. O “migué” também aparece nessa atividade, mas é mais discreto e comum nos exercícios de fundamentos básicos técnicos.

Por fim, o “coletivo”, a parte preferida dos meninos. Os agentes entregam coletes, aleatoriamente segundo eles, dividindo a turma em dois times. O “coletivo” nem sempre é igual, variando conforme o número de alunos disponíveis; assim, pode ser realizado no campo todo ou em campo reduzido. Durante essa atividade, os agentes procuram orientar os alunos, indicando as jogadas, movimentação, posicionamento, solicitando empenho ou prudência, elogiando as boas jogadas, reprimindo e corrigindo, arbitrando o jogo, sempre acompanhados de gestos e do sinal do apito.

Ao apontar certos caminhos em detrimento de outros, referendar certas jogadas ou condutas, os professores indicam preferências nas formas e modelos de

entendimento da prática esportiva. Quando o professor exige vitalidade e virilidade nas jogadas, externa as representações do jogo competitivo de ênfase na agilidade e vigor corporal. Por sua vez, quando exige suavidade, destreza, fluidez, indica as condições mais espontâneas da prática do jogo, necessárias para se desvencilhar das estratégias antecipadamente construídas enquanto um modelo mecânico capaz de ser superado pelo balançar dos corpos em interação. A alternativa de usar uma ou outra depende da relação que o praticante tem com os condicionantes do jogo e podem ser acionadas simultânea ou isoladamente, sempre aos dissabores das orientações técnicas do professor (SANTOS, 2007, p. 57).

Terminado o treino, quando preciso, os agentes fazem um círculo com os meninos para uma conversa, geralmente em véspera de jogo ou quando ocorre algum desentendimento durante o treino. Alguns meninos vão embora, outros permanecem para completar a turma seguinte, outros continuam brincando com a bola (jogam futevôlei improvisado, “travinha”²⁹, treinam faltas e cruzamentos, etc.).

Os treinos também são marcados pela presença constante de pais que acompanham o filho, ex-alunos, profissionais de educação física amigos do treinador. Em nenhum momento verifiquei a presença de olheiros³⁰, o que vai contra a ideia que coloca a escolinha como única e/ou principal responsável pelo fornecimento/abastecimento de craques.

Aos finais de semana, são realizados amistosos, quando não há jogo de campeonato, sendo uma maneira de motivar e garantir experiência aos meninos. Como disse Sérgio, “A gente faz isso para motivar o menino, dá experiência de jogo para aqueles que não estão acostumados ou nunca participaram de um jogo”.

Em relação aos objetivos da escolinha, de acordo os agentes de ensino, podemos destacar: a formação do cidadão; formação de atleta; sustento dos agentes de ensino. Contudo, com o trabalho de campo, outros objetivos surgiram, conforme os demais atores

²⁹ A “travinha” é uma modalidade de prática futebolística disputada sem goleiros e com traves pequenas ou outras demarcações como pedras e chinelos. Ela pode ser realizada em diversos espaços, por exemplo, a rua, um campo de areia, a praia, quintal. Ela é uma prática bem livre em relação às regras rígidas do futebol, com suas próprias regras pré-estabelecidas ou estabelecidas no momento da prática, conforme o local, o número de jogadores, o tempo, entre outros fatores. Não há árbitro, o que leva aos litígios serem resolvidos no momento e entre os próprios participantes. Além disso, possui outras denominações que variam conforme a região, tais como “golzinho” e “furingo”.

³⁰ O olheiro é um profissional designado pelo clube para observar jogadores, com a função de procurar, principalmente, jovens jogadores com talento em potencial e levá-los ao clube. Geralmente, os olheiros são ex-jogadores ou pessoas de confiança do clube.

envolvidos no processo, tais como o desenvolvimento de atividades físicas, de lazer e saudáveis a disciplina, ensinar a prática futebolística, auxiliar nas atividades escolares, afastar o menino das drogas e da violência. Assim, os objetivos estão mesclados no espaço, conforme a disposição de cada ator social e em cada contexto. Há o menino que está lá para passar o tempo, não ficar ocioso em casa ou ter que estudar. Há os pais que colocam o filho para aprender um comportamento disciplinado. Há o pai que sonha com a profissionalização do filho. Há o menino que quer virar jogador. Há o aluno mais carente, chamado pelo treinador para treinar e ficar longe dos “perigos”. Há aquele que vai porque gosta apenas de “jogar por jogar”. Há também os que se utilizam de vários desses objetivos ao mesmo tempo. De acordo com categoria, os objetivos também mudam. Por exemplo, nos mais velhos, o desejo de profissionalização é mais comum, mas não é exclusividade.

A participação dos alunos na escolinha apresenta-se nas dimensões do lúdico, do esporte, da sociabilidade e do utilitário, conforme o ator social em questão – agentes sociais (treinadores e auxiliares), alunos, pais de alunos e empresário da escolinha. Isso desmitifica a noção homogênea acerca das escolinhas, como sendo um modelo único, visando a lucratividade e/ou a carreira futebolística. Nela está inserido um mundo de realidades diversas.

Contudo, sem dúvida, a proximidade com o time profissional cria uma expectativa maior de profissionalização, servindo até mesmo como um marketing, mesmo que inconsciente, para atrair alunos, como se todos tivessem a possibilidade de alcançá-la. Isso é corroborado com o discurso dos agentes, principalmente citando exemplos de sucessos provenientes da escolinha. Como certa vez disse um deles a um grupo de alunos esperando o treino:

“Vocês têm que ter vontade, se dedicar, aproveitar o espaço aqui do clube. Po, olha quanto jogadores saíram daqui. Tem o João Paulo jogando no Fluminense, o Rogério tá na Europa, o Adriano jogou no Vasco, começou aqui na escolinha”.

Essa situação cria um ambiente onde o menino acha que irá aprender a jogar futebol, ou que tem habilidade, e se profissionalizará. Santos percebeu a mesma situação nas escolinhas em que analisou:

Essa estratégia é contagiante, pois os professores enfatizam a possibilidade de todos a partir de frases articuladas, como: “Olhem só! O fulano treinava aqui com a gente, como vocês, e agora está no time tal”. Esse mecanismo é capaz de gerar um sentimento de pertencimento e estimular a identificação, reafirmando a possibilidade de alcançar o tão desejado e sonhado acesso ao profissionalismo (SANTOS, 2007, p. 73).

Todavia, ao mesmo tempo em que se cria um aparente sentimento de pertença, também há um aspecto de distinção de status. Os considerados possuidores da técnica entre os mais velhos (Infantil e Juvenil) chegam a treinar nos juniores e até mesmo no profissional, muitas vezes para completar time ou teste para a preparação de algum campeonato – alguns até disputam. Mas sempre voltam para treinar na escolinha ou disputar um campeonato junto aos jogadores do Infantil, quando a idade permite³¹. Quando retornam, adquirem um status diferente dos demais.

Nos casos dos considerados habilidosos entre os mais novos, há uma bajulação, um tratamento “diferente”, uma expectativa na profissionalização dos mesmos, seja no próprio clube ou fora. Enquanto muitos que não detêm a habilidade acreditam que, entrando na escolinha, aprenderão a jogar bola de um dia para o outro, sobretudo por ser a escolinha do clube do Linhares. Como disse Sérgio,

“Tem menino que nunca jogou bola na vida e acha que vai aprender de uma hora para a outra. Ele pode até desenvolver, se treinar desde cedo, e pode até profissionalizar. Mas, depois de velho, fica difícil aprender”.

Portanto, a proximidade com o profissional parece fazer com que o espaço seja marcado por uma diferenciação de status entre os que têm e os que não têm a habilidade, exatamente o oposto ao discurso de que todos podem profissionalizar-se. Então, a escolinha propicia meios na tentativa de aproximar, minimizar essa diferenciação, mesmo sabendo que muitas vezes pode não acontecer. É o discurso dos agentes, ao dizer que o menino pode aprender a jogar, mesmo sabendo que ele não possui, de acordo com as suas concepções do

³¹ A idade e a noção de categoria variam conforme a competição. Por exemplo, a Copa A Gazetinha usa o critério da data de nascimento. Assim, o “97 (nove sete)”, como é chamado, não pertence ao Infantil, mas pode disputar a competição nessa categoria. Já a Copa da Cidade é diferente, sendo de acordo exatamente com a categoria. Nesse caso, o 97 não joga, pois pertence ao Juvenil e não ao Infantil. À frente disso será abordado mais detalhadamente.

jeito à brasileira, os requisitos para tal. Os próprios alunos também possuem seus meios de minimizar essa distinção. Como a escolinha é um espaço marcado pela sociabilidade, no qual compartilham atitudes e ideias, ao fazer isso, alguns meninos buscam se definir como parte de um grupo por meio de outros dispositivos, compensando a habilidade. Por exemplo, usando certo tipo de material esportivo, um corte de cabelo parecido com o do Neymar, um gesto imitando outros meninos mais velhos. Certa vez, acompanhando os meninos na preparação para o jogo, vi um dos meninos colocar fita crepe no meio. Mesmo sabendo que isso era para segurar a caneleira na perna, não ficar frouxa, perguntei-lhe qual o significado daquilo, e ele me disse que estava imitando outro garoto, mais velho e considerado habilidoso. Então, além de ser um gesto compartilhado por um grupo em um determinado espaço, atitudes assim também podem servir como tentativa de definição, de se sentir parte de um grupo.

Visto que a escolinha não abarca apenas o aspecto da profissionalização, como ficaria o outro lado, aqueles que não têm o interesse de se profissionalizar, independente de possuir ou não o considerado “levar jeito”? Assim, nem sempre o menino ser “bom de bola” significa querer profissionalização. Por exemplo, Rafael, 16 anos, canhoto habilidoso, ótima visão de jogo, segundo o treinador. Certa vez, perguntei-lhe se o garoto poderia e/ou queria se profissionalizar, e disse-me, após elogiá-lo, que poderia sim, porém não tinha interesse em seguir na carreira, estava lá apenas porque gostava de jogar. E também há o contrário, o que não tem o “trato com a bola”, mas sonha com a carreira de jogador de futebol. É o caso de Felipe, 16 anos, que estava lá “apenas para brincar, sociabilizar, pois não sabe jogar bola”, disse o treinador. Quando conversei com Felipe, ele revelou-me que tinha um problema no pé e que sonhava em ser jogador de futebol, e sempre me perguntava se um dia ele poderia vir a ser, o que deveria fazer. Depois de uns meses, ele não apareceu mais na escolinha. A última vez que o vi, perguntou-me sobre o futsal, e disse que ia tentar ser goleiro nas quadras.

A proximidade com o profissional, o discurso dos agentes, a escolinha como local de ensino/aprendizagem e aperfeiçoamento da técnica são fatores que colocam os alunos como atletas em potencial, levando a acreditar que todos possuem tal objetivo. Contudo, nem todos lá presentes compartilham os mesmos sonhos, ou seja, há alguns alunos que não desejam a profissionalização, que estão ali por outros motivos, como relatado mais acima.

Certo dia, conversei com o pai de um aluno, que me disse ter colocado o filho na escolinha porque em casa ficava muito parado, muito sedentário, e acreditava ser importante uma atividade física para a saúde. Perguntei-lhe se a escolha da escolinha tinha alguma relação com o fato de ser do time do Linhares F.C. A resposta foi negativa, dizendo que a escolha se deu por conta da forma de trabalho do treinador: “Na outra escolinha, o treinador ‘xinga’ muito, grita com os meninos. Aqui não, não tem tanta pressão”.

A escolinha também apareceu como uma desculpa para “fugir” dos estudos de casa. Conversando com um grupo de garotos que esperavam o treino, um deles me contou que não queria ser jogador de futebol, que só estava na escolinha porque em casa ele tem que fazer dever, estudar. “É melhor vir para cá do que ficar em casa estudando”. O discurso da dificuldade em se profissionalizar também era muito recorrente como desculpa para não seguir na carreira.

Então, para esses meninos, a escolinha possui outros significados, que estão mais próximos aos aspectos considerados lúdicos, lazer, socialização, diversão, e também a disposição pedagógica em contrapartida às outras escolinhas. Nas palavras de Santos,

(...) para boa parte dos alunos-atletas, as “escolinhas” não se resumem a um espaço destinado à obtenção das disposições necessárias a essa modalidade esportiva, transcendendo assim, o seu uso meramente instrumental. E é justamente a partir desse consumo simbólico, permeado por uma espécie de ‘sociabilidade protegida’ (...), tecida no seu espaço, que as “escolinhas” de futebol acabam se constituindo em lugares de trocas e vivências, atendendo a demandas específicas que possibilitam aos jovens trocarem significados e ampliarem seu universo, elaborando, de forma singular, sua inserção na sociedade (SANTOS, 2007, p. 78).

Portanto, apontando essas realidades diversas e multiplicidade dos seus atores, as escolinhas aparecem como uma via de interação social por meio da prática esportiva, contribuindo para compor o ambiente social da criança e do adolescente. Desse modo, por meio do futebol e sociabilidade, a escolinha promove, repercute e antecipa valores morais, éticos, sociais e futebolísticos. Além disso, a categorização etária das escolinhas contribui para fazer com que a prática futebolística local seja abrangida por diferentes práticas e objetividades, e não apenas um único modo, isto é, voltado exclusivamente para a profissionalização ou para a diversão ou para o lucro, por exemplo.

Em suma, as escolinhas podem ser entendidas como um espaço de múltiplos significados e de importante papel na sociabilidade dos jovens. Logo, o importante é perceber que a escolinha, como visto acima, apresenta um imbricamento de diferentes significados, objetivos, funções, desde os aspectos instrumentais, de profissionalização, aos aspectos “descompromissados”, de lazer, saúde, interação. Então, como um espaço diversificado, o mesmo serve para os seus atores ali presentes e seus objetivos.

5. AS CATEGORIAS ETÁRIAS E AS COMPETÊNCIAS

Como foi visto, o treino na escolinha é dividido em três categorias, e, apesar de haver um suposto modelo de treinamento a ser seguido, cada uma delas possui sua especificidade, de acordo com as respectivas competências e necessidades exigidas.

5.1. Pré-mirim ou Sub-11

Em relação às outras duas, tal categoria é menos rígida no quesito da idade. Ela possui meninos abaixo dos dez anos, por não haver uma categoria para os menores, por conta da quantidade insuficiente de alunos, e meninos acima dos onze (doze anos, especificamente). Estes geralmente por escolha do treinador. Ou seja, pela idade deveriam estar em uma categoria acima, mas o treinador os mantém pelo critério da força, nem tanto por causa da habilidade, mas por considerar que o menino não tem a força suficiente exigida na categoria correspondente a sua idade. É o caso de Tales, que deveria estar no Sub-13, mas é considerado como tendo força do Sub-11. Alguns desses garotos até jogam em sua categoria certa, apesar de treinarem no Sub-11, porém depende do tipo de campeonato e da necessidade de completar o número de jogadores inscritos na competição. É o caso de Júnior, que em uma competição jogou pelo Sub-11, e, em outra competição, jogou algumas vezes pelo Sub-13, pois faltava jogador. Portanto, essa categorização não é tão rígida quanto aparenta a princípio.

O treino é dividido em três períodos. O primeiro é destinado à realização do alongamento e do aquecimento, marcado por leves corridas com a bola; atividade livre com a bola, por exemplo, embaixadinha; alguma brincadeira com ou sem a bola, estimulando a competitividade e/ou coletividade. A segunda parte é destinada aos fundamentos básicos. Nesta são realizadas atividades em dupla, consistindo em aprimorar a coordenação – trabalhos com cone –, passe, domínio e controle de bola, cabeceio e equilíbrio. Além disso, as atividades de chute a gol também são recorrentes, e costumam ser feitas com mais entusiasmo, por conta da preferência dos meninos. Essas atividades são acompanhadas pelo incentivo dos treinadores, que aprovam as boas execuções e corrigem as ruins, ditando o ritmo por meio das palmas e apito, e sempre brincando com os alunos. Em seguida, é feito um rápido intervalo para os garotos beberem uma água antes de iniciar o “coletivo”. A

duração dessa primeira seção de treino varia de quinze a trinta minutos, de acordo com o dia.

Feito o intervalo, é iniciado o “coletivo”, a terceira parte do treino, a preferida dos alunos. Os treinadores distribuem os coletes de modo aleatório, não seguindo um critério de dividir por posicionamento, equilíbrio de habilidade ou titulares e reservas. Nesse momento, vale ressaltar os comportamentos de aprovação de alguns quando são colocados no time de algum “habilidoso”, e de reprovação quando é escolhido um “perna de pau”³² na mesma equipe. Desse modo, a distribuição dos coletes é sempre feita com muita falação e agitação por parte dos meninos. É importante lembrar ainda o imaginário que o colete tem nos meninos: o de titularidade. Alguns garotos, quando recebem o colete, soltam um largo sorriso, como se representasse estar entre os titulares. Tal pensamento pode ser proveniente do futebol profissional, no qual o menino, ao acompanhar as notícias do seu time e o treino dos profissionais, vê a distinção entre titulares e reservas marcada pelo uso do colete. Contudo, na escolinha, não tem esse significado, como disse o treinador, sendo apenas para “distinguir os times, não confundir”, não tem relação com o time que é selecionado nos jogos.

O coletivo é realizado com muita animação e liberdade. Os treinadores são mais atentos nas intervenções com as jogadas mais fortes, uma disputa, e na correção de alguma ação executada insatisfatoriamente, por exemplo, os escanteios mal cobrados. A disposição tática e o posicionamento dos meninos não são tão relevantes, pois os garotos são mais livres para jogar na posição que não é a de costume nos jogos. Isso é uma das diferenças em relação às outras categorias, nas quais acontece o contrário, uma disposição tática mais elaborada.

Uma outra diferença é a importância do gol. Nesta categoria, para os meninos, o que importa é fazer o gol, e cada um quer fazer o seu gol. Assim, a individualidade é mais recorrente, os meninos seguram mais a bola, querem driblar mais e tocar menos, apesar dos pedidos dos treinadores para que eles toquem a bola. Como disse Sérgio, “não adianta passar tático para eles. Nessa idade, tem que dar liberdade, deixar o menino brincar, não

³² O “perna de pau” é aquele que não possui as competências futebolísticas valorizadas em um meio social do futebol, ou por uma determinada pessoa, por exemplo, o treinador. Ele é aquele que “não leva jeito para o futebol”, o oposto do “bom de bola”.

pressionar”. E completa dizendo que “nessa idade, os meninos são assim mesmo, mais difíceis de lidar, são mais agitados, não adianta querer ser rígido, aplicar muita disciplina”. Durante a realização da Copa A Gazetinha, pude perceber atitude contrária a essa em algumas escolinhas, nos jogos e no alojamento. Os meninos pareciam ter uma noção e disciplina tática em campo, ou seja, mais organizados, além de serem pressionados a pensarem na vitória antes, durante e depois dos jogos. Fora de campo, também havia essa exigência, na hora do banho, nas constantes intervenções disciplinares que presenciei, na fila para pegar o almoço. Logicamente, essa atitude é reflexo do pensamento dos treinadores das mesmas e seus perfis pedagógicos, os quais eram figuras marcadas pela exigência e rigor disciplinar. Isso não apenas com os mais novos, mas com os meninos das outras categorias também.

Para finalizar o treino, é feita uma brincadeira de cobrança de pênaltis, geralmente nos dias de quarta e sexta. É mais algo lúdico, não para ensinar como se bate pênalti, pois não é comum haver instrução de como fazer, do que é preciso. Apesar disso, os meninos não gostam de perder o pênalti, sempre tentando repetir quando erram.

Desse modo, o treino do Sub-11 tem um tom mais lúdico e descompromissado, em relação ao “13” e ao “15”, mas não a única dimensão ali presente. A competitividade e a disciplina muitas vezes aparecem com contornos de brincadeira, no discurso dos treinadores e suas intervenções durante a realização do mesmo. Vale lembrar ainda que a grande maioria dos pais presentes nos treinos diz respeito aos alunos do Sub-11, sendo menos comum a presença dos pais de alunos das outras duas categorias.

Nos jogos, amistosos ou competições, algumas diferenças em relação às outras categorias também estão presentes. A começar pelo tempo de jogo, que é de vinte minutos cada período. Há diferenças também em relação às regras, por exemplo, a cobrança de escanteio, que não é realizada onde a linha de fundo e a lateral fazem um ângulo de 90 graus, mas sim no ponto de encontro entre a grande área com a linha de fundo, e as substituições, que não são limitadas a três apenas, mas ilimitadas. Logo, o treinador pode tirar e colocar os meninos várias vezes, para descansá-los, sempre de maneira muito dinâmica, sem precisar parar o jogo para substituir. A primeira vez que vi isso, lembrei do futebol de salão, característica bem parecida.

Pode-se notar que essas mudanças dizem respeito às competências físicas dos meninos, em relação às outras categorias, pois “eles têm menos resistência”, “menos força no chute pra fazer a bola chegar na área”, nas palavras do treinador.

As diferenças comportamentais também estão presentes nos jogos. A primeira delas perceptível é acerca da numeração da camisa. No vestiário, durante a preleção, a ligeira insatisfação com o número da camisa era notória, mas logo rebatida pelo treinador: “camisa não ganha jogo”. A preferência ou rejeição dos meninos era pelo número do jogador famoso preferido, do número que representava a posição em que jogava ou pela representação que uma camisa tem, por exemplo, a 10 do craque, a 9 do artilheiro, uma numeração que representa a “reserva” (15, 14, 12, 20, etc.). Todavia, essa atitude não permanecia ao longo da competição, pois era apenas nos primeiros jogos. Esse comportamento não era tão comum no “13” e no “15”.

Outra percepção nos dias de jogo é a rejeição do posicionamento escalado pelo treinador. As posições defensivas são as menos preferidas, assim como as de “quebragalho”³³.

Nos últimos jogos da Copa A Gazetinha, Marcos, zagueiro, desfalcou o time, pois havia feito uma cirurgia. Com isso, Sérgio teria que improvisar alguém. Nos treinos, os meninos cogitavam quem ia jogar no lugar de Marcos, e colocavam André, lateral-direito, como o substituto. O discurso era endossado por Sérgio, que, em tom de brincadeira, dizia que ele ia ser o zagueiro, pois tinha porte, mas André mostrava sua insatisfação: “Ah, zagueiro não, Sérgio. Não sei jogar na zaga”. Então, o treinador retrucava: “É quase a mesma coisa que jogar na lateral. Só pra ajudar mesmo. Não tem outro”. Na hora do jogo, o treinador conversava melhor com André, pedindo para ele “quebrar um galho”, e que colocaria outro no decorrer da partida. E era justamente isso o que fazia, revezando as posições, colocava o André na lateral-direita e outro jogador de zagueiro, conforme a necessidade da partida.

³³ Quebra-galho é aquilo que serve como paliativo, substituto. No caso do futebol, o “quebra-galho” é aquele que exerce uma função e/ou posicionamento diferente daquela que está acostumada a fazer. Por exemplo, é um volante jogar de lateral, seja por motivos técnico-táticos do treinador ou por alguma necessidade imediata.

O caso de Juliano é outro exemplo que demonstra o comportamento dos meninos de questionar o treinador e suas escolhas.

Juliano joga quase sempre de atacante, a sua posição preferida, na qual sempre pedia para jogar. No entanto, para Sérgio, ele deveria jogar de meia-atacante, atrás dos atacantes, por causa de suas características. Certo jogo, cansado de orientar o posicionamento de Juliano – que estava escalado no ataque, mas se posicionava como um meia, como disse o treinador –, Sérgio colocou Juliano de meia-atacante. “Na meia não Sérgio, não sei jogar, quero continuar no ataque”, resmungou o jogador. Rapidamente foi apaziguado pelo treinador: “Mas você não se posiciona no ataque, se posiciona no meio-campo. Você é meia. Depois coloco de novo no ataque”. Após um tempo, Juliano fez uma jogada e deu o passe para o gol. “Tá vendo, Juliano, você tem que jogar no meio”. Algo que não fez muita diferença para o jogador que insistia em jogar na frente.

Vale lembrar também que não há uma preocupação deles em fazer a oração (rezar um “Pai Nosso”) antes e/ou depois da partida. Quando eles faziam, geralmente não era por conta própria, mas porque o treinador, além de pedir, fazia junto, e sempre pedindo agilidade, para não atrasar a partida.

O comportamento dessa categoria também tem suas especificidades fora de campo. Eles são mais agitados, mais difíceis de lidar, mais despreocupados com o resultado pós-partida. “Eles gostam de fazer mais bagunça. É normal da idade”, disse Sérgio. Exemplos disso são as viagens de ônibus para jogar em outra cidade, muita “bagunça”, conversa, cantoria, e dificilmente param quietos, apenas na volta, quando estão mais cansados. Ainda sobre isso, durante a etapa final da Copa A Gazetinha, ocorreu um curioso episódio, em que o Sub-11 de uma equipe fora punido pelo seu treinador. Os alunos tiveram que limpar o banheiro, porque o sujaram de lama e grama após retornarem do jogo, à tarde. À noite, alguns treinadores conversavam no corredor, em torno de uma mesa, sobre os jogos, futebol e o acontecido. Todos eles foram unânimes ao dizer que o “11” é a categoria mais difícil de lidar, e cada um tinha uma maneira de tratar os seus pupilos.

Além das diferenças físicas e comportamentais, a categoria Pré-mirim também apresenta diferenças técnicas em comparação às outras categorias. As escolhas técnicas dos

jogadores para a partida também têm suas especificidades. Como disse Sérgio, a bola parada nessa categoria é muito perigosa; logo, ter um jogador que sabe chutar pode ser boa opção em uma falta, um escanteio, uma bola aérea ou uma finalização fora da área, pois os goleiros não são altos. Além disso, disse ser importante colocar como zagueiro um menino com bom passe, bom domínio, que “sabe sair jogando”, para não correr o risco de entregar a bola ao adversário. Outra característica é a rotatividade de posição durante a partida. As alterações de posições são constantes, colocando um atacante no meio ou na lateral, um lateral no meio, um lateral na zaga, um meia na zaga, de acordo com o andamento do jogo. Como foi dito mais acima, essa rotatividade gera um comportamento de descontentamento e, algumas vezes, confusão de posicionamento e função no campo, em alguns atletas. A maior atenção que o treinador pede é com a bola alta, como o mesmo afirma. Ainda segundo ele, nessa categoria, não adianta traçar muita tática de jogo, estratégias para fazer gol. É uma categoria mais fortuita, maleável, “uma hora você vence, outra hora você perde”.

Acredito que essa posição seja mais uma parte da pedagogia do treinador, da forma que ele entende o futebol e o seu ensino, como foi dito mais acima, de deixar o jogador dessa idade mais solto, mais livre. Isso, pois, de um ponto de vista mais superficial como observador, comparando com outras equipes que vi nos jogos, era perceptível algumas manterem-se mais fiéis à disciplina tática.

Outro aspecto que chama a atenção é o fato de alguns garotos imitarem os mais velhos, seja no modo de se vestir, de falar, de se comportar e de jogar. Algo que também é comum nas outras, mas sempre focando a categoria acima.

Expostos alguns pontos sobre esta categoria, avanço para a análise da seguinte, a Mirim.

5.2. Mirim ou Sub-13

A categoria Mirim corresponde aos meninos com idade de 12 e 13 anos. Diferentemente da Pré-mirim, é raro o caso de haver um menino com mais idade treinando junto a ela, exceto em caso de necessidade de compor número para a divisão de times no “coletivo”. O que pode acontecer é o menino ter a idade desta categoria, mas jogar no Sub-11 por razões físicas e técnicas, por escolha do treinador, como o caso do Tales, citado

anteriormente, Pedro e Júnior. Ou, então, o menino ter competência física e/ou técnica para jogar no Sub-15, mas apenas em competição e quando há a necessidade de plantel, tal como Diego e Luiz, que disputaram o Capixaba Sub-15 como titular e reserva, respectivamente.

Ela é uma fase intermediária entre o “11” e o “15”; por isso, é considerada um período de definição, de já ter uma ideia do rumo do garoto para, a partir daí, ir moldando-o. A categoria vai ganhando contornos de seriedade, o que não significa que a brincadeira fica de lado, muito pelo contrário. É nessa idade que os clubes costumam observar os garotos para levar aos seus CT's. Por exemplo, César, goleiro, 13 anos, foi visto por “olheiros” do Flamengo, aprovado no teste e integrado ao grupo no ano seguinte, com 14 anos.

O treino nesta categoria é parecido com o treino do Sub-11, com exceção das atividades mais recreativas serem menos relevantes. Ele é mesclado de momentos de brincadeira e de seriedade. Desse modo, também pode ser dividido em três momentos. No primeiro, é feito um alongamento, depois uma rápida corrida, com ou sem bola, ao redor do campo. Nessa parte, os meninos costumam fazer o famoso “migué”, andam ao invés de correr ou inventam uma desculpa. Não despercebido pelo auxiliar técnico, o ato é seguido por um grito de entusiasmo e advertência: “vamos lá, pessoal, seriedade”. Na segunda parte, são realizados os fundamentos básicos, que variam conforme os dias. Eles são trabalhos mais técnicos e mais elaborados que os fundamentos básicos do Pré-mirim, de acordo com os agentes sociais. Do mesmo modo, a atividade é realizada geralmente em dupla, às vezes em trio, quando desenvolvem o passe, o controle de bola, o domínio, a coordenação, o equilíbrio e o cabeceio. Também são realizados os chutes a gol, sempre acompanhados de outra atividade, por exemplo, exercícios com cones ou fundamentos táticos. Estes (fundamentos táticos), inclusive, são um diferencial em relação à categoria anterior, na qual este aspecto não era desenvolvido.

Portanto, no Sub-13, os meninos começam a trabalhar a parte tática, melhorar a noção de posicionamento, entre outras habilidades. Assim, são realizados exercícios de ataque contra defesa e vice-versa, de contra-ataque, de movimentação, de roubar bola, de ultrapassar o adversário, de três contra um ou dois, de um contra dois ou três. Porém, são realizados ainda de forma básica, e serão mais bem desenvolvidos na categoria futura.

Nesta segunda parte, o ritmo também é regido pelos gritos de entusiasmo do treinador e auxiliar, das palmas, dos apitos, dos elogios de uma jogada, da crítica jocosa de uma jogada ruim, das correções, do como se deve fazer. É importante lembrar que não há um padrão seguido para essas atividades, algo planejado ou um programa a ser seguido. Pelo contrário, são realizados de maneira aleatória, ou seja, um exercício pode ser realizado em um dia da semana e depois voltar a ser feito uma ou duas semanas depois. Finalizada essas duas primeiras partes, que costumam ocupar de quinze a trinta minutos do treino, dependendo do dia, é feito um intervalo para os meninos tomarem uma água, recuperarem o fôlego e amenizar o calor.

Terminado o intervalo, tem-se a terceira parte do treino: o “coletivo”, preferência também dos meninos desta categoria. O treinador e/ou seu auxiliar distribuem aleatoriamente os coletes aos meninos, dividindo os times, que, como no “11”, não é titular x reserva. Mas, diferentemente, jogar no time de colete ou sem colete não tem relevância para os mirins, bem como as escolhas dos jogadores. Isto é, na hora da escolha, eles não esboçam reação se vai ter um “perna de pau” ou um “habilidoso” no mesmo time, ao contrário dos pré-mirins.

O treino coletivo do Sub-13 não é tão livre quanto o do Sub-11, pois já possui alguns quesitos técnico-táticos nele, por exemplo, o “dois toques” (realizado no começo do coletivo, depois de uns minutos é liberado o toque livre, esta é uma atividade que consiste em jogar com apenas dois toques na bola, geralmente “domina e passa”), ou seja, não há a liberdade de condução e dribles, exceto os dribles de corpo (um corta-luz, uma gingada do corpo, um domínio já ajeitando para a execução da jogada seguinte). Além disso, são aplicadas variações de coletivos, sendo feitos em espaço reduzido, campo todo, somente gol de cabeça, e muitas vezes a aplicação de um deles depende da circunstância. Isto é, se há poucos garotos, coletivo em campo reduzido, se há muitos, coletivo no campo todo, por exemplo. Entretanto, apesar de existirem esses elementos que tornam o coletivo mais tático, mais sério, o treino é bem descontraído. Quando extrapola o limite da brincadeira, os treinadores pedem seriedade e concentração.

Diferentemente do Sub-11, nota-se uma melhor elaboração da disposição tática dos jogadores, com posicionamentos mais definidos. A coletividade aparece mais, e alguns

parecem se preocupar mais em cumprir a função de seu posicionamento do que simplesmente fazer o gol. Mesmo assim, a individualidade não fica de fora, pois há aqueles que gostam de ficar driblando os colegas.

Finalizado o coletivo, é feita a atividade de cobranças de pênaltis, também geralmente às quartas e sextas. Depois do treino, alguns garotos permanecem na escolinha, uns completam o treino do “11”, outros “batem bola” no outro campo, quando não são impedidos pelo treinador.

Em se tratando dos jogos, algumas características desta categoria são mais próximas ao Sub-15, com a diferença da duração da partida, que é de vinte e cinco minutos cada tempo. Em relação ao Sub-11, algumas disparidades são a cobrança do escanteio na marca oficial e as substituições (podem ser feitas mais de três alterações, a única restrição é em relação à rotatividade, ou seja, o jogador não pode retornar depois de substituído).

O comportamento deles em relação ao número da camisa não é o mesmo que o dos mais novos. Claro, preferem vestir o número de seu jogador favorito, mas não se importam com a numeração com que ficam. A reação deles diante o posicionamento pedido pelo treinador também é diferente, não costumam questionar ou demonstrar insatisfação quando “quebram galho” em outra posição.

Em relação à oração (também um “Pai Nosso”), antes e/ou depois da partida, a atitude é mais recorrente. Tem vez que eles tomam a iniciativa sozinhos, ou algum deles puxa o coro, ou o próprio treinador pede para eles fazerem a oração, antes ou depois da partida, independente do resultado. De qualquer modo, é mais comum eles fazerem em jogos mais importantes e, sobretudo, quando vencem. Nas derrotas, a oração pós-partida acontecia com menos frequência. Nessas situações, era mais comum os meninos saírem de campo de cabeça baixa, irritados, reclamando da arbitragem, lamentando os erros. Porém, sempre confortados pelas palavras dos treinadores, “cabeça em pé, vocês foram bem”, “não adianta lamentar, futebol é assim mesmo”.

Fora de campo, o comportamento desta categoria também é distinto. Alguns são mais próximos aos garotos do Sub-11, outros tentam se enturmar com os mais velhos do Sub-15, e tem aqueles que ficam entre eles mesmos. É importante destacar que aqueles que tentam se enturmar com os mais velhos geralmente sofrem um pouco de rejeição: “sai

daqui, Sub-13”, “você é sub 13, vai prá lá”. Geralmente o menino “habilidoso”, que tem o futebol apreciado pelos mais velhos, tem prestígio e consegue se enturmar. Todavia, a tendência é existir um clima de implicância amistosa entre as duas categorias. Segue um exemplo.

Na concentração do alojamento da Copa A Gazetinha, as categorias Sub-13 e Sub-15 ficam em quartos separados. Os mais velhos não gostam que os mais novos entrem em seu quarto, o que de fato acontece. Os mais novos sabem disso, mas não se importam e fazem isso a todo momento, provocando os mais velhos. Estes revidam, colocam-nos para fora, fazem ameaças, entram no quarto dos mais novos para colocar medo, ou seja, tentam impor respeito. Entretanto, tudo isso não prejudica o ambiente, não cria rixa, é algo mais em torno da brincadeira mesmo.

Outra característica é a tendência a imitar os mais velhos, modo de falar, vestir, por exemplo. Cito aqui novamente a concentração da Copa A Gazetinha.

Com poucos dias de concentração, percebe-se os mais novos imitando algumas atitudes dos mais velhos. A mais notória é no modo de falar, nas gírias. Uma delas é o uso da palavra “viado”. “Ô, viado, você vai lá?”. “Amanhã a gente tem que ganhar, viado!”. Ela é usada em conversas entre duplas ou em grupo, como se fosse o mesmo que a expressão “cara”, “véi”, “brother”. Inicialmente, eram os meninos do “15” que usavam a gíria; mas, depois de um tempo, a maioria dos meninos do “13” estavam usando também. Pode ser que seja por causa da convivência, mas nem todos usavam a expressão. Além disso, percebe-se outras atitudes de imitar os mais velhos, o cuspir no chão, por exemplo.

As especificidades dentro de campo desta categoria não se limitam apenas às questões corporais. Com as mudanças no sistema de jogo, surgem outras implicações. A altura, de modo geral, exceto a do goleiro, não é uma característica tão crucial quanto no Sub-11. Os meninos estão mais organizados taticamente em campo, o que exige mais coletividade, toque de bola. Logo, o fator bola aérea não é tão decisivo e passível de maior atenção, como na categoria anterior. O fato das substituições serem únicas para um jogador,

faz com que haja uma exigência maior da resistência física. As posições e suas funções podem ser alteradas. Se no “11” uma das aptidões do zagueiro é saber “sair jogando”, no “13” a principal aptidão do zagueiro é a força, para o confronto com atacantes mais robustos. O meio-campo precisa ter um passe mais apurado, para trabalhar a bola. E o atacante precisa ser mais veloz, troncudo e ter força no chute. A rotatividade de posição também existe, porém em menor constância, é mais de acordo com a necessidade de jogador, ou seja, o posicionamento dos jogadores é mais fixo.

Avançemos agora para a categoria Infantil.

5.3. Infantil ou Sub-15

Esta categoria corresponde aos meninos de 14 a 15 anos. Como foi dito anteriormente, ao iniciar os mirins, é raro o menino com a idade certa jogar na categoria abaixo, isto é, ter a idade do Infantil, mas jogar no Mirim, exceto nos raros casos de completar time. Vale lembrar que junto ao “15” treinam alguns meninos de 16 e 17 anos, a categoria Juvenil. Isso porque a escolinha vai até o Sub-15 e o time do Linhares F.C. não tem um time Juvenil montado, apenas os Juniores (18, 19, 20 anos). Assim, é comum os infantis e juvenis treinarem juntos, mas costumam ser separados após uma jogada mais violenta. Como o próprio treinador diz: “A gente deixa esses meninos mais velhos treinarem juntos para eles terem ritmo, não ficarem ociosos, para ajudar o menino mesmo”. Entretanto, um deslize causado pelo menino e Sérgio o tira do treino.

Leonardo (Juvenil) e um dos meninos do Infantil discutiram após o treino, fora de campo, ameaçando um ao outro, parecendo querer brigar. Sérgio, que treinava o Sub-13 no momento, percebeu a confusão e saiu do campo dando bronca: “Quem quer brigar com quem aí? Ninguém vai brigar aqui não. Aqui eu que mando. Leonardo, pode ir embora, o treino acabou. Poxa, a gente dá uma moral, deixa treinar na escolinha, mas fica querendo tumultuar o ambiente, arrumar confusão. Não vai treinar mais com o Sub-15 não.

No geral, a categoria Infantil já é mais “pronta”, mais experiente e mais independente do que a Mirim e Pré-mirim. Teoricamente, é considerada a etapa decisiva final para o menino seguir ou não carreira de jogador de futebol, pois é com dezesseis anos

que ele é inscrito como jogador. Além disso, tem um maior amadurecimento da posição em que atua e uma noção tática mais aprimorada. Porém, não significa que ele fique limitado à função que exerce, pelo contrário, pode ser deslocado para outra posição em caso de necessidade.

Nos quatro últimos jogos da Copa A Gazetinha, por não ter nenhum lateral-direito de ofício, Jorge foi improvisado. Ele é um exemplo curioso de como o futebol é dinâmico. Enquanto a maioria dos meninos já tinha um posicionamento moldado, Jorge já havia jogado de atacante e, por último, estava jogando no gol. Apesar disso, Jorge, que já conhecia a trajetória do menino; então, decidiu improvisá-lo na lateral-direita. A ideia deu certo, pois o jogador recebeu elogios do treinador pela dedicação na posição na qual nunca havia jogado, além de ter sido considerado, pelo técnico, um dos melhores jogadores do time nos quatro jogos do time na competição.

A tendência é que quanto mais avança a categoria, mais amadurecido taticamente e posicionamento fixo o garoto tem. Todavia, não significa que isso seja algo estático, cem por cento exato, pois sempre há exceções. Muitos jogadores profissionais mudam de posicionamento durante a carreira, o mesmo pode acontecer com os meninos da base.

Essa peculiaridade acerca da tática é perceptível nas atividades realizadas no treino, visto que são mais trabalhadas. “Essa idade já tem mais noção tática, de posicionamento, porque já são mais rodados, têm mais percepção, compreendem melhor”, aponta Sérgio. No discurso há um tom ambíguo, percebe-se uma inclinação natural para a disposição tática, cujo aprendizado dá-se por conta da idade mental, isto é, como sendo normal nessa idade. Mas também há algo da experiência, ou seja, que a maturidade tática é apreendida com o tempo, jogando, treinando. O que mostra como a ideia da prática no futebol está fortemente representada nos atores ligados a esse mundo.

Aqui nesta categoria o futebol é levado mais a sério, até mesmo porque eles estão caminhando para uma possível profissionalização; logo, precisam encarar o futebol com mais seriedade, caso queiram seguir carreira. No entanto, novamente, como nas outras categorias, a brincadeira não é abandonada, deixada de lado. Ela ainda permanece, porém com outros significados, outras roupagens.

O treino nesta categoria é mais dinâmico e intenso, com ritmo mais acelerado, pois o físico e o tático adquirem mais destaque em relação às categorias anteriores. Ele pode ser dividido em dois ou três momentos, dependendo do dia e do trabalho realizado. As atividades começam com um leve alongamento, depois corrida ao redor do campo. Após isso, há uma variação de atividades: trabalho físico, trabalho tático, fundamentos básicos e coletivo. Há uma rotatividade desses trabalhos, podendo ser aplicados no mesmo dia, na mesma atividade, em dias revezados, dependendo do momento, da necessidade, da quantidade de jogadores, de um pós-jogo de final de semana.

Desse modo, colocarei algumas configurações possíveis que presenciei durante o trabalho de campo. Uma delas é a aplicação do trabalho de fundamentos básicos (cabecinho, domínio, passe, por exemplo) ou trabalho físico, como uma segunda parte do treino; e, em seguida, em um terceiro momento do treino, o coletivo. Geralmente, isso acontecia quando a quantidade de jogadores era menor. Outra possibilidade é a mescla de um trabalho tático, após o alongamento, em campo reduzido, com dois goleiros separados no mesmo lado do campo, em forma de um “coletivo”, com o intuito de trabalhar movimentação, inversão de jogo, jogadas rápidas e passes curtos. Quando a quantidade de alunos era maior, o treino era dividido em coletivo de um lado e trabalho tático de outro, revezando os garotos nas atividades. No treino de sexta, era mais comum a maior parte do tempo ser destinada a um coletivo no campo todo, após um rápido e leve trabalho físico ou de movimentação ou chute a gol. Já no treino de segunda, se o time tivesse perdido no jogo do final de semana, o treinador costumava intensificar os trabalhos físicos e táticos, seja por questão de castigo disciplinar ou correção da postura tática ou para melhorar o rendimento físico, como demonstrado pelo mesmo. Atitude que não é tão diferente do futebol profissional, no qual é comum o treinador de um time intensificar esse tipo de atividade após uma derrota, ao invés de aplicar o “rachão”³⁴ ou outra atividade descontraída, que são mais comuns depois da vitória.

O treino nesta categoria é mais “pegado”, com jogadas de maior contato físico, o que muitas vezes leva o treinador a interferir no treino para pedir mais calma e moderação

³⁴ Também conhecido como pelada, baba (Bahia), o “rachão” consiste em uma prática futebolística caracterizada por ter regras livres. No caso dos treinamentos, o “rachão” é um treino recreativo e descontraído, no qual os jogadores podem jogar em outras posições e não há uma “responsabilidade” tática.

da força. Ou, então, quando não acontece essa moderação, ele pede para soltar a bola mais rápido, não segurar muito: “Tem que soltar a bola, tocar mais. Se segurar e tentar driblar, vai tomar porrada. Evita o choque, trabalha mais a bola, dá opção”. São as orientações de Sérgio.

Nesta categoria, a força não é tão diferencial quanto nas outras categorias, pois o que conta mais é o caráter técnico. E, se o treinador considerar que o menino não tem força suficiente para atuar na posição de costume, ele pode colocá-lo em outra posição, que exija menos força. Por exemplo, Márcio, que joga como volante, mas Sérgio, por sentir que ele não estava com força suficiente para suportar as disputas de bola no meio campo, deslocou-o para a lateral-direita.

Ao contrário do Sub-11 e Sub-13, o Sub-15 não tem cobrança de pênalti ao final do treino. Contudo, depois de treinar, alguns garotos ainda jogam bola no outro campo, futevôlei no campo de areia ou brincam de cobrar falta, escanteio, pênalti e cruzamento.

Os jogos do Sub-15 também têm suas peculiaridades. O tempo de partida é maior, de trinta a trinta e cinco minutos cada tempo. Assim como o Sub-13, o escanteio é feito na marca oficial e a substituição não se limita a três e é única, isto é, o jogador que sai não pode retornar.

A numeração da camisa não é algo relevante para os meninos do Sub-15, pelo menos não aparentam esboçar reação de insatisfação diante o número designado. Em se tratando do posicionamento, muitos não questionam quando o treinador pede para eles jogarem em outra posição. Essa troca de posição de um jogador geralmente acontece mais por necessidade de improviso – pela falta de jogador capacitado para a função ou insuficiência em outra posição – do que por opção tática. A insatisfação, ou “desobediência”, é mais comum em relação à realização de uma função diferente daquela que o menino acha não condizer com a posição, ou que não gosta. Tal atitude é mais comum com os jogadores de frente, quando precisam ajudar na defesa e na marcação, sobretudo.

Everton é atacante, joga pelas pontas, canhoto, driblador, gosta de resolver sozinho, mas também é um pouco “rebelde” e teimoso. Quando o treinador pede para ele ajudar na

marcação ou tocar mais a bola, ele “faz bico”, raramente obedece, se irrita, o que gera bronca dá parte de Sérgio.

Alexandre é centro-avante, o homem de referência no ataque, que é complementado pelos pontas Everton e Guilherme. A função que Sérgio designa para Alexandre é centralizar na área, para receber os passes dos pontas, e aproveitar a sua altura. Contudo, frequentemente, ele vai para o meio, como um armador, ou vai para os lados, como se fosse um ponta. Tais atitudes provocam incômodo no treinador, que, irritado, pede insistentemente para o jogador fazer a função dele. Em alguns casos, Alexandre não obedece, questiona tentando se explicar; e, como consequência, cansado de insistir, Sérgio o substitui.

Nessa categoria, a oração (também um “Pai Nosso” e, com menos frequência, pode haver uma “Ave Maria”) é constante, antes ou depois do jogo, independente do resultado. É uma atitude mais automática e de iniciativa própria, não precisando do treinador pedir-lhes para fazer. A oração constantemente é complementada por palavras de incentivo, de vontade, de fazer um bom jogo, de algumas estratégias a serem feitas durante a partida e de como se comportar.

Ainda é interessante notar que os jogos nessa categoria, por serem mais disputados, são mais propensos a resultar em confusões dentro ou fora de campo. Não que acontecesse com frequência, mas era mais provável do que em outras categorias, nas quais não ocorrera nenhum caso de briga. Além disso, tal disposição não era unanimidade entre os garotos, pois só um ou dois que eram mais “esquentados”. O bate-boca acontecia, alguns meninos não aceitavam provocações, mas evitavam brigas, sobretudo em casos de derrota. Inclusive, era o que o treinador recomendava, pedindo para os meninos evitarem confusão, “saber perder”. Quando o contrário acontecia, o treinador ficava irritado com eles, tentava afastá-los, dizia para “jogar bola e não arrumar confusão”, e preocupando-se com expulsões.

No último jogo da fase de grupo da Copa A Gazetinha, valendo a classificação para as oitavas, o time vencia, mas a partida estava mais disputada e o time adversário pressionava. Um dos meninos do Linhares foi expulso, houve reclamação com a arbitragem, iniciava-se uma confusão. Henrique, que estava na reserva, era o mais

exaltado, entrou em campo, gritou com o árbitro e foi expulso, enquanto Sérgio tentava afastar os meninos e evitar a confusão. A atitude de Henrique irritou Sérgio, pois seria mais um desfalque para jogar as oitavas. Terminado o jogo, alguns meninos do Linhares e alguns do outro time se encaravam. Na hora de ir embora, quase se inicia uma briga entre eles. Sérgio e Jaime tentavam evitar, afastar rapidamente os seus jogadores e levá-los para o ônibus para não haver confusão. Alguns meninos do outro time insistiam e continuavam provocando, enquanto Sérgio afastava alguns dos seus que aceitavam e tentavam revidar a provocação: “Quem quer brigar aqui? Ninguém vai brigar aqui não”, dizia o treinador, conduzindo seus jogadores para o ônibus.

Outro exemplo também foi quando o Linhares derrotou a escola rival, na Semi Final do Campeonato Municipal das Escolinhas.

Era o jogo da Semi Final entre o Linhares e o Center Norte, escolinhas rivais, “clássico municipal”. Por conta disso, o jogo foi ainda mais disputado. No final, o Linhares venceu, e a disputa dentro do campo se estendeu para “fora dos limites das quatro linhas”. Iniciou-se uma confusão, mas os treinadores entraram em campo para evitar que piorasse. Sérgio tentava afastar seus jogadores, até mesmo evitando que algum deles tomasse o vermelho e ficasse fora da Final. O fato deixou Sérgio irritado, por ter vencido e achar que o outro time sempre tentava causar confusão, não aceitando a derrota. “Tem que saber perder, poxa. Não pode incentivar os meninos a brigarem. Eu sempre oriento a saber perder”, dizia ele.

Ainda em se tratando do extra-campo, o comportamento dos meninos dessa categoria é diferente do comportamento das anteriores. Geralmente eles são mais discretos, por exemplo, nas viagens de ônibus. Eles se preocupam mais com os jogos, com o futebol, em se concentrar para a partida. Uma derrota é muito mais sentida entre eles do que entre os meninos das outras categorias.

A escolinha do Linhares F.C classificou as categorias Sub-13 e Sub-15 para a Final do Campeonato Municipal das escolinhas de futebol. Entretanto, as duas foram vice, os mais

novos perderam no tempo normal, e os mais velhos perderam o título nos pênaltis. Após a partida, a reação dos meninos do “13” estava dividida em revolta por ter perdido, uns diziam que não iam mais jogar futebol, enquanto a maioria parecia não se importar, ficando apenas com uma leve insatisfação. Os garotos do “15” sentiram mais, ficaram mais comovidos pela derrota, alguns choravam, outros baixavam a cabeça demonstrando um triste semblante; e, alguns poucos, aqueles que não jogaram, aparentavam um misto de insatisfação por não jogar e isenção de culpa pela derrota.

Colocado alguns pontos acerca das categorias, passemos para algumas competências gerais, apresentadas em todas as categorias como requisito necessário para ser um jogador de futebol, na opinião dos treinadores, ao longo do que pude presenciar no trabalho de campo.

5.4. Apontamentos sobre as competências

Nessa parte, são abordadas algumas competências, observadas no trabalho de campo, acerca da opinião dos agentes formadores sobre os requisitos necessários para o garoto se tornar um futebolista. Pode-se entender a noção de competência dentro do conceito de capital futebolístico, elaborado por Damo. Assim, essa noção é importante, pois “(...) objetiva escapar de duas armadilhas perniciosas: a ideia de que o dom não é passível de manipulação e a ilusão de que os aspectos biológicos são os únicos determinantes para o sucesso de um atleta” (DAMO, 2007, p. 94). O autor ainda explica:

Em sentido amplo, os capitais futebolísticos são os atributos que garantem o acesso de um menino a um centro de formação, o que inclui desde o reconhecimento do talento – por agentes autorizados pelos clubes e não por um observador qualquer – até os vínculos com agentes/empresários, passando pela percepção dos limites e possibilidades de movimentação no interior do campo profissional, o que requer a posse de outros capitais, dentre os quais o capital simbólico está em primeiro plano. Em sentido restrito, referindo-se aos atributos propriamente corporais de um indivíduo, os capitais futebolísticos perfazem um leque amplo e variado de disposições físicas, psíquicas e sociais que extrapolam, significativamente, a dimensão técnica e, sobretudo, uma dada dimensão em particular, muito valorizada pelo senso comum, associada ao controle de bola – malabarismos, floreios, etc.

Mesmo que as disposições natas sejam importantes para o sucesso esportivo, como o são para as carreiras artísticas em geral, elas estão longe de serem as únicas variáveis a exercerem influência na carreira dos futebolistas (DAMO, 2007, p. 112).

De modo geral, serão tratados aqui os atributos mais no sentido restrito, onde essas tais competências serão colocadas como de caráter físico, técnico e comportamental ou psicológico, e podem variar de significado, ou seja, são qualidades dinâmicas, mudam de acordo com o contexto e seus atores e categorias. Logo, a um olhar mais superficial, elas poderiam ser consideradas estáveis; mas, ao percorrer seus significados e sua relação com as categorias, percebe-se que elas não são tão rígidas, e sim manipuláveis.

5.4.1. Força

De caráter físico, a força aparece constantemente no discurso dos treinadores e seus trabalhos. Ela é um fator essencial na observação do jogo dos alunos, além de definir posições a ocuparem no campo. Sobre essa relação entre força e posição, eis um breve relato.

Vendo o treino do Sub-13, perguntei a Sérgio se Diego (meia muito habilidoso e considerado pelos colegas, pais e pessoas do futebol como uma certeza de profissionalização) conseguiria se tornar profissional e obter sucesso, apesar de ter pouca força e estatura. Ele me disse que depende do clube; e, como joga de meia armador, não precisa tanto ser alto. E se fosse alto e mais parrudo, poderia ter menos habilidade, o que levaria a pensar na opção de jogar na lateral esquerda, por ser canhoto.

A importância da força é de ordem decrescente. Assim, ela é primordial nas categorias menores, não deixando de ser fundamental nas categorias maiores, mas diminui a sua importância, pois outras qualidades ganham destaque.

A força pode servir como um parâmetro para determinar a categoria em que se encontra o menino. Dessa maneira, ele pode estar de acordo com a idade de uma categoria, porém a força pode não corresponder a mesma, de acordo com o treinador, podendo ter uma força considerada abaixo daquela necessária para tal categoria. É o caso, como foi citado mais acima, daqueles meninos que jogam na categoria inferior, mesmo não tendo a

idade avançada. Isto é, ele tem a faixa etária para jogar no Sub-13, mas joga no Sub-11. Contudo, mesmo tendo uma força considerada insuficiente para uma determinada categoria, o menino pode possuir outras qualidades diferenciais, por exemplo, a técnica. De acordo com Sérgio, muitos clubes procuram jogadores que mesclam a força e a técnica, outros procuram jogadores mais altos e fortes, outros não se importam se o jogador é baixo desde que habilidoso.

Eu e Sérgio conversávamos sobre a preferência de times a jogadores altos. Dizia-me: “Esses dias me ligaram se eu tinha um lateral Sub 13, alto e forte para fazer um teste no Cruzeiro. Eles preferem jogadores assim, maiores e com mais força. Mas isso depende de cada clube. Tem clube que não se importa muito com isso. O Flamengo, por exemplo, aceita jogador baixo, desde que tenha habilidade”.

Além disso, ela tem diversos significados, que variam conforme o contexto e a categoria referente. Então, a força pode ser usada para representar altura, resistência física, aguentar trancos e divididas, disposição e velocidade, força no chute, estrutura corporal. O uso é de acordo com o contexto e a posição e função desempenhada. Por exemplo, o jogador pode ser escalado na zaga por ser alto e “trombar” com atacantes maiores, ou jogar no ataque por ter velocidade e chute forte. Como disse o treinador certa vez: “Olha o Marcelo, não é muito habilidoso, mas joga na frente porque tem força. Ele chuta forte e aguenta correr”.

Por fim, é importante destacar um outro aspecto da força, que é o caso de o menino ser novo e ter força igual ou superior a dos meninos de categorias mais acima. Neste caso, isso é visto como algo positivo pelos treinadores, pois pode ser um diferencial na hora de disputar competições, uma vantagem em relação aos demais, além de ser aspecto de maturidade. Ou seja, pode ser uma possibilidade de, futuramente, desenvolver melhor o seu futebol, visto que seria considerado em um nível acima dos demais colegas. Entretanto, vale destacar que nem sempre ter mais força significa que o menino irá desenvolver melhor, pois ele pode estagnar, ter mais força quando está em uma categoria, mas depois ficar para trás. Como exemplo, cito o caso de Paulo, Sub-15. Deleí me disse que quando

mais novo, nas outras categorias, Paulo era titular e um dos que mais tinha força, mas depois estagnou, a sua força não desenvolveu mais e ele ficou para trás.

Já que foi tocado o tema da maturidade, segue-se a sua análise, pois também é considerada como uma das competências.

5.4.2. Maturidade

A maturidade é uma competência que abrange mais de um aspecto. Já foi dito anteriormente a sua relação com a força. Logo, ela pode servir como competência física, caso o menino tenha força e estrutura física considerada mais desenvolvida para a sua idade. Além disso, pode servir como competência técnica, se o menino apresenta uma técnica mais apurada, principalmente a coordenação, em relação aos demais jogadores da categoria. E, também, pode servir como competência comportamental, ou seja, se o jovem tiver uma “cabeça boa”, “responsabilidade”, “agir como homem”.

5.4.3. Humildade

A humildade é uma competência de comportamento. Ela é um discurso recorrente, sempre aparece na mídia, os jogadores frequentemente falam em ter humildade, respeitar o adversário, etc. O discurso dos treinadores também segue essa linha, apontando a humildade como uma qualidade que o jogador precisa levar consigo. Eles acreditam que o menino tem que ser humilde, não pode achar que joga mais que o outro por ter passado em um teste, por ter mais habilidade ou por ter tido algum destaque.

Contudo, nem sempre o discurso corresponde à realidade, pois há algumas atitudes que podem ser consideradas fora dessa característica. É o famoso “salto alto”, o discurso de “já ganhou”. Outro exemplo recorrente é quando o menino treina no profissional, ou em uma categoria acima, e retorna a sua categoria com certa soberba. “Olha aí, só porque treinei com os profissionais, deu um chute, e já se acha, pensa que já é jogador, fica cheio de marra”, disse o treinador.

Esse discurso e atitude de humildade são mais comuns entre os mais velhos. Na categoria mais nova, Sub-11, não é perceptível uma preocupação quanto a isso entre os garotos. Nos meninos do Sub-13, já se é visível um tom mais próximo, por parte de alguns,

porém é no Sub-15 que a humildade se torna mais recorrente, sobretudo na fala dos meninos.

Na Fase Final da Copa A Gazetinha, em Nova Venécia-ES, eu e três meninos mais velhos do Sub-15 voltávamos do centro da cidade, após assistir as partidas referentes ao grupo dos anfitriões. No meio do caminho para o alojamento, conversávamos sobre vários assuntos, um deles era sobre manter os “pés no chão”, a humildade, mesmo tendo sucesso. Fabrício, zagueiro, perguntou aos colegas se eles manteriam suas “raízes”, se trocariam suas namoradas por famosas, se deixariam se levar pelo “deslumbre” caso conseguissem se profissionalizar e ter sucesso. A resposta deles foi unânime, de não negar as origens, manter a humildade e não trocar a namorada por uma famosa.

Portanto, conversas desse tipo, sobre manter a humildade, eram mais comuns entre os garotos mais velhos, alguns poucos do Sub-13 e a maioria do Sub-15.

5.4.4. Seriedade

A seriedade diz respeito ao comportamento. “Se quiser virar profissional, tem que levar futebol a sério”. Essa era uma constante frase proferida pelos envolvidos no futebol, treinadores, funcionários do clube e pais de alunos.

Durante os treinos, eram constantes os pedidos de seriedade por parte do treinador, tanto nos fundamentos quanto nos coletivos: “Vamos lá, pessoal, seriedade”. Entretanto, tal disposição é mais comum no Sub-13, por ser uma categoria em transição, na qual o menino sai do período de “liberdade” e começa a ter mais obrigações, se quiser se tornar jogador, de acordo com o treinador.

O Sub-11 não tem tanto compromisso em levar a sério, porque, como foi dito anteriormente, o treinador acredita que tem que deixar os meninos dessa categoria à vontade, sem cobrança.

Já com o Sub-15 é diferente pelo fato de existir uma cobrança maior da parte deles mesmos, diferentemente do Sub-13. Nesta, a cobrança se dá no tom de treinar com seriedade, ter atenção na execução do fundamento, elaborá-los de maneira correta, deixando de lado as brincadeiras do Sub-11. A cobrança do Sub 15 é mais comum em

jogos, quando o treinador pede para o time jogar sério, sem desatenção, não errar as jogadas. Para o treinador, já existe uma exigência própria entre eles, de cobrança mútua entre os colegas, pois eles possuem maior consciência de coletividade e que precisam jogar sério e em prol um do outro.

Vale ressaltar ainda que, nos jogos, os pedidos de seriedade são mais reforçados, nas três categorias, durante a preleção e o intervalo, independente do resultado. “Vamos jogar sério, pessoal, escolher a melhor jogada, não brincar perto da área, chutar para fora quando necessário, disputar a bola com firmeza, mas sem falta, jogar sem preguiça”. Estas são algumas das orientações do treinador para os seus jogadores. Com isso, pode-se perceber uma relação entre seriedade e disposição para jogar; logo, jogar com seriedade pode remeter também ao jogar com vontade. Esta também é uma das competências e será abordada na sequência.

5.4.5. Vontade

A vontade pode representar uma competência comportamental ou física, dependendo da ação e do contexto. Por exemplo, ela pode estar relacionada à força física quando o menino entra muito duro em uma jogada, ou seja, ele entrou com muita vontade. “Vai com calma, mais devagar, menos força, com vontade, mas sem machucar”, são as orientações do treinador. Então, nesse caso, a vontade se aproxima à força, ao jogar com firmeza.

Outrossim, a vontade pode significar o desejo, a gana da vitória, do prazer em jogar futebol. Nas palavras do treinador, “Esses meninos não querem mais saber de futebol, não têm mais vontade de jogar, de treinar, só querem saber de vídeo game, de soltar pipa. Para ser jogador, tem que ter vontade de jogar futebol”.

Desse modo, a vontade também se aproxima do comportamento de persistência, de não desistir do desejo de ser jogador de futebol, de insistir até surgir o momento certo, que, muitas vezes, pode vir em um ato de sorte. Acredito que “ter sorte” não se encaixa no aspecto de competência, mas sim como um fator importante para se tornar um jogador profissional, de acordo com os treinadores.

O “ter sorte” pode estar relacionado ao “estar no lugar certo e na hora certa” e ao “saber aproveitar o momento, as oportunidades”. Nesse caso, ela se aproxima à dimensão

do acaso, do fortuito. Todavia, a sorte também pode estar relacionada ao “ter alguém com influência”, ao “ter algum padrinho”. Como aponta Guedes,

Alguns contextos, nos quais a categoria “sorte” é utilizada, apontam claramente uma dimensão não fortuita: a falta de “sorte” pode ser lida como a ausência de “proteção” de alguém influente. Nesse sentido, não são os mais capazes necessariamente os escolhidos e sim os mais “protegidos” (GUEDES, 1982, p. 66).

5.4.6. Capacidade de antecipar jogadas/pensar rápido/visão de jogo

Esta é uma competência técnica, referente ao caráter de antever a jogada, pensar a jogada antes da execução, pensar rápido para dar dinâmica ao jogo, evitando que o adversário possa antecipar a jogada e impedi-la. Como disse Sérgio, “é por isso que serve o treino de dois toques e campo reduzido”, tornando o menino acostumado a essa postura. O jogador não pode demorar a pensar, pois o futebol é muito dinâmico e rápido. “Não pode dar bobeira”.

Assim, ter essa capacidade pode resolver uma partida. Ela está relacionada a diferentes habilidades técnicas e posicionamento. Ou seja, com uma visão de jogo e um passe aprimorado, o menino pode colocar alguém em situação de gol ou armar um contra-ataque, por exemplo. Ou, ainda, com um drible de corpo, ele pode deslocar o adversário, ganhar espaço. Ou a antecipação do zagueiro perante o atacante, fazendo uma leitura antecipada da movimentação adversária. “É um milésimo de segundo que faz a diferença”, dizia o treinador.

Trabalhar isso com o Sub-11 é mais complicado, pois o treinador acredita que tem que deixá-los livres nesta idade. Apesar disso, o menino é sempre orientado a tomar ações de modo mais rápido, nos jogos, apesar de o treino não enfatizar tanto.

No Sub-13, a exigência por essa capacidade é maior, sobretudo nos jogos, nos quais o treinador considera que o menino já não é mais inexperiente e nem Sub-11 para não executar tais ações. Nos treinos, essa capacidade é mais trabalhada do que no Pré-mirim, por exemplo, as atividades de ataque contra defesa, de tática em campo reduzido, que começam a ser desenvolvidas no Mirim, no intuito de serem “simulações de jogo”.

No Sub-15, os meninos treinam mais, com as atividades táticas, de movimentação, de dois toques, campo reduzido, simulações de jogo mais elaboradas. Nesse sentido, o treinador acredita que os meninos estão mais aptos e maduros para executar ações que exigem visão de jogo, de prever jogadas. Assim, um erro no jogo costuma ser visto como praticamente inadmissível e como uma “infantilidade”, uma “atitude de Sub-11”, visto que são considerados mais rodados, mais “malandros”.

5.4.7. Qualidades específicas e posicionamento em campo

Não descartando o fato da evidência que algumas competências são pautadas pelo biológico, pode-se entender que elas também podem ser desenvolvidas. Os futebolistas são moldados conforme as regras do jogo. De acordo com Damo,

Existe, portanto, uma correspondência entre as propriedades intrínsecas do jogo, circunscritas pelas regras, e as tecnologias que servem de suporte à produção de sujeitos aptos a executá-las. As propriedades intrínsecas do jogo demandam certos capitais que a formação se encarrega de incorporar aos futebolistas e, em sentido inverso, são os capitais incorporados na formação e, posteriormente, ao longo da preparação e do treinamento, os responsáveis pela dinâmica do jogo propriamente dito.

No caso dos capitais futebolísticos, há variações expressivas conforme as especializações, definidas a partir da divisão do trabalho em equipe (DAMO, 2007, p. 118).

Assim, o autor apresenta um quadro que possibilita analisar as qualidades valorizadas no jogador e sua função desempenhada na equipe, ou seja, as competências necessárias para realizar a função em uma determinada posição. Ao mesmo tempo, isso que é esperado constrói uma representação simbólica e de identidade de cada função, constantemente reproduzidos nos meios futebolísticos. Por exemplo, é comum ouvir acerca de um jogador “joga como um centro-avante de área”, “joga como um meia clássico”, entre outras. Assim, temos o quadro (DAMO, 2007, p. 118):

<u>ESPECIALIDADE</u>	<u>CARACTERÍSTICAS PRIORITÁRIAS</u>
Goleiros	Altura, envergadura, dimensão da palma da mão e atitude
Zagueiros	Estatura, imposição funcional, desarme, capacidade de recuperação

	e antecipação
Laterais	Velocidade, desarme, saída com a bola e capacidade cognitiva
Volantes	Força, desarme, habilidade, capacidade de lançamento e marcação
Meias	Criatividade, habilidade, domínio técnico, drible e finalização
Atacantes	Habilidade, velocidade, drible e finalização
Atacantes de área	Estatura, imposição funcional e finalização

Damo toma de empréstimo esse quadro a Carravetta (2001). Segundo ele,

As definições de Carravetta revelam a importância dada aos atributos biológicos – estatura (altura), envergadura, força, velocidade, etc. –, mas deixa patente que o treinamento pode potencializar tais atributos. Se, de um lado, admite que certas disposições possuem um residencial intangível à intervenção pedagógica, esclarece, de outro, que é extensa a margem de manobra dos capitais propriamente corporais. Também destaca um conjunto de competências que seriam exigidas indiscriminadamente de todos os recrutados, enquanto existem outras que são específicas para cada especialidade do trabalho em equipe, o que garante uma margem de manobra na alocação e realocação dos talentos ao longo do processo de formação (DAMO, 2007, p. 119).

6. ENSINO/APRENDIZAGEM DO FUTEBOL NA ESCOLINHA

Para desenvolver essas competências mais técnicas, citadas acima, são realizadas atividades específicas, com o intuito de trabalhar uma em particular ou mais de uma ao mesmo tempo. Esses exercícios trabalhados – aqueles já explicitados anteriormente, fundamentos básicos e táticos – são baseados no futebol profissional, porém adaptados às respectivas categorias. Eles são marcados pelo ensino de técnicas corporais próprias para a realização de um determinado movimento.

Mauss ([1934] 2003, p. 401-402), ao falar das técnicas corporais, define: “Entendo por essa expressão as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo”. Ele ainda demonstra que as técnicas corporais são seguidas por técnicas de educação, havendo um aprendizado para toda a técnica. Assim, toda técnica corporal possui ensino e aprendizagem transmitidos por meio da educação e da tradição, sendo aspectos coletivos impostos pela sociedade. E, também, essas técnicas estão relacionadas aos sistemas simbólicos de cada cultura, dispondo de várias interpretações.

Sendo assim, pode-se levar essa ideia às técnicas corporais do futebol, especificamente nas escolinhas e seu ensino. Então, se estamos tratando sobre “escolas de futebol”, entende-se que há um método, um modelo de ensino do futebol e suas técnicas aos meninos, priorizando algumas competências em detrimento de outras para formar o “bom jogador de futebol”. Porém, ter ou não as competências enumeradas anteriormente não é suficiente para tal, pois o ser “bom de bola” muitas vezes é proveniente da observação e experiência prática dos agentes sociais responsáveis pela formação do jogador. Segundo eles, há um jeito correto de correr, de cabecear, de fazer o passe, de dominar a bola, de fazer o cruzamento, de chutar, entre outros. É justamente esse jeito que eles procuram ensinar aos meninos, baseando-se nas concepções que constituem seu universo simbólico. Ao mesmo tempo, alguns entendem que o menino já nasce com a técnica, não precisando, por isso, treinar constantemente.

Observando o treino do Sub-13, o treinador comentou: “Olha o Luiz como corre feio, não corre feito jogador”. Perguntei se os garotos poderiam aprender o jeito certo, e a resposta

foi positiva, que depende de cada um, que o menino mais esperto tem mais facilidade, e que o que tem melhor coordenação motora pode desenvolver melhor. “Se tiver boa coordenação, consegue desenvolver e aprender melhor”, disse ele.

Essa passagem mostra como as técnicas podem ser ensinadas; mas, ao mesmo tempo, identifica uma concepção ligada ao caráter nato, pois é como se acreditasse que o menino já tivesse a coordenação necessária, garantindo-lhe vantagens em relação aos demais, bastando-lhe apenas aprimorar por meio dos treinos.

Dessa maneira, tem-se o processo de ensino/aprendizagem nas escolinhas, pautado por ensinamentos práticos e teóricos, principalmente entre a oposição dos dois, e por ambiguidades. O futebol possui uma ambiguidade de representações sociais, que se identificam com a ambiguidade social dos sujeitos. Ele é um articulador de saberes múltiplos, principalmente em relação ao seu ensino/aprendizado.

O fato de haver um jeito, uma técnica corporal privilegiada, gera uma situação de oposição entre o jogador “bom de bola” e o “perna de pau”. O primeiro é aquele que possui as técnicas corporais valorizadas – lembrando que por essas entendem-se aquelas que simbolizam a representação do futebol brasileiro, por exemplo, a espontaneidade –, enquanto o outro é a ausência dessas técnicas. Entretanto, ao mesmo tempo em que são tidos como insuficientes (ou parcialmente suficientes), esses últimos não estão totalmente inaptos à prática futebolística, pois existem outros meios de compensação. Entre eles, o reposicionamento do garoto, sendo colocado em uma posição que se ajusta às suas características, ou a dedicação ao aprimoramento da técnica deficitária ou de outras técnicas – por exemplo, pode compensar a falta de habilidade do drible com um bom preparo físico ou com a força. Assim, pode moldar seu corpo, instrumentalizá-lo para outras características, para desempenhar outras funções. Então, tem-se o fato de o corpo poder ser instrumentalizado, sendo formatado de acordo com as ações e suas escolhas.

De acordo com os agentes sociais, alguns alunos – aqueles considerados predispostos com a técnica valorizada no meio – possuem maior facilidade nesse processo de formatação corporal, dando a ideia de a execução do movimento ser de caráter nato. É o caso da coordenação motora, como foi citado mais acima. Sobre isso, Santos comenta que

Essa formatação do corpo a partir da inscrição de novas técnicas corporais assume, em alguns alunos, tamanho grau de complexidade que as ações tornam-se fluidas, cadenciadas, polidas, espontâneas e instantâneas, dando a impressão de ser algo “natural”, pois são acionadas e concluídas em frações de segundos, operando inconscientemente, com coordenada leveza que surpreende (SANTOS, 2007, p. 112).

No entanto, esse processo não é tão mágico quanto aparenta, visto que é gradual e doloroso, e requer prática, pois “não adianta só saber jogar, tem que treinar também” – como disse Sérgio.

A dor é um elemento importante nesse processo de incorporação das técnicas e formatação do corpo, pois superá-la requer sacrifício e dedicação, para obter um bom rendimento. Saber lidar e dominar a dor é um aprendizado corporal; e mais, acompanha a própria formação pessoal do jogador, no sentido de testar seus limites e conhecer a si mesmo, para passar pela provação em um evento futuro, isto é, pós-lesão. É preciso preparar o corpo, treiná-lo rotineiramente para suportar a dor.

Em seu estudo com os pugilistas, Wacqüant (2002, p. 114-115) afirma que eles adquiriam maior tolerância à dor submetendo-se a ela cotidianamente e com medida, ao mesmo tempo que funciona como um controle emocional. Assim também o é no futebol, mas com as suas especificidades.

Nos treinos, o treinador procura ensinar o menino a suportar a dor após uma jogada mais violenta. “Foi nada não, levanta e continua” são as orientações dele, que procura não dar muitos mimos, pois sabe que o menino tem que aprender a conviver com as jogadas mais duras. “Isso é do jogo, tem que aguentar, futebol é esporte de contato”, profere aos meninos.

Além de dolorosa, a formatação do corpo e incorporação das técnicas são processos práticos, colocados em oposição a um saber teórico. Essa oposição opera como um sistema de classificação e hierarquização. Ela aparece não apenas na formatação corporal, mas em todo o processo de ensino/aprendizagem do futebol, que é marcado pela complexidade e diversidade.

Ao estudar os trabalhadores urbanos, Guedes (1997) analisa a oposição entre saber prático e saber teórico em relação à transmissão dos conhecimentos e orientação de vida dos mesmos, que são pautadas no “saber fazer”, “mexer” e “entender”. Isso ajuda a pensar acerca do processo de ensino/aprendizagem no futebol, visto que essa oposição também é encontrada na escolinha. Assim, esse aprendizado pela prática, pautada na experiência e no fazer, ao valorizar tais ações, acaba desvalorizando o saber teórico, chegando ao ponto de resistir, de negar atividades ligadas à escola e aos conhecimentos teóricos. Porém, essa resistência ao saber teórico não é exclusividade dos alunos, pois também está presente nos agentes sociais³⁵. Um exemplo é a declaração de que os estudos geralmente costumam atrapalhar o rendimento e a sequência de treino e jogo, mesmo admitindo a sua importância. A maior parte das vezes em que o estudo aparece valorizado, diz respeito a sua importância na formação do aluno como cidadão e como uma opção ou melhoria de renda pós-carreira ou um “Plano B” em caso de fracasso na profissionalização.

Guedes demonstra situação parecida em relação aos trabalhadores, ao falar sobre a visão do *diploma* para os filhos dos mesmos, como “valorizado na sociedade mais ampla”, onde

o valor do *estudo-diploma* é medido em termos da remuneração melhor que possa proporcionar, aspecto extremamente importante porque é o que possibilitará o melhor desempenho da *responsabilidade* diante da família (GUEDES, 1997, p. 181).

A escolarização regular é um modo de observar a existência dessa relação entre o saber teórico e o saber prático presente na escolinha de futebol. Muitas vezes, escolarização e formação do jogador podem aparecer em tom de competitividade, mas também aparecem como imprescindíveis um ao outro.

Bartholo e Soares (2009, p. 1) apontam para um novo agenciamento de formação de atletas que “recruta” meninos de grupos populares, em sua maioria, que precisam investir um tempo significativo para se manterem nesse mercado competitivo da bola. Esse tempo, especificamente, começa desde cedo, aos doze anos, com duração de cinco mil horas

³⁵ O debate aparece constantemente na mídia, por exemplo, segue uma interessante matéria jornalística: <http://espn.uol.com.br/post/401047_narciso-rivellino-e-o-preconceito-de-boleiros-contra-quem-estuda-futebo>. Acesso em: 03 de Abril de 2014.

aproximadas de trabalho, voltadas para as técnicas corporais e comportamentais (DAMO, 2007).

Isso carrega uma problemática: o período de dedicação ao futebol é paralelo ao período escolar. Logo, na tentativa de conciliar os dois, o garoto precisa utilizar alguns meios para resolver as ações em que um interfere no outro, por exemplo, trocar o horário escolar ou fazer o supletivo, porém nem sempre há uma solução satisfatória, pois há casos em que uma será sobreposta a outra. Nesse caso, o jovem precisa abrir mão de uma delas, consciente ou inconscientemente, e, muitas vezes, uma escolha pode causar um constrangimento ao garoto, levando-o a alterar seu discurso, dependendo de para quem se dirige.

Fábio havia ficado uma semana sem aparecer na escolinha. Eu observava os meninos conversando, antes do treino, e alguns perguntavam o motivo de ele ter faltado. Ele, sem constrangimento e em tom de brincadeira, disse que o motivo era por ter ido mal à escola e tinha ficado de castigo. Parecia que não queria mostrar ser estudioso, talvez. Rapidamente, os colegas caíram na risada, o que não aparentava incomodar Fábio. Durante o treino, quando conversava com o treinador, Fábio foi se justificar ao mesmo. Ele disse que estava machucado, e mostrou um pequeno machucado no joelho, mas nada tão grave ao ponto de impedir a prática do futebol.

O acontecimento demonstra uma mudança de discurso do jovem e como os meninos lidam com o conflito entre escola e futebol, em certas ocasiões. Todavia, tal conflito não é exclusivo dos alunos/atletas, pois os agentes sociais também são envolvidos. Se o menino não treina porque precisa estudar ou fica de castigo por nota baixa, prejudica a sequência de treino e jogo. Isto é um fator importante no futebol, principalmente na formação de base. Como disse Sérgio certa vez: “Tem que ter sequência, não pode ficar faltando. Se quer ser jogador, tem que treinar para ter sequência, senão não consegue jogar bem na hora do jogo”. Os casos de lesões ainda são mais toleráveis, pelo fato de a recuperação física ser um fator importante nesse processo. É possível que o discurso de Fábio sobre a lesão, frente ao treinador, tenha sido utilizado como uma forma de não ser repreendido, não levar uma “bronca” por não estudar e haver uma cobrança do treinador.

No momento em que tem que escolher um e deixar o outro de lado, os meninos preferem o futebol, deixando o estudo em segundo plano, largando a escola ou diminuindo a dedicação escolar. Alguns utilizam o futebol como uma desculpa para não estudar, como disse anteriormente, frequentando a escolinha para não ficar em casa estudando. Os garotos que se dedicam ao futebol enxergam-no como um meio de ganhar a vida mais “fácil” e proveitosa do que o estudo, mesmo reconhecendo a dificuldade em profissionalizar-se. Eles preferem o saber prático ao saber teórico, tanto que a saída, na maioria das vezes, para uma carreira frustrada é arrumar um trabalho prático, sendo poucos os que têm no estudo uma segunda opção ao futebol. Entretanto, esse pensamento não é exclusivo entre os meninos, pois os agentes compartilham tal posicionamento.

Após estar perdendo, irritado com o time, Sérgio chamou a atenção de Luiz após uma jogada errada: “Essa jogada aí não pode errar, poxa, a gente treina direto, parece que desaprendeu. Desse jeito não vai ser jogador, pode arrumar um emprego, se inscrever no “Jovem Aprendiz”³⁶”.

A relação entre estudar e jogar nem sempre é harmoniosa, pois sempre aparecem em conflito, principalmente no discurso do treinador, que, em certo momento, defende a importância do estudo, e, em outro, acredita que o “jogador não pode ser todo educadinho”. Há também aqueles que buscam conciliar estudo e futebol, mas são casos menos frequentes.

Cristiano (dezoito anos), acompanhado dos pais, saiu de Vitória-ES e chegou ao treino para fazer um teste no time dos juniores. Enquanto aguardavam a chegada de Kleber, para conversarem sobre o teste, Cristiano me contava sua história e seus objetivos. Disse-me como havia conseguido o teste, “algo de sorte” (o pai de uma amiga, por acaso, viu o vídeo do garoto, que, a pedido do mesmo, entrou em contato com um amigo, o irmão de Kleber). Além disso, contou-me também que não queria largar os estudos, pois era recém-ingresso no curso de Educação Física da UFES, e sabia que era importante o estudo para não ficar

³⁶ Programas desenvolvidos por empresas, associadas ou não a instituições públicas, que visam capacitar adolescentes para inseri-los no mercado de trabalho.

sem nada depois que não tivesse mais o futebol. O objetivo dele era conciliar futebol e estudo, não largar a faculdade e não desistir do futebol.

Voltando para a relação entre saber prático e saber teórico, a oposição pode ser percebida entre os agentes, em duas direções: os que têm curso superior e os que não têm curso superior; os que jogaram profissionalmente e os que não jogaram profissionalmente. Essas duas direções possibilitam diversas configurações, uma delas é a de ter diploma e ter jogado profissionalmente. Com isso, entende-se a existência de discursos ambíguos. Certa vez, ao falar sobre formação do jogador brasileiro, Sérgio (que foi profissional e também se formou no curso superior) referia-se aos “estudiosos” e “especialistas” do futebol com certa desconfiança, pois estes não tinham a prática, “nunca jogaram bola”, ao mesmo tempo em que entendia a necessidade de se atualizar e fazer cursos (uma pós-graduação, por exemplo) voltados para o futebol. Um outro exemplo pode ser encontrado no relato de campo.

Nos primeiros dias de campo, observava o treino do profissional enquanto conversava com o treinador da equipe, Eduardo. Um dos assuntos era sobre a sua carreira e a relação entre prática e teoria. Ele me disse que não foi jogador profissional de algum time, mas participou de muitos campeonatos na época em que estava no exército, e que, com isso, tinha certa experiência de prática futebolística, além do curso de Educação Física. Falava-me sobre o fato da prática garantir-lhe um olhar diferente, um olhar além, de perceber os caminhos, os detalhes do “mundo da bola”. Segundo ele, um preparador físico, por exemplo, poderia contribuir com o seu conhecimento teórico, mas não conseguiria enxergar esses detalhes, pois não tinha a experiência prática. Imediatamente, e curiosamente, enquanto conversávamos acerca disso, um dos jogadores, que fazia o treino físico comandado pelo preparador físico, colocou a mão na perna e fez uma expressão de dor. O fato não foi percebido pelo preparador, mas o treinador percebeu e perguntou ao jogador se ele sentia dor, e, após a resposta positiva do mesmo, disse-lhe para descansar e pôr gelo. Então, o treinador virou-se para mim e disse: “Viu? Era disso que eu tava falando”.

O prático é proveniente da experiência vivida de jogador, por isso ele “já sabe os atalhos”, tem uma visão mais aguçada. O teórico é proveniente do diploma, “nunca jogou bola”, por isso não consegue enxergar os detalhes. Ter um ou outro pode garantir uma posição de privilégio em uma determinada situação e hierarquizar as posições de cada um. Entretanto, possuir os dois saberes permite aos agentes sociais se posicionarem nas duas dimensões e operacionalizarem os dispositivos simbólicos de acordo com o contexto em que se encontram.

É importante destacar essa noção acerca da “visão”, do olhar, relatada acima. Ela não é um privilégio apenas para os agentes sociais, sendo também um fator importante que o jogador tem disponível em campo. Por isso, é uma competência benquista e ensinada aos meninos. Como foi visto, as atividades realizadas nos treinos são puramente mecânicas, sem planejamentos prévios, buscando simular situações de jogo, com o intuito de adquirir o costume e sensibilidade da ação realizada. Por isso, elas são realizadas de modo incessante, repetitivo e constante. É treinar o tato, o falar, a visão, principalmente, ou seja, os sentidos (os zagueiros precisam ter a sensibilidade do contato na hora de marcar; o meia tem que ter a visão de jogo; os jogadores precisam se comunicar, o capitão tem que orientar os seus companheiros, esbravejar, dialogar com o árbitro). Então, atributos considerados de caráter biológicos e natos do jogador podem ser treinados por meio da prática.

Logo, os treinos práticos têm o intuito de alcançar tais objetivos; pois, além de vistos como biológicos, são ressignificados como um ato construído socialmente (SANTOS, 2007, p. 112).

Dentre eles, o olhar é o mais treinado, é o que mais aparece nos treinos e nas atividades. Constantemente, o treinador pede para os garotos “olharem o jogo”, “prestarem atenção”, “olharem a marcação”, “olharem a bola antes do chute” e “preverem a jogada”, para adestrá-los a realizarem no jogo. Por isso, os constantes pedidos para o garoto, na linguagem nativa, “ler o jogo”, põem em prática essas ações já internalizadas por eles a partir dos treinamentos. Esse treinamento do “olhar” não é exclusividade do futebol. Sobre o *sparring* no boxe, Wacqüant afirma

Em primeiro lugar, o *sparring* é uma educação dos sentidos e, sobretudo, das faculdades visuais; o estado de urgência permanente que o define suscita uma reorganização progressiva dos hábitos e das capacidades perceptivas.

Para perceber isso, basta acompanhar a transformação que se opera na estrutura e na extensão do campo visual à medida que se progride no *gradus* do *sparring*. Durante todas as primeiras sessões, minha visão ficou parcialmente obstruída por minhas próprias luvas, saturada pelos sinais que afluíam de todas as partes sem ordem nem significação (...). Experimentei, então, a maior dificuldade para fixar meu olhar sobre o meu adversário e para ver seus punhos vindo em minha direção, assim como ignorava os indícios que supostamente poderiam me ajudar a antecipar os seus golpes. Ao longo das sessões, meu campo visual clareou, ampliou-se e reorganizou-se: consegui bloquear as solicitações externas e discernir melhor as evoluções de quem estava diante de mim, como se minhas faculdades visuais aumentassem à proporção que meu corpo se moldava no *sparring*. E, sobretudo, adquiri pouco a pouco o “golpe de vista” específico que me permite adivinhar os ataques de meu adversário, lendo os primeiros sinais em seus olhos, na direção de seus ombros ou nos movimentos de suas mãos e de seus cotovelos (WACQUANT, 2002, p. 107-108).

No futebol, ter “visão de jogo” – como visto anteriormente como uma competência – significa saber “ler o jogo” e suas ações para antecipar-se aos adversários e vencê-los. Isso é possível com os treinos e com exaustiva repetição das técnicas corporais. Assim, para cada ação há uma técnica que é ensinada no cotidiano dos treinos, podendo ser em ações separadas ou em atividades de simulações de jogo. De acordo com o treinador, portanto, há uma maneira de executá-las, e ele sempre busca passá-la aos alunos. Seguem-se alguns exemplos. O ato de cabecear exige uma mescla de movimentos para que a execução seja perfeita: impulsionar com o corpo ereto, braços levemente abertos, cabecear a bola na direção reta da testa e de olhos abertos. O passe tem que ser feito com a parte interna do pé. Na hora do chute, o pé de apoio tem que estar próximo à bola. Para realizar o cruzamento, é preciso “fazer o arco” antes de chutar a bola, isto é, fazer um movimento curvo antes de chegar à bola. Os goleiros têm suas técnicas de saltos e queda para não se machucarem.

Todavia, vale lembrar ainda que esse adestramento do corpo – do “olhar” e do fazer – não se limita ao espaço-tempo do treino, pois os meninos sempre, consciente ou inconscientemente, estão em contato com outras práticas e espaços futebolísticos. Por exemplo, a “pelada” pós-treino, mesmo que uma brincadeira, sempre gera um aprendizado, acrescentando algum valor ao garoto. O mesmo vale para o futebol na rua, o treino de futsal na escola, os jogos de futebol no vídeo game, os vídeos do futebol profissional, os

programas esportivos na TV, reportagens em jornais e revistas. Tudo isso funciona como um aprendizado extra à escolinha, além de servir como um fator de sociabilização entre os alunos e de incorporação de um estilo de vida e identidade de “boleiro”.

Portanto, o ter jeito ou não para o futebol faz parte do sistema simbólico do treinador, marcado pela sua experiência prática de jogador (a representação do seu universo simbólico de “boleiro”) e pela experiência teórica de diplomado (o modelo da “ciência esportiva”, do cientificismo, proveniente de um futebol cada vez mais especializado e que exige novas formas de pensamento).

O futebol atual, no domínio do campo profissional, exige, cada vez mais, especializações no que tange às posições desempenhadas pelos jogadores dentro de uma equipe (...) Essas especializações estão sendo pensadas à luz de novas metodologias “científicas” aplicadas ao esporte de alto rendimento (SANTOS, 2007, p. 93).

Com isso, as concepções características da lógica da prática, e tudo aquilo relacionado a ela, interagem com a “cientifização”, a racionalização dos métodos de ensino/aprendizagem das técnicas futebolísticas. Nas palavras de Santos,

(...) o referencial simbólico dos agentes sociais dialoga (ou mesmo determina) com a cientificidade das “ciências do esporte” implementadas no universo do futebol, visto que a fluidez de suas concepções é colocada em perspectivas culturais diversificadas, sendo postas em dúvida, negadas e, certamente, re-significadas (SANTOS, 2007, p. 94).

A escolinha é um espaço de rivalidade entre o saber prático e o saber teórico, como pode ser percebido na preferência do menino pelo futebol – seja por conta da necessidade exaustiva da prática do treino, como apontado acima, quanto opcional do menino como fuga dos estudos –, nas atitudes, discursos e posições dos agentes sociais e suas práticas de ensino.

No entanto, ao mesmo tempo, a escolinha também aparece como um espaço de conciliação entre esses dois saberes, a começar pelo discurso da necessidade de estar matriculado no ensino escolar formal e ter boas notas para treinar na escolinha de futebol. Essa conciliação vai além, pois também é percebida no processo de ensino/aprendizagem do futebol. Nesse caso, o treinador é uma figura importante nesse diálogo, por ter sido uma

pessoa com a experiência prática de jogador de futebol e por ter a teoria de um diplomado em Educação Física. Assim, nos treinos, é perceptível a aplicação dessa comunhão, sobretudo quando busca cientificar os métodos práticos de ensino, baseando-se em motivos teóricos e práticos para a utilização de um exercício.

Os dois modelos de ensino dialogam entre si e (re) organizam o sistema simbólico do treinador e suas concepções de ensino, que lança mão dos diversos dispositivos de cada um deles, de acordo com a situação em que se encontra.

Portanto, se o aprendizado das técnicas corporais voltadas à prática do futebol está em sintonia com o universo simbólico dos agentes sociais que o produzem e reproduzem nas atividades cotidianas dos treinos, pode-se afirmar que não se aprende alguma técnica, mas sim daquelas técnicas valorizadas no meio futebolístico, congregando, se possível, concepções de lógicas distintas. As técnicas corporais mais valorizadas pela lógica dos profissionais são aquelas que produzem resultados efetivos do ponto de vista do alto rendimento: vencer o adversário possibilitando maiores chances de marcar, ou evitar que sejam marcados os tentos, sendo imprescindível o resultado final das partidas. Por outro lado, há também aquelas que dialogam com a lógica dos torcedores e especialistas, na qual a plasticidade-estética das técnicas corporais, no emprego de enganar o adversário, resulta na exacerbação da emoção, exercendo forte fascínio (SANTOS, 2009, p. 241).

Então, o que é encontrado na escolinha não é a sobreposição de um modelo de ensino/aprendizagem em prol de outro, mas sim de configurações que se utilizam de mecanismos das duas lógicas, sendo construídas no cotidiano dos treinos. Esses dois modelos estão imbricados, sobrepondo-se, entram em conflito ou se complementam, de acordo com as situações, com as ações e as escolhas. Eles coexistem nesse processo de ensino/aprendizagem do menino na escolinha de futebol. Não há um “jeito certo”, e sim um jeito construído historicamente, socialmente, culturalmente, e momentaneamente, nas situações cotidianas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desafio de fazer um trabalho antropológico sobre futebol, no sentido de ser um tema próximo ao autor, fazendo parte diariamente de uma experiência de vida, é tentando se distanciar de uma observação comum e próxima a dos nativos para conseguir um olhar de contraposição entre o “eu” e o “outro”, um olhar de estranhamento.

Se, por um lado, há uma possível “facilidade” por conta dessa proximidade com o tema e o trabalho de campo (em se tratando de sua entrada), por outro lado, tem-se a dificuldade em justamente fazer essa contraposição, separar o “pensamento de nativo” e o “pensamento de observador”.

No entanto, mesmo com essa aproximação ao tema, a pesquisa trouxe surpresas, indagações e reflexões sobre aspectos do que era concebido como “conhecido”, além de aspectos novos e “desconhecidos” pelo autor. Logo, permitindo novos olhares sobre o “eu”. Assim, junto a essa mudança de postura, proveniente desse processo antropológico de conhecer o outro e olhar a si mesmo, tem-se o esforço da tentativa de fazer uma etnografia na escolinha de futebol do Linhares Futebol Clube. Com isso, buscar compreender o processo de formação do jogador de futebol, o ensino/aprendizagem do futebol em uma escolinha de uma cidade média brasileira (Linhares-ES), localizada fora dos grandes centros do futebol brasileiro.

De modo mais específico, buscar compreender alguns fatores que envolvem o processo de formação do jogador, as competências presentes em cada etapa (categorias) e as estratégias e decisões dos atores, principalmente dos agentes sociais educadores.

O trabalho começa com a relação do autor com o tema, que é apresentado em seguida. Após isso, é feita uma breve contextualização histórica do futebol brasileiro, sobretudo relacionada às mudanças ocorridas nos processos de formação do jogador brasileiro. Essa parte é importante para entender o fenômeno das escolinhas, que é desenvolvido na sequência. Porém, antes disso, é feita a análise da relação entre esporte e jogo. Um importante debate para compreender duas dimensões existentes no futebol, de modo geral, e também no caso específico da escolinha. Assim, buscando compreender que, mesmo sendo tratadas como duas concepções opostas, elas se complementam e se relacionam.

Feito isso, tem-se a análise acerca da formação do jogador, abordando aspectos mais particulares do processo histórico, para adentrar na temática das escolinhas, e; então, buscar compreender o fenômeno das escolinhas e sua relação com o futebol brasileiro. Para finalizar a primeira parte, é abordado o recorte empírico, a escolinha do Linhares F.C. Desse modo, inicialmente, é realizada a introdução sobre a sua cidade-sede, na qual é apresentada a relação desta com o futebol local. Essa parte é importante, pois está ligada à fundação da escolinha e do clube. Então, em seguida, tem-se um breve histórico da escolinha e uma apresentação geral do seu funcionamento, especificidades e cotidiano.

Para apresentar um estudo mais aprofundado da escolinha, abordando o processo de formação nesse espaço, a segunda parte é dividida em duas. Primeiro, buscando analisar as especificidades de cada categoria, as suas competências específicas e as competências gerais – que envolvem o que é preciso para ser jogador de futebol – encontradas no trabalho de campo. Segundo, abordando o ensino/aprendizagem em si, e seu processo de transmissão e incorporação das técnicas, que é marcado por um conflito entre saber prático e saber teórico.

Como foi visto, inserido no capitalismo e globalização, o futebol passou a ser entendido como negócio, sendo marcado por novos personagens influentes – os agentes/empresários e as escolinhas – nesse processo, criando-se um tipo específico de formação/produção do jogador.

Ao relacionar modernização, futebol e o fenômeno das escolinhas, Pimenta (2000, p. 81) aponta para uma alteração do perfil dos futuros jogadores: antes de origem popular, agora originários das camadas médias e altas. E completa afirmando que, por conta disso, o futebol não seria mais um meio de mobilidade social como outrora.

Contudo, uma afirmação dessas ainda precisa ser melhor analisada. É preciso um estudo mais detalhado sobre a origem dos jogadores, dos candidatos e dos que alcançam a profissionalização. Atualmente, é muito grande a atuação de projetos sociais voltados para o futebol, visando à formação de jogadores e/ou garantia de melhoria de condições de vida dos meninos. Alguns projetos e escolinhas têm como discurso, além da forma direta (profissionalização no esporte), o futebol como meio indireto de melhoria de vida, ou seja, como porta de entrada para outros interesses do menino, por exemplo, um curso, um

trabalho, uma atividade voltados para o futebol e/ou esporte de modo geral, e também como um meio de aprendizado para a vida.

Portanto, ainda é preciso certo cuidado ao afirmar que o futebol não é mais um veículo de mobilidade social. Acrescenta-se a isso a ideia de que toda escolinha de futebol é composta por meninos de camadas mais altas, não tendo espaço para as camadas populares, por conta dos altos preços das mensalidades. Entretanto, nem sempre é o que acontece. Logicamente, muitas funcionam dentro da lógica capitalista, obter lucro, ganhar na venda de jogadores, sustento para ex-jogadores de futebol. Porém, o funcionamento e a sociabilidade delas são marcados por aspectos que muitas vezes não dizem respeito a questões de caráter numérico, estatístico, instrumentalista. Assim, é importante dedicar um olhar mais atencioso à prática, ao empírico, no intuito de tentar compreender o que de fato ocorre.

Certamente, as escolinhas abriram possibilidades para jovens de grupos médios e altos da sociedade se tornarem jogadores, além de ser uma forma de lazer. Todavia, da escolinha para uma profissionalização o caminho é muito distante, apesar de ser um facilitador.

Quando dava aula em uma escola particular da cidade, percebia que o interesse dos meninos por futebol estava mais no senso de torcedor. Pouquíssimos demonstravam interesse em se profissionalizar, seguir a carreira de futebolista. Uma vez, ao perguntar aos alunos acerca da escolha da carreira, apenas um demonstrou interesse pela carreira de futebolista. Em se tratando do campo de pesquisa, a maioria dos meninos não era de camada média e alta. O Brasil tem adquirido certo crescimento econômico, ganhando uma relativa projeção econômica, sendo preciso fazer um retrato melhor sobre os tipos de camadas sociais, o que as caracterizam, quem são os seus componentes, os fatores que levam um indivíduo a pertencer a determinado grupo.

Quero dizer com isso que ainda é preciso uma análise mais sólida para postular a existência de uma mudança radical no perfil sócio-econômico dos jogadores, mesmo se tendo em conta uma “elitização” do futebol brasileiro, e que as escolinhas são fornecedoras de atletas para o futebol de espetáculo. Muito menos afirmar que elas visam unicamente à obtenção de lucro.

Por fim, a escolinha não é um lugar unicamente marcado por um saber cientificizado, teórico, disciplinado, como sendo uma ruptura com o modelo romântico de representação do estilo de futebol brasileiro. Tampouco é um local caracterizado por um único modelo de ensino/aprendizagem, pautado pela lógica da prática ou concepções naturalizadas acerca do jogador. Ela é um local marcado por oposições que estão envolvidas nessa representação à brasileira (arte x força; liberdade x disciplina; prática x teoria; nato x apreendido; jogo x esporte). Mas também, ela é um local onde tais oposições se complementam e adquirem novos significados, refazem-se e se renovam.

Assim, a escolinha é um espaço onde tais concepções dialogam entre si, se reiventam e se ressignificam, tornando-se instrumento de perpetuação não apenas da representação romântica do “jeito brasileiro” ou de um “jeito” considerado oposto, mas também desses seus ressignificados e transformações, na qual, de acordo com o contexto e a situação, uma prevalece sobre a outra ou atuam em conformidade. E mais, a escolinha também é um espaço de sociabilidade de uma juventude masculina local, de ensino/aprendizagem das práticas futebolísticas e preparação de jogadores para o time principal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALABARCES, Pablo (org.). *Peligro de gol*. Estudios sobre deporte y sociedad em América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

ARCHETTI, Eduardo. *Masculinidades*. Fútbol, tango y polo en la Argentina. Buenos Aires: Antropofagia, 1999.

CARRANO, Paulo César (org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

CARRAVETTA, Élio. *O jogador de futebol: técnicas, treinamento e rendimento*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001.

COSTA, Márcia; FLORENZANO, José; QUINTILHO, Elizabeth; D'ALLEVEDO, Silvia; SANTOS, Marco Antônio (orgs.). *Futebol: espetáculo do século*. São Paulo: Musa Editora, 1999.

DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, Roberto (org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMO, Arlei Sander. Do dom à profissão: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 435 f. *Tese* (Doutorado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

_____. *Do dom à profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., ANPOCS, 2007.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A Busca da Excitação*. Lisboa: DIFEL, 1985.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. (orgs.). *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GASTALDO, Édison; GUEDES, Simoni. (orgs.). *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol*. Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GUEDES, Simoni Lahud. Subúrbio: celeiro de craques. In: DAMATTA, Roberto (org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

_____. *Jogo de corpo*. Niterói-RJ: EDUFF, 1997.

_____. *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói-RJ: EDUFF, 1998.

_____. De criollos e capoeiras: notas sobre futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil. In: GASTALDO, Édison; GUEDES, Simoni. (orgs.). *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006.

_____. A produção das diferenças na produção dos estilos de jogo no futebol: a propósito de um texto fundador. In: HOLLANDA, B.B.; BURLAMAQUI, L. G. (Org.). *Desvendando o jogo*. Nova luz sobre o futebol. 1ed. Niterói-RJ: EDUFF, 2014, v. 1, p. 153-172.

GUEDES, Simoni; NOVAES, R.B; OLIVEIRA Filho, P. Meninos e meninas no campo de futebol: concepções de gênero em um projeto social. In: GUEDES, Simoni (org.). *Gênero e sexualidade: estudo em torno da PESB*. Niterói-RJ: Intertexto, 2004.

GUEDES, Simoni; DAVIES, Julio; RODRIGUES, Michelle; SANTOS, Rafael. Projetos sociais esportivos: notas de pesquisa. *Anais do XII Encontro Regional de História*. Rio de Janeiro: ANPUH, 2006.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, [1938] 1993.

LOVISOLO, Hugo Rodolfo; RIBEIRO, Carlos Coelho. Do estilo do futebol brasileiro aos manuais de seu ensino. In: XI CONLAB – Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais: Diversidades e (Des)Igualdades. *Anais eletrônicos*. Salvador, 2011.

MAGALHÃES, Livia. *Ensino e Memória*. Histórias do Futebol. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2010.

MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

_____. Ensaio sobre a dádiva. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MELO, Victor Andrade de. Futebol: que história é essa? In: CARRANO, Paulo César (org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

MELLO E SOUZA, Laura de. *Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

MURAD, Mauricio. Futebol e cinema no Brasil 1908/1998. In: COSTA, Márcia Regina; FLORENZANO, José Paulo; QUINTILHO, Elizabeth; D'ALLEVEDO, Silvia Carbone; SANTOS, Marco Antônio (orgs.). *Futebol: espetáculo do século*. São Paulo: Musa Editora, 1999.

PARAÍSO, Maria Hilda. Repensando a política indigenista para os Botocudos no século XIX. *Tese de Mestrado*, UFBA. E ainda, MARCATO, Sônia de Almeida. Repressão contra os Botocudos em Minas Gerais. *Boletim do Museu do Índio*, nº 01, maio, 1979.

PIMENTA, Carlos Alberto M. *Torcidas organizadas de futebol*. Violência e autoafirmação: aspectos da construção das novas relações sociais. Taubaté-SP: Vogal Editora, 1997.

_____. Novos processos de formação de jogadores de futebol e o fenômeno das escolinhas: uma análise crítica do possível. In: ALABARCES, Pablo (org.). *Peligro de gol*. Estudios sobre deporte y sociedad em América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

_____. *Sociologia da Juventude: futebol, paixão, sonho, frustração, violência*. Taubaté-SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2006.

RIAL, Carmen S. M. Futebol e mídia: a retórica e suas implicações na identidade nacional, de gênero e religiosa. In: *Antropolítica*. Niterói, n. 14, pp. 61-80, 1. sem. 2003.

SANTOS, Claudemir José dos. Repensando o estilo à brasileira: escolinhas de futebol e aprendizagem esportiva. In: TOLEDO, Luiz Henrique; COSTA, Carlos Eduardo (orgs.). *Visão de jogo: antropologia das práticas esportivas*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.

_____. Futebol se aprende na escola: novas práticas de sociabilidade esportiva no contexto urbano. 2007. 131f. *Dissertação* (Mestrado em Ciências Sociais) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, 2007.

SANTOS, Tarcyane Cajueiro. Globalização, mundialização e esporte: o futebol como megaevento. In: ALABARCES, Pablo (org.). *Peligro de gol*. Estudios sobre deporte y sociedad em América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; BARTHOLO, Tiago Lisboa. Mercado, escola e a formação de jogadores de futebol no Brasil. In: *Anais eletrônicos - 32ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação*. Caxambu-MG, 2009.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; MELO, Leonardo Bernardes Silva De; COSTA, Felipe Rodrigues da; BARTHOLO, Tiago Lisboa; BENTO, Jorge Olímpio. Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Florianópolis, v.33, n.4, p.905-921, 2011.

SOARES, Geralda Chaves. *Os Borum do Watu: Os índios do Rio Doce*. Contagem: Cedefes, 1992.

TOLEDO, Luiz Henrique. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas-SP: Autores Associados/ANPOCS, 1996.

_____. *No país do futebol*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000a.

_____. Lógicas no futebol: dimensões simbólicas de um esporte nacional. 2000. 322 f. *Tese* (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000b.

_____. Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982-2002). *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*. BIB. n. 52, São Paulo, 2º semestre de 2001, pp. 133-165.

TOLEDO, Luiz Henrique; COSTA, Carlos Eduardo (orgs.). *Visão de jogo*. Antropologia das práticas esportivas. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.

VOGEL, Arno. O momento feliz: reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DAMATTA, Roberto (org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e Alma*. Notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

Filmes

Giorgetti, Ugo 1998 *Boleiros* (São Paulo: Secretaria do Estado da Cultura do Estado de São Paulo – TV Cultura).

Fontes, Arthur & Salles, João Moreira, 1998, *Futebol* (Rio de Janeiro: GNT).

ANEXOS



Foto 1: Entrada do CT do Linhares F.C./Escolinha. Pelos lados da entrada, segue o alto muro branco, como pode ser visto nas imagens abaixo.



Foto 2: Estrada que dá acesso ao CT.



Foto 3: Extensão dos muros do CT.



Foto 4: Entrando no CT, à esquerda, tem-se a despensa/secretaria, para guardar o material de treino, composta de uma pequena varanda, utilizada como espaço de preparação para o treino, conversa e espera.



Fotos 5 e 6: Na primeira (esquerda), o acesso ao campo de treino, demarcado por uma mureta (espécie de alambrado). Ao fundo, encontra-se o campo de treino do time profissional (campo 3). A segunda foto (direita) mostra o bebedouro, acompanhado pela casa do caseiro, à esquerda, e o bicicletário, à direita.



Fotos 7, 8 e 9: Disposição do treino físico-tático do Sub-15, dividido em três turmas.



Fotos 10 e 11: Treino do Sub-13. Na primeira, os alunos fazem a primeira parte do treino, o aquecimento, correr conduzindo a bola. Percebe-se que alguns fazem “migué”. Na segunda, é a parte dos fundamentos básicos. O treinador demonstra como deve ser feita a atividade, devolver a bola de primeira com a parte interna do pé.



Fotos 12 e 13: Treino do Sub-13. Os alunos trabalham fundamentos táticos e básicos em situações de jogo. A atividade consiste em criar situações de gol e trabalhar a defesa, podendo haver variações dela, tais como 1 defensor x 1 atacante, 1 defensor x 2 atacantes ou 2 defensores x 3 atacantes. Na primeira foto, o treinador explica aos alunos como deve ser realizado o trabalho. Na segunda foto, o atacante procura vencer o defensor e finalizar para o gol, sob a observação e indicações do auxiliar.



Foto 14: Final do treino do Sub-11, finalizando com as cobranças de pênalti. Cada um realiza uma cobrança, sendo liberado após a execução.



Foto 15: Treino do Sub-15. Enquanto os jogadores de linha fazem os trabalhos físicos, táticos e básicos, os goleiros treinam separados.



Foto 16: Treino do Sub-15. Atividade para trabalhar a parte tática e de fundamentos básicos (domínio e passe), seguida de situações de jogo e finalização. Na foto, o treinador orienta o que os alunos devem fazer.



Foto 17: Treino do Sub-15. Os alunos realizam um “coletivo diferente”, focando no ataque contra a defesa, buscando trabalhar a movimentação e a inversão de jogadas e de posicionamentos. Na foto, percebe-se a participação de alguns jogadores “97”, que já estouraram a idade da categoria.



Foto 18: Treino do Sub-13. Atividade de fundamentos básicos, visando trabalhar a coordenação motora e o chute de finalização para o gol.



Foto 19: Treino do Sub-13: Em duplas e enfileirados, orientados pelo auxiliar, os alunos realizam as atividades de fundamentos básicos, trabalhando o domínio e o passe. A atividade consiste em dominar a bola (peito, coxa e pé – uma seção para cada) e, sem deixar a bola quicar, fazer o passe de volta para o colega.



Foto 20: Treino do Sub-11. Orientados pelo treinador, os alunos desenvolvem os fundamentos básicos, do mesmo modo que os alunos do Sub-13 da foto anterior.



Foto 21 e 22: Treino do Sub-11. A primeira foto (esquerda) mostra uma das atividades desenvolvidas no começo do treino, após o alongamento. A atividade consiste em fazer “embaixadinhas”, visando o controle de bola de maneira lúdica. A segunda foto (direita) é a demonstração de uma das atividades desenvolvidas nos fundamentos básicos, no caso a de finalização para o gol.



Foto 23: Treino do Sub-15. Em um dia atipicamente nublado, os alunos realizam atividades de fundamentos básicos, menos frequentes e um pouco mais diferenciados em relação às outras duas categorias.



Fotos 24 e 25: Treino do Sub-11. No começo do treino era comum os alunos fazerem uma atividade mais lúdica, visando trabalhar a coordenação, a descontração e até mesmo a competitividade (dependendo da atividade). As fotos demonstram alguns exemplos dessa parte do treino.



Foto 26: Momento de oração do Sub-11, antes do jogo, acompanhados pelo treinador.



Foto 27: Momento de oração do Sub-13, antes do jogo. Diferente do Sub-11, a iniciativa era própria dos jogadores.



Foto 28: Momento de oração do Sub-15, antes do jogo. Assim, como o Sub-13, a iniciativa partia dos jogadores, mas elaboradas de modo mais enfático e seguidas de incentivos.



Foto 29: Os jogadores do Sub-15 consolam uns aos outros após perderem, nos pênaltis, a final da Copa da Cidade.



Foto 30: Antes de o jogo começar, o treinador ensina e orienta os meninos o modo como eles devem se organizar para a pose na foto.



Foto 31: Intervalo de jogo e o treinador passa as instruções ao time do Sub-15.



Foto 32: Intervalo de jogo do Sub-13, e os meninos atentos às instruções do treinador.



Foto 33: O Sub-11 ouve as instruções no intervalo de jogo.